



Universidade do Minho

Escola de Arquitetura, Arte e Design

Cristiana Beatriz Martins de Lima

**O design emocional e a influência na escolha da
creche**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Design de Produto e Serviços

Design de produto e Serviços

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)

Professor Doutor Bernardo Providência

Doutora Rosana Alexandre

Julho 2021

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Bernardo Providência e Rosana Alexandre que sempre estiveram prontos para me apoiar e guiar neste processo de aprendizagem, pessoal e acadêmica; um especial agradecimento à Rosana pela sua dedicação e por semana após semana mostrar disponibilidade e interesse na evolução do projeto; um sincero obrigada;

Às creches que deram o seu contributo para que este estudo fosse possível, em especial à educadora e coordenadora Palmira Abreu da creche Casa do Povo de Vitorino de Piães, à doutora Rosana e à educadora Lígia do Centro Social e Paroquial da Facha, à educadora e coordenadora Marta Matos da Creche Casa de Magalhães, ao provedor Alípio Matos e à doutora Susana da Santa Casa da Misericórdia;

A todos os encarregados de educação que se mostraram disponíveis e participaram nos questionários;

Aos meus pais, por me incentivarem e acreditarem em mim; aos meus irmãos por todo o amor, amizade e paciência;

Ao Duarte, por estar sempre lá, por todo o amor e carinho que teve durante este percurso, pela força que me dá e por acreditar sempre em mim;

À Catarina, à Sofia e ao Ricardo pelo apoio, por estarem sempre lá;

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a finalização de mais uma etapa da minha vida.

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

A presente investigação ambiciona averiguar o papel do design emocional no contexto da creche, através da perspetiva dos encarregados de educação. Pretende-se compreender de que forma o design está relacionado com a escolha de um espaço para o bebé. Existe a intenção de explorar e perceber se a forma como um espaço é projetado consegue evocar sentimentos nos encarregados de educação.

Foi escolhido o espaço de creche por ser a alternativa mais comum para pais que voltam a exercer a sua atividade após o nascimento do bebé. A ausência de família próxima e o envolvimento da mãe no mundo do trabalho tornam a escola de educação infantil no parceiro ideal para apoiar os pais.

Sabemos que as emoções acompanham a vida do Homem e são elementos essenciais no comportamento humano. Desta forma torna-se relevante compreender que aspetos da creche são considerados fundamentais e que sentimentos surgem relacionados com estas características para os encarregados de educação.

Para verificar esta questão iniciou-se o trabalho com uma revisão da literatura. Foi feita uma abordagem ao design e ao design emocional a partir de Donald Norman, Patrick Jordan e Pieter Desmet. Posteriormente, foram explorados conceitos de desenvolvimento e aprendizagem do bebé. De seguida exploram-se os conceitos de educação infantil onde é feita uma análise de três metodologias de educação distintas, Montessori, Reggio Emilia e Waldorf. É também analisada a relação entre educação e design, permitindo estudar o espaço como ferramenta educativa. Por fim, foi desenvolvido um questionário e aplicado em cinco creches do concelho de Ponte de Lima, para verificar estas questões de partida.

Com a aplicação do questionário foi possível compreender as características que se destacam e que parecem ser alvo de preferência dos encarregados de educação, podemos referir o ambiente familiar, a organização, a funcionalidade e o mobiliário como fatores mais relevantes. Foi possível, também, identificar sentimentos positivos como, a segurança, a tranquilidade e a alegria gerados pelo contacto com o espaço e pela interação da visita. Contudo, também foram identificados sentimentos negativos como, confusão e sensação de antigo, associados à creche mais antiga das cinco avaliadas.

Palavras-chave: Design emocional, Encarregado de educação, Educação, Infância, Espaço.

Abstract

This research aims to investigate the role of emotional design in day nursery settings through the perspective of parents. The aim is to understand how design is related to the choice of a space for the baby. The intention is to explore and understand if the way a space is designed can evoke feelings in parents.

The nursery school space was chosen because it is the most common alternative for parents who return to work after the birth of their baby. The absence of close family and the mother's involvement in the world of work make the day nursery the ideal partner to support parents.

We know that emotions accompany human life and are essential elements in human behaviour. Thus, it is relevant to understand which aspects of day nursery are considered fundamental for parents and which feelings arise related to these characteristics.

To verify this question the work began with a bibliographic research where a literature review is made. An approach was made to design, emotional design and to three authors, Donald Norman, Patrick Jordan and Pieter Desmet. Subsequently, concepts of infant development and learning are explored. This is followed by a research of concepts of early childhood education where an analysis of three distinct education methodologies, Montessori, Reggio Emilia and Waldorf is made. The relationship between education and design is also analysed, allowing to study the space as an educational tool. Posteriorly, a questionnaire was developed and applied in five day nurseries in the municipality of Ponte de Lima, to verify these starting questions.

With the application of the questionnaire, it was possible to understand the characteristics that stand out and that seem to be the target of preference of the parents, we can refer the family environment, the organisation, the functionality and the furniture as the most relevant factors. It was also possible to identify positive feelings such as safety, tranquillity and joy generated by the contact with the space and the interaction of the visit. However, negative feelings such as disarray and feeling of old were also identified, associated with the oldest day nursery of the five evaluated.

Keywords: Emotional design, Parents, Education, Childhood, Space.

Índice

Agradecimentos.....	III
Declaração de integridade	V
Resumo.....	VII
Abstract.....	IX
Índice de figuras.....	XV
Índice de tabelas	XVII
PARTE I INTRODUÇÃO	1
Introdução.....	3
Objetivos	5
Metodologia.....	6
Estrutura	7
PARTE II ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
1 DESIGN.....	11
Introdução ao design	13
A emoção e o cérebro.....	15
<i>Sentimentos e emoções</i>	16
<i>Emoção</i>	16
Design emocional	17
<i>Donald Norman</i>	18
<i>Patrick Jordan</i>	20
<i>Pieter Desmet</i>	21
Considerações ao capítulo 1	22
2 A FAMÍLIA E O BEBÉ	23
A criança	25
Estímulos sensoriais e o bebé	26
A família	27
A mãe	29
Relação mãe bebé	30
Creche	32
Considerações ao capítulo 2	34

3 EDUCAÇÃO E DESIGN.....	35
Educação	37
<i>Montessori</i>	38
<i>Reggio Emilia</i>	39
<i>Waldorf</i>	40
Educação e Design	41
O Espaço.....	42
<i>Montessori</i>	45
<i>Reggio Emilia</i>	47
<i>Waldorf</i>	49
A psicologia dos espaços	51
Considerações ao capítulo 3	52
PARTE III DESENHO DA METODOLOGIA	53
Ferramentas de avaliação	55
<i>Questionário</i>	55
Enquadramento.....	58
Colaborações.....	59
Creches visitadas.....	61
<i>Casa do Povo de Vitorino de Piães</i>	61
<i>Centro Paroquial e Social da Facha</i>	62
<i>Creche Casa de Magalhães</i>	63
<i>Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima e Centro Comunitário de Arcozelo</i>	64
Desenho do questionário	65
<i>Justificação dos questionários</i>	65
Considerações ao capítulo 4	72
PARTE IV ESTUDO.....	73
Análise da Parte A do questionário	75
Análise da Parte B do questionário.....	79
Análise da Parte C do questionário.....	86
Considerações ao capítulo 5	94
PARTE V CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

APÊNDICES.....	111
Apêndice 1 Email enviado às creches	113
Apêndice 2 Questionário.....	115
Apêndice 3 Resumo da análise dos resultados do questionário - Parte C.	119

Índice de figuras

Figura 1 - Ambiente Montessori.	45
Figura 2 - Ambiente Montessori.	45
Figura 3 - Tarefas diárias Montessori.....	45
Figura 4 - Espaço Reggio Emilia.	47
Figura 5 - Parede em vidro.....	47
Figura 6 - Espaço Reggio Emilia.	48
Figura 7 - Espaço Waldorf.	49
Figura 8 - Materiais Waldorf.	49
Figura 9 - Playstand.....	50
Figura 10 - Espaço da creche.	61
Figura 11 - Espaço da creche.	61
Figura 12 - Espaço da creche.	61
Figura 13 - Exemplo de mobiliário.....	61
Figura 14 - Espaço exterior.	62
Figura 15 - Espaço da creche.	62
Figura 16 - Espaço da creche.	62
Figura 17 - Espaço da creche.	62
Figura 18 - Entrada da creche.....	63
Figura 19 - Espaço exterior.	63
Figura 20 - Espaço da creche.	63
Figura 21 - Espaço da creche.	63
Figura 22 - Creche Ponte de Lima.....	64
Figura 23 - Creche Ponte de Lima.....	64
Figura 24 - Creche Centro Comunitário de Arcozelo.	64
Figura 25 - Creche Centro Comunitário de Arcozelo.	64
Figura 26 - Nuvem de ideias da questão C1.....	86
Figura 27 - Nuvem de ideias da questão C2.....	87
Figura 28 - Nuvem de ideias da questão C3.....	89
Figura 29 - Nuvem de ideias da questão C4.....	90
Figura 30 - Nuvem de ideias da questão C5.....	91

Índice de tabelas

Tabela 1 - Vantagens e desvantagens das questões abertas	58
Tabela 2 - Questões Parte C	72
Tabela 3 - Dados da análise da Parta A do questionário.....	76
Tabela 4 - Dados da análise da Parta A do questionário.....	77
Tabela 5 - Dados da análise da Parta A do questionário.....	78
Tabela 6 - Gráfico de resultados - B1.....	79
Tabela 7 - Gráfico de resultados - B2.....	80
Tabela 8 - Gráfico de resultados - B3.....	81
Tabela 9 - Gráfico de resultados - B4 e B5.	82
Tabela 10 - Gráfico de resultados - B6.	83
Tabela 11 - Gráfico de resultados - B7.	83
Tabela 12 - Gráfico de resultados - B8.	84
Tabela 13 - Gráfico de resultados - B9.	85
Tabela 14 - Gráfico dos resultados - B10.....	85

PARTE I
INTRODUÇÃO

Introdução

“O impacto geral de um produto vem por meio da reflexão - na memória retrospectiva e na reavaliação. Você mostra com carinho os seus pertences para amigos e colegas, ou você os esconde e, se falar, é apenas para reclamar? Coisas das quais um proprietário se orgulha são exibidas com destaque ou, pelo menos, mostradas às pessoas” (Norman, 2004, p.99)¹.

É necessário compreender o que as pessoas pretendem de um produto e como oferecer os benefícios desejados. Tudo aquilo que rodeia o ser humano foi projetado para atender uma necessidade, um desejo ou um pedido do mercado (Fontoura, 2002). Abordagens baseadas no prazer, significam entender as pessoas e celebrar as diversidades (Jordan, 2005). Numa sociedade diversificada, multicultural e com diversas faixas etárias é necessário utilizar o design como contributo para o bem-estar. Por vezes, muitos objetos e ambiente são companheiros silenciosos da vida diária (Cain & Petermans, 2019).

Pile (2013), refere que é possível, a partir do design baseado em evidências, compreender como as pessoas se comportam e planejar espaços que contribuam para resultados mais desejáveis para o bem-estar. É consenso que o ambiente influencia a forma de sentir, pensar e agir das pessoas. *“As pessoas serão afetadas por seus ambientes físicos. Isso inclui fatores como a temperatura e a humidade do ambiente”* (Jordan, 2005, p.67)². Contudo, ele não deve atender apenas a questões térmicas, acústicas e visuais, quando bem projetado um ambiente deve contribuir para emoção, tornando-se abrigo para o corpo e para a mente.

Compreende-se, que o mundo físico e social afeta cada indivíduo de forma única, podendo provocar mudanças na forma de agir, na percepção do senso estético, nas habilidades, nos conhecimentos e até sobre os outros (Cruz & Cruz, 2017).

-
1. “The overall impact of a product comes through reflection—in retrospective memory and reassessment. Do you fondly show your possessions to friends and colleagues, or do you hide them and, if you talk at all, is it only to complain? Things that an owner is proud of will be displayed prominently, or, at the least, shown to people. The overall impact of a product comes through reflection—in retrospective memory and reassessment.”
 2. “People will be affected by their physical environments. This includes factors such as the temperature and humidity of the environment.”

“A sociedade do conhecimento, como pode ser denominada a atual sociedade, impõe uma nova forma de pensar e um novo comportamento social. Para atender as novas exigências sociais, o homem precisa ser educado e preparado para tal” (Portugal & Couto, 2010, p.2)

A criança não ocupa um lugar de destaque na sociedade, e para muitas pessoas o facto de o bebé se comunicar com o mundo desde o seu nascimento é uma novidade. É necessário que a compreensão da criança como um ser de direitos, com características e necessidades distintas, seja, cada vez mais, um ponto estabelecido.

A escola da infância é hoje compreendida como a responsável pela formação da “mão de obra” do futuro. Cabe a estas instituições fornecer o material e as condições necessárias para que cada criança possa obter uma formação intelectual e criativa (Fontoura, 2002). Cada espaço da escola da infância precisa oferecer às crianças, pais e professores uma relação com as suas histórias para que se sintam à vontade e se identifiquem com o lugar. Espaços que expressem identidade, movimento, que proporcionem autonomia e ampliem conhecimentos (Matias & Camargo, 2018).

Constitui-se assim um palco interessante para estudo, para além de forte influência na criança a creche vem a tornar-se, cada vez mais, numa necessidade significativa da população. Facto este, que se deve às transformações económicas que a sociedade sofreu e em especial às alterações das funções realizadas pelas mulheres. A necessidade de contribuir para a sobrevivência da família, o desejo da realização profissional e a distância da família próxima torna este ambiente infantil como a melhor complemento para o cuidado do bebé.

Contudo, Rinaldi (2006) refere que, pais experimentam emoções ambíguas e conflituantes em deixar os seus bebés ao cuidado de outros. A realização profissional da mulher traz um sentimento de capacidade e igualdade para com o parceiro, mas, ao mesmo, tempo surge um sentimento de insegurança associado ao medo de que como resultado do trabalho os seus bebés possam ser negligenciados, ficando expostos a perigos. Encarregados de educação precisam de ter a certeza de que a creche é capaz de satisfazer as necessidades dos seus bebés.

A experiência dos pais com a escola da infância é idêntica à experiência que um utilizador tem com um produto/serviço, ela é condicionada pelo significado estético, afetivo, social e pessoal, e não apenas pela funcionalidade. Neste sentido pretende-se compreender que aspetos da creche são considerados fundamentais para os encarregados de educação e que sentimentos positivos ou negativos surgem

aquando da visita ao espaço. Pretendemos compreender também se estes sentimentos surgem como respostas às características do ambiente.

Objetivos

“As emoções e os sentimentos, juntamente com a oculta maquinaria fisiológica que lhes está subjacente, auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto e planejar as nossas ações de acordo com essas previsões” (Damásio, 1994, p.15)

Damásio mostra que emoções e sentimentos auxiliam-nos nas tarefas de decisão de escolha. Pretendemos compreender então quais as características de uma creche que são consideradas fundamentais para os encarregados de educação e que podem gerar respostas emocionais nos pais. Estabeleceu-se assim o objetivo principal de investigação:

- › As características de um ambiente de creche conseguem desencadear sentimentos ou reações emocionais nos encarregados de educação?

Com isto, pretende-se compreender de que forma as características emocionais do design conseguem oferecer uma maior confiança e um sentimento de mais-valia, aquando da visita à creche. Que sentimentos surgem atrelados as características do espaço? É possível através dele potenciar sentimentos positivos e de menor preocupação para os encarregados de educação que se veem na necessidade de colocar o seu bebé numa escola, seja por motivos profissionais ou não?

Consequentemente estabeleceram-se objetivos mais específicos:

- › Que características de espaço são valorizadas pelos encarregados de educação?
- › Existem sentimentos que se encontram ligados às características do espaço?
- › Que sentimentos são esses?
- › Quais os sentimentos mais associados ao espaço de creche?

Metodologia

“Nesta transição para a cultura participativa, diversos autores argumentam que o designer tem de pensar menos nas pessoas enquanto clientes ou utilizadores e mais como co-criadores e participantes no processo criativo” (Dias & Moura, 2012, p.2)

Tomando como ponto de partida a hipótese que ambientes de creche conseguem desencadear sentimentos no encarregado de educação e que esses sentimentos podem influenciar a tomada de decisão, conseguindo atenuar sentimentos de culpa e criando experiências emocionais mais positivas, várias componentes metodológicas foram utilizadas de forma a tentar compreender como pode o design colaborar no processo de decisão de escolha.

Em termos metodológicos, o presente projeto de investigação desenvolveu-se segundo duas componentes, uma teórica e uma prática. O projeto foi iniciado seguindo a componente teórica, onde foi elaborada uma pesquisa bibliográfica, que procurou explorar os conceitos da investigação, bem como a relação entre as várias ideias. Posteriormente, seguiu-se uma componente prática, que resultou da realização de questionários, da sua aplicação e de uma posterior análise e trabalho de interpretação, tendo como objetivo o tratamento de dados.

O trabalho teórico consistiu numa pesquisa bibliográfica, para que fosse possível estudar a informação que existe sobre o tema em questão. Foi realizada uma análise aprofundada do tema e recolhida informação pertinente, uma vez que será esta informação que sustentará o projeto. Tendo em conta os vários temas abordados, o design emocional, a relação do bebé com a família, o desenvolvimento do mesmo e as várias metodologias de ensino, foram posteriormente efetuadas leituras cruzadas, de forma a preencher lacunas e a completar a informação obtida. Este trabalho de investigação foi seguido por uma análise, sintetização e organização dos dados recolhidos.

Após o trabalho de revisão bibliográfica, seguiu-se o estudo de carácter prático. Este consistiu na elaboração de questionários, colocados aos encarregados de educação, de cinco creches do concelho de Ponte de Lima, para que fosse possível responder aos vários objetivos apresentados para este trabalho.

Nesta componente prática, a investigação seguiu as seguintes etapas:

- › Design do questionário, com base em autores de design emocional nomeadamente – Donald Norman e Patrick Jordan, e três abordagens ao ensino infantil – Montessori, Reggio Emilia e Waldorf.
- › Recolha dos dados, considerou-se um universo de seis creches do concelho de Ponte de Lima. Este conjunto de creches, atualmente oferece resposta a 253 crianças. Destas, cinco responderam afirmativamente à proposta de colaboração e assim foi possível entregar cerca de 218 questionários e recolher cerca de 118 respostas válidas.
- › Por fim, tratamento, análise e discussão dos dados.

Estrutura

A nível estrutural, a presente dissertação está organizada em cinco fases principais. Uma primeira dedicada à introdução da investigação. Uma segunda dedicada à parte teórica onde é feita uma revisão da literatura, mediante os objetivos. Uma terceira parte onde se apresenta a metodologia desenhada. Uma quarta onde se apresenta o estudo e os resultados obtidos. Uma quinta, e última parte que se destina às conclusões do projeto.

Após esta breve síntese estrutural, executa-se uma apresentação mais detalhada das temáticas que constituem esta dissertação:

Parte I – Introdução, é feito o arranque do enquadramento teórico. Ainda neste capítulo é feita uma estruturação da dissertação, são definidos os objetivos e é definida a metodologia a ser utilizada no estudo.

A **Parte II – Enquadramento Teórico**, versa sobre vários temas:

1. Design – onde é feita uma abordagem ao design e emoção. Trata-se ainda os temas, a razão e emoção de forma a compreender a relação entre o design e a psicologia. O capítulo termina com uma abordagem ao design emocional, a partir das principais referências da área, como forma de compreender a influência que experiências emocionais podem ter nas pessoas.

2. A família e o bebé – neste capítulo foram explorados conceitos de desenvolvimento e aprendizagem da criança, associando-os a estímulos sensoriais. Foi explorada ainda a questão familiar e as relações entre pais e bebés. Fecha-se o capítulo com uma abordagem à creche, como método complementar para a educação da criança.

3. Educação e Design – No terceiro, e último capítulo da segunda parte desta dissertação, foi explorado o conceito de educação infantil, onde foram examinadas metodologias de ensino de três autores distintos. Abriu-se espaço ainda para analisar a relação entre a educação e o design, onde foi possível compreender o trabalho do design na infância. Por fim, estudou-se o espaço como ferramenta educativa e como instrumento para a aprendizagem de novas competências.

A **Parte III – Desenho da metodologia**, destinou-se ao desenvolvimento da metodologia que permitirá realizar a última fase desta dissertação. Este capítulo é dedicado à descrição detalhada do método utilizado na investigação, onde são apresentadas as ferramentas empregues e onde são explicados os procedimentos utilizados no desenvolvimento de cada uma. Cada ferramenta é fundamentada na revisão bibliográfica. Refere ainda como se procedeu o trabalho de campo e a recolha de dados.

Na **Parte IV – Estudo de caso**, é relatado o processo de análise de dados e são apresentados os resultados obtidos, tendo sempre como referência as questões de investigação.

Este projeto é finalizado com a **Conclusão**, onde existe uma reflexão sobre os resultados e a aprendizagem que resultou da investigação. Reflete-se ainda sobre os constrangimentos, as limitações que existiram ao longo do processo e as perspetivas futuras para a continuação da investigação.

PARTE II
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 DESIGN

Introdução ao design

“O design está em toda a parte. Sem dúvida que, nada hoje tem um maior impacto sobre os seres humanos” (Clark & Brody, 2009, p.1)¹

Ao longo dos tempos percebemos que o Design tem vindo a evoluir tornando-se hoje em dia uma área do conhecimento indispensável. Contudo, e apesar desta realidade, existe ainda por vezes pouca consciência da sua importância para a sociedade. O design está em toda a parte e é essencial abordar o seu peso e disciplina. Ela é a ferramenta mais poderosa que alguma vez o Homem utilizou. Através dela é possível moldar produtos, ambientes, e por extensão, até o próprio Homem (Papanek, 1984).

Bill Burnet e Dave Evans (2016) afirmam que tudo aquilo que rodeia o ser humano foi projetado por alguém. Tudo o que torna a vida diária mais fácil, mais produtiva e agradável foi desenvolvido a partir de um problema, e porque um designer ou uma equipa de designers procurou resolver esse problema. O objetivo do design é melhorar a qualidade de vida do ser humano, tentando sempre tornar o que já existe em algo melhor (Fontoura, 2002). Um bom design ajuda à criação de um sentimento de identidade, conquista, alegria e inspiração (McDonagh, 2004).

“Todos os Homens são designers. Tudo o que fazemos, quase o tempo todo, é design, pois o design é básico para todas as atividades humanas. O planeamento e sistematização de qualquer ato em direção a um fim desejado e previsível constitui o processo de design. Qualquer tentativa de separar o design, para torná-lo uma coisa por si só, funciona contra o facto de que o design é a principal matriz da vida. O design é compor um poema épico, executar um mural, pintar uma obra-prima, escrever um concerto. Mas o design também é limpar e reorganizar a gaveta da secretária, tirar um dente, cozinhar uma tarte de maçã, escolher os lados para um jogo de basebol e educar uma criança.” (Papanek, 1984, p.3)²

-
1. “Design is everywhere. Arguably, nothing today has a greater impact on human beings.”
 2. “All men are designers. All that we do, almost all the time, is design, for design is basic to all human activity. The planning and patterning of any act toward a desired, foreseeable end constitutes the design process. Any attempt to separate design, to make it a thing—by-itself, works counter to the fact that design is the primary underlying matrix of life. Design is composing an epic poem, executing a mural, painting a masterpiece, writing a concerto. But design is also cleaning and reorganizing a desk drawer, pulling an impacted tooth, baking an apple pie, choosing sides for a backlot-based game, and educating a child.”

Papanek, insere esta disciplina no nosso dia a dia. *“Somos todos designers porque devemos ser”*³, o ser humano constrói o seu meio para o apoiar ao longo das suas vivências (Norman, 2004, p. 237). O design torna-se então uma sequência de eventos, delineados pelo pensamento, que levam à criação de alguma coisa. Não se limita apenas a uma categoria de objetos ou eventos que possuem algum tipo de apelo estético (Miller, 1988). Cada vez mais, as pessoas procuram um senso de identidade e buscam realização e felicidade através desta disciplina (Merchant, 2018).

São todos os termos e conceitos que andam à volta do design que criam o seu significado e valor próprio. Esta é uma disciplina tão abrangente, que qualquer tentativa de lhe atribuir um significado precípua torna-se insuficiente (Clark & Brody, 2009).

“O design não significa uma classe de objetos que podem ser fixados como borboletas. Projetar é uma atividade em constante mudança. Como, então, podemos estabelecer um corpo de conhecimento sobre algo que não tem identidade fixa?” (Clark & Brody, 2009, p.36)⁴.

Categoriza-se assim a atividade de design como um processo, efetuado por um autor. Tem como objetivo gerar singularidades para um objeto com base no ambiente, nos objetivos, nas propriedades e requisitos necessários. É um processo que se inicia aquando da ideia do autor, quando começam a ser desenvolvidas as propriedades. E mantém-se até ao fim de vida do produto, o processo de design pode recomeçar se o autor, ou até mesmo o utilizador, alterarem as propriedades do objeto (Ralph & Wand, 2009), os utilizadores podem colocar os produtos em uso de maneiras que não foram necessariamente pretendidas por aqueles que o projetaram e desenvolveram. Pode dizer-se então, que os designers estão no comando do que fazem, mas, ao mesmo tempo podem ser apenas agentes da ideologia, ambas as condições coexistem no trabalho do design (Clark & Brody, 2009).

Em outras palavras, aquilo que foi criado não é um design. Design não é o produto, o produto é o resultado do design, o produto é uma casa, um brinquedo, um carro. O produto trata-se de uma coisa em si mesma, design é o processo utilizado para o desenvolver (Miller, 1988).

3. “We are all designers – because we must be.”

4. “Design does not signify a class of objects that can be pinned down like butterflies. Designing is an activity that is constantly changing. How, then, can we establish a body of knowledge about something that has no fixed identity?”

“Design é o processo de pensamento que compreende a criação de alguma coisa” (Miller, 1988, p. 4)⁵. Assim, define-se design, como o processo que proporciona a criação de algo. Qualquer coisa pode ser projetada a partir de um intuito ou propósito. Design é o processo de pensamento que dá a forma, seja ela física (objeto físico, que ocupa espaço, como uma casa), temporal (um evento que decorre, como uma festa), conceitual (uma ideia, como a definição de design) ou relacional (algo que oferece interação entre coisas no geral, tal como a amizade) (Miller, 1988).

A emoção e o cérebro

“Cresci habituado a aceitar que os mecanismos da razão existiam numa região separada da mente onde as emoções não estavam autorizadas a penetrar e, quando pensava no cérebro subjacente a essa mente, assumia a existência de sistemas neurológicos diferentes para a razão e para a emoção.” (Damásio, 1994, p.14).

É comum ouvir-se que decisões sensatas apenas surgem de cabeças conscientes e limpas. Emoção e razão não se misturam, são como água e azeite (Damásio, 1994). Mas, é cada vez mais frequente encontrar estudos e argumentos que afirmam que a qualidade experiencial ou emocional dos produtos é uma vantagem no mercado (Desmet, 2004). Funcionar de forma adequada, eficiente e ter um apelo estético deixou de ser suficiente para o consumidor. Houve um desenvolvimento ao nível da psicologia e foi possível começar a compreender que as pessoas são seres emocionais e que os produtos podem direcionar as emoções de várias formas (Desmet et al., 2003). No mundo existem diversas personalidades e perspetivas, contudo é possível reunir princípios universais que são comuns a todos os Homens, todos se emocionam (Walter, 2011).

5. “Design is the thought process comprising the creation of an entity”

Sentimentos e emoções

“Nós gostamos de pensar que, como as espécies mais evoluídas que já existem no planeta, navegamos pela vida com uma lógica cuidadosa, não contaminados pela bagagem da emoção. É uma ideia nobre, mas que diverge da verdade. Na realidade, quase nunca temos tempo suficiente para confiar num raciocínio complexo para tomar decisões, então contamos com a reação instintiva” (Walter, 2011, p.67)⁶.

A emoção é a língua inata do Homem, apesar do desenvolvimento da linguagem verbal a emoção não se desenvolve com o crescimento. *“Nascemos prontos para expressar dor, alegria, surpresa, raiva e outras emoções” (Walter, 2011, p.18)⁷.* As emoções são automáticas e não conscientes, é possível perceber que uma emoção acontece porque existe um processamento da situação que causa sentimentos (Damásio, 2018).

Partindo desta premissa, versamos sobre a distinção entre sentimento e emoção para que se clarifiquem os conceitos. *“Sentimentos são experiências mentais, por definição, conscientes” (Damásio, 2018, p.91),* os sentimentos não são recordados eles apenas são recriados. São a experiência daquilo que está a acontecer no corpo, acontecem sobre a parceria entre o corpo e o cérebro. As emoções são vistas como fenómenos multifacetados que levam a reações comportamentais, expressivas, fisiológicas e a sentimentos subjetivos (Desmet, 2004). Ou seja, os sentimentos atuam no Homem a nível mental enquanto as emoções são vistas como algo comportamental.

Emoção

“Nós, cientistas cognitivos, agora entendemos que a emoção é uma parte necessária da vida, pode afetar a forma como se sente, como se comporta e como pensa. Na verdade, a emoção torna-o inteligente. Esta é a lição da minha pesquisa atual. Sem emoções, a capacidade de tomar decisões seria prejudicada.” (Norman, 2004, p.10)⁸.

-
6. “We like to think that as the most highly evolved species to walk the planet, we navigate life with careful logic untainted by the baggage of emotion. It’s a noble idea, but one that diverges from the truth. In reality, we almost never have enough time to rely on complex reasoning to make decisions, so we rely on gut reaction.”
 7. “We’re born ready to express pain, joy, surprise, anger, and other emotions.”
 8. “We cognitive scientists now understand that emotion is a necessary part of life, affecting how you feel, how you behave, and how you think. Indeed, emotion makes you smart. That’s the lesson of my current research. Without emotions, your decision-making ability would be impaired.”

A emoção pode influenciar uma decisão, dando mais relevo a determinado princípio em função de outro (Damásio, 1994). A emoção pode ser o voto de desempate quando várias opções para um mesmo problema são igualmente válidas. São elas que permitem tomar decisões rápidas sobre determinados assuntos, por vezes acontecem até, reações emocionais a situações, mesmo antes de as avaliar (Norman, 2004).

As emoções, preparam o indivíduo para agir (por exemplo numa situação de perigo), moldam o comportamento e ajudam a desenvolver a interação pessoal (Magalhães, 2013). Esta característica humana possui um papel de grande importância ao longo da vida, quer apareçam sob qualidades agradáveis ou desagradáveis as emoções enriquecem quase todos os momentos de vigília (Desmet, 2004), ajudam a desenvolver a aprendizagem, a curiosidade e o pensamento.

É então possível, perceber que a emoção é uma parte necessária da cognição, apesar de em grande parte ser subconsciente, tudo é variegado de emoção. As emoções alteram a forma de pensar e agir (Norman, 2004). Sem emoção nada evolui (Magalhães, 2013). Ela é uma parte fundamental daquilo que o Homem é.

Design emocional

“Os objetos em nossas vidas são mais do que meros bens materiais. Orgulhámo-nos deles, não necessariamente porque estamos a exibir a nossa riqueza ou status, mas por causa dos significados que eles trazem para as nossas vidas” (Norman, 2004, p.6)⁹

O design emocional tem como intenção causar determinadas emoções através de estímulos, sejam eles visuais, táteis, auditivos, olfativos ou gustativos.

Nos últimos anos foi criado um interesse significativo na ligação entre a psicologia e o design. Compreendeu-se que as emoções ocupam um papel muito relevante na disciplina e acredita-se que a escolha de um produto está intimamente ligada a uma forte componente emocional. As pessoas escolhem produtos para atender às suas necessidades básicas, mas também com os quais se identificam (McDonagh, 2004). Esta relação, entre design e emoção, tem como princípio melhorar a qualidade das experiências que as pessoas têm enquanto vivem, melhorar a interação entre o utilizador e os produtos.

9. “The objects in our lives are more than mere material possessions. We take pride in them, not necessarily because we are showing off our wealth or status, but because of the meanings they bring to our lives.”

Desmet (2002) referiu que o conceito de emoções do produto é amplo e não pode ser caracterizado por limites específicos. Através do design e do uso dos produtos é possível influenciar o humor, sentimentos, emoções, por vezes, apenas o olhar sobre um produto provoca uma resposta emocional. Este lado do design consegue ser mais relevante para o sucesso de um produto (Norman, 2004).

Contudo, a emoção não é provocada pelo produto em si, mas sim pela importância do produto para a pessoa. Quanto mais um produto provoca emoções fortes, mais eficaz é na resposta às preocupações do utilizador, é esse significado pessoal atribuído ao produto que causa a emoção. Embora se saiba que as emoções são idiossincráticas (pessoas diferentes experimentam sentimentos diferentes em relação ao mesmo produto) existem padrões universais que são identificados no processo e que são comuns a todos os seres humanos (Desmet et al., 2003).

Assim sendo, design emocional é o design que atua com intenção de evocar ou prevenir emoções (Demir et al., 2009) onde a questão que tem sido fortemente investigada se prende à compreensão das relações emocionais entre os seres humanos e o design de um produto ou serviço (Tonetto & da Costa, 2011). Existem três grandes nomes que contribuíram para o reconhecimento desta área, sendo eles Donald Norman, Patrick Jordan e Pieter Desmet.

Donald Norman

De acordo com Norman (2004) as estruturas cerebrais complexas do ser humano fazem dele o mais multifacetado de todos os animais. O Homem possui mecanismos próprios para realizar todas as tarefas a que se propõe, estes atributos advêm de três níveis de atividade cerebral. Cada um deles necessita de diferentes estímulos ao nível do design e adota um papel diferente e fundamental na formação de uma experiência. Todos são igualmente importantes e para que o design seja bem-sucedido, deve conter três níveis de resposta humana. O autor considera que *“o lado emocional do design pode ser mais crítico para o sucesso de um produto do que seus elementos práticos”* (Norman, 2004, p.16)¹⁰

10. “the emotional side of design may be more critical to a product's success than its practical elements.”

O primeiro nível, classifica como nível visceral, *“o design visceral é o que a natureza faz”* (Norman, 2004, p.65)¹¹. Este, é o nível da pré-consciência e do pré-pensamento, é a resposta imediata a um estímulo, é sobre o impacto do produto, a aparência, o tato. Quando bem aplicado este primeiro nível pode funcionar tão bem que a pessoa olha e quer o produto. Embora, este nível seja a parte mais primitiva do cérebro é sensível a uma grande gama de coisas, pois existem diferenças na maneira como cada um responde aos vários estímulos. Apesar de o nível visceral ter como intuito proteger o ser humano do perigo, o Homem procura explorar aquilo que não foi geneticamente programado para fazer. O gosto amargo é um viscer-aliado negativo, contudo há pessoas que aprendem a gostar e superam a sua inclinação natural.

O segundo nível refere-se ao nível comportamental, *“o design comportamental tem tudo a ver com o uso. A aparência realmente não importa.”* (Norman, 2004, p. 69)¹². Este nível foca-se na experiência do utilizador quando se relaciona com um produto, a função, desempenho e usabilidade. No nível comportamental a função vem acima de tudo, importa perceber se o produto corresponde às necessidades do utilizador. Se um relógio não mostrar as horas corretamente então mais nada importa. Neste nível realmente importa a função, a atividade que o produto executa; a eficácia, a forma como executa e a usabilidade, a facilidade que o utilizador tem na interação.

O terceiro e último nível é o design reflexivo, *“É tudo uma questão de mensagem, cultura e o significado de um produto ou seu uso”* (Norman, 2004, p. 83)¹³. Este nível vigia, reflete e tenta influenciar o nível comportamental. É sobre a cultura e o significado do produto, sobre lembranças. É também sobre a autoimagem e a mensagem que se quer passar aos outros. De todos os níveis mencionados pelo autor este é também o mais vulnerável porque depende da variedade cultural, da educação de cada um e até das experiências, envolve emoções mais profundas. Ao contrário dos dois níveis anteriores, visceral e comportamental que acontecem apenas no momento, o nível reflexivo envolve o passado, o presente e até o futuro, é uma experiência a longo prazo.

Segundo Norman, cada objeto pode conter estes três níveis ainda que em diferentes dimensões, contudo não terão o mesmo peso para todos os indivíduos, ainda que o mesmo objeto seja apresentado a todos. Isto irá depender de diversos aspetos, como o meio social, a educação, a personalidade. Cada indivíduo avalia o produto de acordo com os seus princípios e dá mais valor a uma premissa do que a outra aproximando o produto mais de determinado nível em função dos outros.

11. “Visceral design is what nature does.”

12. “Behavioral design is all about use. Appearance doesn't really matter.”

13. “It is all about message, about culture, and about the meaning of a product or its use.”

Patrick Jordan

Os seres humanos procuram constantemente o prazer, esta procura faz parte da experiência humana e o design procura responder a esta busca contribuindo para a felicidade e bem-estar das pessoas. O prazer advém da interação do utilizador com o produto, não é uma propriedade do produto, mas a interação entre um produto e uma pessoa (Jordan, 2005).

Jordan (2005), investigou as diferentes fontes de prazer e propôs a classificação de quatro tipos de prazer para os utilizadores. Seriam eles o prazer fisiológico, o prazer social, o prazer psicológico e o prazer ideológico.

O primeiro, o prazer fisiológico, "*Tem a ver com o corpo e com os prazeres derivados dos órgãos sensoriais*" (Jordan, 2005, p. 21)¹⁴. Relacionando o corpo, aos prazeres que advém dos sentidos e aos sentimentos de prazer sensual. Os produtos atuam ao nível deste prazer, por exemplo, nas propriedades táteis, olfativas, auditivas, visuais e gustativas (Tonetto & da Costa, 2011).

O segundo, o prazer social, "*Este é o prazer derivado do relacionamento com outras pessoas*" (Jordan, 2005, p. 21)¹⁵. Resulta das relações sociais e interpessoais, inclui também o status e o reconhecimento social, fazem parte todas as relações e interações humanas (Tonetto & da Costa, 2011). Pode também incluir o relacionamento de uma pessoa com a sociedade como um todo (Jordan, 2005).

O prazer psicológico, "*Diz respeito às reações cognitivas e emocionais das pessoas*" (Jordan, 2005, p. 21)¹⁶. Diretamente relacionado com a mente, o terceiro prazer considerado pelo autor pertence às reações cognitivas e emocionais das pessoas, inclui as reações emocionais que são geradas pela experiência com um produto (Jordan, 2005). Prazeres que resultam da execução ou término de tarefas e prazeres relacionados com estados particulares, como a excitação. Este tipo de prazer é influenciado pelas diferentes personalidades (Tonetto & da Costa, 2011).

O quarto prazer, o ideo-prazer, "*O ideo-prazer pertence aos valores das pessoas*" (Jordan, 2005, p. 21)¹⁷. Advém de entidades "teóricas" como os livros e a arte. Resulta de uma combinação entre os valores da pessoa e os valores agregados ao produto. Inclui também a ideia de produtos como forma de arte (Jordan, 2005).

14. "This is to do with the body and with pleasures derives from the sensory organs".

15. "This is the enjoyment derived from relationships with others".

16. "Pertains to people's cognitive and emotional reactions".

17. "Ideo-pleasure pertains to people's values"

Apesar de ser útil considerar todos os tipos de prazer, Jordan (2005) afirma que nem todos os produtos necessitam de oferecer todos os quatro tipos de prazer, um produto pode oferecer toda a gama de prazeres, mas também pode oferecer uma experiência agradável de uma forma específica.

Pieter Desmet

A investigação sobre a felicidade humana tem sido alvo de interesse na área do design, onde a questão se centra, como os produtos podem aumentar a felicidade e apoiar uma vida plena e satisfatória. O design positivo trata disto mesmo, da felicidade e do bem-estar subjetivo. Tem como objetivo ir além do mero prazer, pretende valorizar de forma duradoura a vida das pessoas.

Design positivo, ou design para florescer requer uma vida equilibrada. Para se florescer é necessário um equilíbrio entre as buscas hedônicas que procuram o prazer, conforto e satisfação e eudaimônicas que se baseiam nos valores e virtudes que contribuem para o verdadeiro significado da vida (Kamp & Desmet, 2014). A intenção não é projetar para que as pessoas nunca se sintam mal, mas sim para que tenham a oportunidade de conhecer todas as extensões da vida, as oportunidades, mas também as dificuldades (Desmet & Pohlmeier, 2013).

Desmet (2002) considerou que a estrutura do design positivo é composta por três princípios base, todos eles importantes para o bem-estar subjetivo, foram eles: o *design para o prazer*, é o elemento que trata da felicidade momentânea, o bem-estar subjetivo é alcançado pela soma das alegrias do momento, onde o foco está no aqui e no agora; o *design para o significado pessoal*, é o segundo elemento considerado pelo autor na busca pelo bem-estar subjetivo e trata da felicidade que é obtida através da abordagem de valores e de objetivos pessoais, o foco está na meta, na busca e no reconhecimento das conquistas; e o *design para a virtude*, o último elemento para o bem-estar subjetivo é alcançado com a vivência de uma vida virtuosa, atua a nível moral, implica uma distinção entre o que é bom e o que é mau, parte da proposição de que existe um mundo ideal de comportamento. Cada um dos três componentes serve de guia para projetar o bem-estar subjetivo, mas apenas quando todos são tidos em consideração se trata de design positivo, ou design para florescer.

O design positivo é mais do que obter emoções positivas, visa atingir um impacto a longo prazo na vida das pessoas, permitindo que estas encontrem um equilíbrio entre prazer e significado, entre objetivos de curto e longo prazo e entre preocupações individuais e sociais, possibilitando a criação de um propósito e significado na vida que o ser humano deve ter (Jimenez et al., 2015).

Considerações ao capítulo 1

Neste capítulo foi feita uma abordagem ao conceito “design”.

Consecutivamente, abordou-se a razão e o cérebro com vista à compreensão da relação do design com a psicologia e às necessidades das pessoas de algo mais do que apenas a estética. Desta forma, foi aberto espaço para estudar a relação entre os sentimentos e emoções.

O capítulo termina com enfoque no design emocional, sendo ele um dos suportes base desta pesquisa, foram estudadas metodologias de três autores na ânsia de compreender como experiências emocionais podem ser transformadoras da opinião do indivíduo. Abordou-se os três níveis de atividade cerebral considerados por Donald Norman, o nível visceral, comportamental e reflexivo. Seguidamente, foi feita uma abordagem aos quatro tipos de prazer investigados por Patrick Jordan, prazer fisiológico, social, psicológico e ideológico. O capítulo termina com uma análise ao design positivo ou design para florescer de Pieter Desmet.

2 A FAMÍLIA E O BEBÉ

A criança

“Comparado com o recém-nascido de outras espécies animais o bebê humano está relativamente pouco munido no plano motor, mas grandemente equipado no plano sensorial” (Figueiredo, 1996, p.3).

Durante os três primeiros anos de vida a criança cresce mais rapidamente do que em qualquer outra idade (Papalia & Feldman, 2013), este é o período considerado mais importante para o desenvolvimento do ser humano (Steiner, 2004). De uma forma geral, todos os bebês apresentam um padrão de desenvolvimento semelhante. No entanto, cada um deles é único e exibe características e personalidades diferentes, cada criança é uma combinação entre emoções, temperamento, pensamento e comportamento (Papalia & Feldman, 2013).

Porém, a experiência cultural afeta o crescimento e desenvolvimento das crianças pequenas, isto mostra que a idade biológica não pode ser o único fator que define até quando uma criança é considerada bebê (Barbosa, 2010). Barbosa (2010), menciona que talvez, se possa identificar este período de transição, através da capacidade de andar e falar com mais desenvoltura. Estes podem tornar-se sinais da transição do período de vida da criança, a quem se chama bebê.

A história mostra que o conceito “criança” passou por diversas mudanças. Inicialmente, era considerada um adulto em miniatura e a infância não passava de um processo de crescimento físico (Almeida & Angelo, 2015). Também, durante muito tempo, a criança foi definida principalmente pela sua vulnerabilidade, imaturidade e incapacidade (Barbosa, 2010). No entanto, atualmente já existem muitas pesquisas que tem versado sobre este tema e muitas comprovam e demonstram as várias capacidades dos bebês. Do ponto de vista montessoriano (perspetiva educacional) é a criança que faz o adulto e são elas que constroem a humanidade (Isaacs, 2018).

De um ser considerado incompleto, ingénuo e inocente a criança passou a ter um status próprio e começou a ser entendida como um sujeito que tem direitos (Lemes, 2012). Winnicott (1979) aponta que a vida de um ser humano não começa aos dois anos, nem aos dois meses, ela começa no nascimento e até mesmo antes de nascer, cada bebê é um ser distinto e único.

Desde os primeiros momentos de vida que as crianças comunicam com o mundo, é necessário quebrar o estigma que considera a criança pela falta, é fundamental vê-los na sua íntegra como sujeitos protagonistas das suas vidas, com sentimentos e interesses. A infância não é a idade da não razão, do não trabalho, da não fala, todos os bebês têm múltiplas linguagens, sejam gestuais, corporais, plásticas

ou verbais através das quais se expressam (Sarmiento, 2005).

Cada bebê tem um ritmo próprio, uma forma de ser e se comunicar. Eles são providos de um corpo onde o afeto, o intelecto e a motricidade estão verdadeiramente conectados, e é esta forma individual que define a singularidade de cada pessoa ao longo da sua história (Barbosa, 2010). O mundo da realidade humano abre-se para a criança durante a infância e é através das interações com o meio e os objetos que esta o assimila de forma eficaz, a criança começa a reproduzir as ações humanas nessas interações (Vigotskii et al., 1988). Isto permite compreender que a criança é um ser ativo desde o nascimento, e as interações com o meio e com quem o rodeia transformam estes procedimentos inatos em esquemas de respostas mais complexos.

A infância não é mais vista como apenas um período de crescimento, hoje é importante mediar as relações entre os bebês e o mundo, compreender que estes têm características e modos próprios de explorar e de se relacionar com o ambiente, de expressar emoções e estabelecer relações sociais (Lemes, 2012). A responsabilidade que a educação de uma criança exige é grande, pois tudo aquilo que acontece nesta primeira fase de vida, na primeira infância, pode deixar marcas no seu desenvolvimento (Matias & Camargo, 2018).

Estímulos sensoriais e o bebê

“Muitas das atividades realizadas nos dois primeiros anos de vida da criança dizem respeito a aquisição de experiências sensoriais. Olhar, ouvir, sentir, degustar, pegar, morder, são feitos importantes na vida da criança” (Fontoura, 2002, p. 122).

Steiner (2004) assevera que a criança, na sua primeira fase de vida, é um órgão de percepção sensorial. E Montessori afirma que quando nascem, os bebês têm uma mente absorvente, e é neste intervalo que são desenvolvidas capacidades complexas do humano através dos sentidos, como a imaginação (Lillard & Jessen, 2008).

Durante os primeiros meses de vida de um bebê, a evolução da parte do cérebro que controla a informação sensorial, cresce rapidamente. Este desenvolvimento precoce permite que o bebê tenha um entendimento daquilo que toca, vê, cheira, degusta e ouve (Papalia & Feldman, 2013). Através dos sentidos a criança aprende a identificar objetos, utiliza o som, o tamanho e cheiro para distinguir pessoas, assim como texturas e formas para distinguir produtos, a exploração sensorial é a assinatura da criança (Feez, 2009). É através destas percepções iniciais do mundo que se inicia o armazenamento

de informações e se vai construindo a memória (Oliveira, 2015).

Elementos luminosos, coloridos e em movimento encantam os bebês. A atenção é provocada por sons e objetos, que quando percebidos alcançam uma resposta espontânea, objetos são agarrados e movimentos surgem a cada som e cheiro novos. Aos poucos é criado um entendimento do espaço e é experimentado um prazer e excitação pelo movimento, este explorar do mundo permite à criança descobrir características físicas e estéticas do ambiente, o mundo é percebido pelos sentidos (Fontoura, 2002) e cada nova atividade aprendida durante a exploração do ambiente dá às crianças controle e coordenação dos movimentos do motor grosso¹ e do motor fino² (Feez, 2009).

Tudo que cerca o bebê comunica com ele, seja através do som, dos contactos físicos, da luz, da cor, da harmonia, todos os estímulos são processados pelo corpo e podem afetar a criança para toda a vida. Um nível extremamente alto de sensibilidade precetiva em relação ao espaço envolvente, é notado nas crianças pequenas. Os recetores sensoriais numa primeira fase de vida estão mais ativos do que em fases posteriores e é possível observar uma capacidade de analisar e distinguir a realidade através dos sentidos (Rinaldi, 2006).

Figueiredo (1996) afirma que, através de alguns estudos feitos é possível declarar que os estímulos sensoriais que obtêm a maior preferência por parte dos bebês e aos quais eles destinam maior atenção são aqueles que parecem existir mais provavelmente nas pessoas humanas, principalmente na mãe.

A família

“Os filhos podem trazer à tona uma grandeza de amor que surpreende, desarma, domina e gratifica, compensando as frustrações e as dificuldades inerentes ao papel materno e paterno” (Rapoport & Piccinini, 2006, p. 5).

Desde o nascimento que a criança se encontra em constante interação com os adultos, e a chegada de um novo membro à família provoca mudanças, forçando a renovações no estilo de vida e nos relacionamentos que já existiam, o bebê vem impor uma alteração substancial no sistema familiar (Rinaldi, 2006). Adultos adquirem a tarefa de preparar o ambiente para a criança, de a ajudar a integrar

-
1. Motor grosso – define as atividades dos grandes músculos do corpo, está relacionado com as função de sustentação da cabeça, sentar, andar e correr.
 2. Motor fino – defini as atividades relacionadas com os movimentos de preensão (agarrar, segurar, apanhar) e com as etapas do movimento de pinça.

na sociedade e na sua formação, para que se tornem adultos preparados para a vida e formados em todo o seu potencial (Lillard & Jessen, 2008). No início da vida de uma criança todas as respostas dadas aos diferentes estímulos advêm de forma natural, mas é através da intervenção dos adultos que estes processos automáticos se começam a transformar em processos mais complexos, inicialmente os adultos tornam-se em “*agentes externos servindo de mediadores do contato da criança com o mundo*” (Vigotskii et al., 1988, p. 27).

Depreende-se, que o desenvolvimento do bebé não se dá no vácuo. Pelo contrário, o progresso da criança pequena ocorre em estreita relação com as pessoas do ambiente onde vive, o qual no início da sua vida se reduz quase exclusivamente aos familiares (Figueiredo, 1996). Esta relação particular cria um vínculo emocional que liga o bebé aos pais. Quando choram e em troca lhes oferecem comida, a troca da fralda ou um carinho, é através destas interações que os bebés começam a confiar nos pais e a acreditar que estes estarão sempre lá quando precisarem, é durante estes contactos que é criado o vínculo emocional (Walter, 2011).

Até completar cerca de oito meses de idade o bebé é um ser que saúda todos os que o rodeia com um sorriso alegre, contudo após esta meta as coisas começam a mudar gradualmente, em vez de saudar todos com um sorriso, eles choram a cada pessoa nova. Esta fase faz com que a mãe comece a ser o centro das atenções da criança (Bowlby, 1958). É a partir desse momento que os comportamentos maternos começam a ser a sua matéria-prima, o bebé constrói o conhecimento e as experiências das coisas através da mãe (Stern, 2002).

Apesar desta ligação com a mãe, o envolvimento afetivo do pai é também um fator decisivo e determinante no desenvolvimento e bem-estar da criança (Figueiredo et al., 2005). Se o pai for retirado permanentemente da vida do seu filho o desenvolvimento da criança muda por completo. A segurança económica da família fica em perigo e a mãe deixa de ter o apoio do companheiro para a animar e apoiar, apesar de forma indireta, o pai torna-se um elemento que desempenha um papel fundamental no que diz respeito à vida do bebé (Bowlby, 1958). Sabe-se então, que o papel da figura paterna é indiretamente muito importante, contudo, à semelhança da figura materna, também o pai se liga ao seu bebé emocionalmente, mas pouco se sabe sobre esta conduta e sobre as semelhanças que pode haver entre os dois processos de vinculação afetiva. Embora se suponha que a vinculação paterna ocorra de forma semelhante à vinculação materna (Figueiredo et al., 2005), existem poucos estudos acerca das emoções que os pais dirigem ao bebé e sobre a forma como é construído este vínculo parental.

A mãe

“Sou homem e, portanto, jamais poderei saber, na verdade, o que se sente ao ver ali embrulhado no berço uma parcela do meu próprio ser, um pedaço de mim a viver uma vida independente, mas, ao mesmo tempo, dependente e tornando-se, pouco a pouco, numa pessoa” (Winnicott, 1979, p. 3).

A gravidez traz um processo de adaptação e preparação, para a nova realidade, implícito. Durante este processo a mãe cria as condições psicológicas que são necessárias para a interação e para os cuidados com o bebê. Este processo cria um espaço mental para receber o recém-nascido e possibilita o rápido envolvimento emocional (Figueiredo et al., 2005).

Ainda assim, o nascimento de uma criança cria momentos de grande intensidade e provoca grandes transformações em toda a família. Junto com a emoção aparecem também sentimentos de admiração e espanto, contudo surge também a ansiedade de cuidar de uma criança e o compromisso que isso representa (Papalia & Feldman, 2013).

Os primeiros meses da vida de um bebê são difíceis para as mães. Bebês exigem habilidades e energias especiais para realizar todas as tarefas do dia-a-dia. Vários autores acreditam que o crescimento das crianças pequenas têm necessidades que precisam ser satisfeitas para o seu desenvolvimento normal e uma dessas necessidades é, uma mãe que responda afetuosa e prontamente ao seu bebê (Papalia & Feldman, 2013). Stern (2002) sugere:

“Se a mãe está deprimida, por exemplo, ela pode realizar todas as atividades práticas de cuidar, mas não consegue iluminar o rosto, a voz ou os movimentos. Os invólucros necessários de intensidade de estímulo e contorno, tão bem projetados para influenciar a atenção, a excitação e o afeto do bebê, estarão indisponíveis para ela” (Stern, 2002, p. 145)³.

Assim, uma mãe deprimida cujas respostas emocionais são restritas pode realizar todas as tarefas do cuidar, mas não consegue alcançar a riqueza necessária de estímulo. Existem já, diversos estudos que demonstram os efeitos negativos que a falta de emoção materna causa na criança (Magalhães, 2013).

3. “If a mother is depressed, for example, she may be able to go through all the practical activities of caregiving, but she will not be able to light up her face or voice or movements. The necessary envelopes of stimulus intensity and contour that are so well designed to influence the infant’s attention, excitement, and affect will be unavailable to her”.

Inevitavelmente, a mãe é o elemento da família mais importante para o bebé, e as interações sociais, às quais se chamam brincadeiras livres entre a díade, são uma das experiências cruciais na primeira fase de desenvolvimento e na participação da criança em eventos humanos (Stern, 2002). Neste contexto, o facto de a mulher atualmente assumir diversos papéis na família, como o investimento na sua vida profissional e na carreira, gerou várias questões e discussões.

Relação mãe bebé

“A primeira exposição do bebé ao mundo humano consiste simplesmente em tudo o que a sua mãe realmente faz com o rosto, a voz, o corpo e as mãos” (Stern, 2002, p.23)⁴.

Antes de tudo, o bebé tem de aprender a estar com alguém e a partilhar experiências, tem de aprender a interação além da gratificação, é necessária a criação de prazer partilhado, alegria, interesse e emoção (Stern, 2002). Seguindo esta premissa a relação entre mãe e filho tem recebido uma ampla atenção por parte de diversos autores, na medida em que se assume como um dos alicerces fundamentais no desenvolvimento da criança. É por intermédio da interação com a mãe que o bebé aprende a reconhecer-se e a unificar os conhecimentos que obteve criando a sua identidade (Figueiredo, 1996). *“O processo de aprendizagem e o produto da aprendizagem são criados juntos” (Holzman, 2009, p. 18)⁵.*

A capacidade do ser humano se expressar através da comunicação não verbal é espantosa. A expressão facial é o resultado das experiências e dos estados psicológicos e emocionais, o sorriso, por exemplo, aparece muito cedo no desenvolvimento do bebé e independentemente do contexto cultural ele significa o mesmo em todo o mundo. O sorriso é a reação espontânea, é a emoção (Magalhães, 2013). São estes comportamentos que o bebé coloca em ação, quando encontra a mãe que garantem uma verdadeira interação entre a díade e ajudam a que a mãe considere o bebé como um verdadeiro parceiro interativo (Figueiredo, 1996).

Estas interações são extremamente importantes para que a mãe consiga criar uma vinculação ao seu bebé, existem fortes indicações que a vinculação materna ao bebé se constrói de forma gradual. Esta

4. “The infant’s first exposure to the human world consists simply of whatever his mother actually does with her face, voice, body, and hands.”

5. “The process of learning and the product of learning are created together.”

ligação tem sido descrita como um processo gradual de envolvimento afetivo, que se estabelece progressivamente e é construído em estreita conexão com a dependência do desenvolvimento de competências por parte do bebê (Figueiredo, 1996). A vinculação da mãe ao bebê, ganha força ao longo do primeiro ano de vida, foi observado que esta ligação se apresenta muito mais forte nos meses que sucedem ao parto do que no próprio dia (Figueiredo, 2003).

Porém, apesar da vinculação da mãe ao filho ser construída progressivamente, analisados os primeiros tempos de vida de um bebê é possível observar que este, primeiro que tudo conhece a mãe. Quando nasce, já está acostumado à voz materna. Sabe-se também que o bebê se acalma, mais rapidamente, na presença de estímulos auditivos que são semelhantes aqueles que o coração da mãe produz (Figueiredo, 1996).

O desenvolvimento cognitivo e social do bebê depende da qualidade das interações entre a díade. Os bebês têm necessidades que precisam ser satisfeitas para que desenvolvam normalmente, e ter uma mãe que responda prontamente e carinhosamente é uma das principais necessidades (Papalia & Feldman, 2013). Quanto mais a mãe for atenciosa, sensível e estimulante cognitivamente maior é o desenvolvimento da criança (NICHD, 2006). A relação com a mãe, é assim, considerada uma experiência crucial, na medida em que essa relação também molda as experiências futuras com o mundo, pessoas e objetos. A principal base para as relações que uma criança estabelece ao longo da sua vida, depende inteiramente do sucesso da relação entre o bebê e a mãe (Winnicott, 1979).

Sabe-se agora que a relação entre a díade é um dos principais parâmetros para o desenvolvimento da criança, contudo é cada vez mais frequente o regresso da mulher ao trabalho após alguns meses. Este regresso dá-se de acordo com diversos motivos, seja pelo desejo de realização profissional ou pela necessidade de contribuir monetariamente para a sobrevivência da família (Gasparetto et al., 1994). O emprego materno, exige diferentes alternativas para o cuidado do bebê, e a escolha deste cuidado complementar envolve a análise de vários fatores, esta decisão causa nas mães experiências e sentimentos ambíguos, conscientes ou inconscientes sobre deixar o seu bebê ao cuidado de outra pessoa (Rapoport & Piccinini, 2004).

Creche

“O fato da questão é que todos nós somos crianças num ponto de nossas vidas e que precisamos de educação ao longo de nossas vidas. Quase todos nós nos tornamos adolescente, de meia-idade e velhos. Todos nós precisamos dos serviços e ajuda de professores, médicos, dentistas e hospitais. Todos nós pertencemos a grupos com necessidades especiais” (Papanek, 1984, p. 67/68)⁶.

Papanek (1984) afirma que todas as pessoas pertencem a grupos com necessidades especiais, de forma diferente para cada etapa da vida, mas com certeza cada pessoa já precisou, precisa ou precisará de auxílio em algum momento. Quando uma criança nasce necessita de um largo período de atenção e cuidado para sobreviver. Por um longo período de tempo esta tarefa estava apenas ao encargo da família do bebê, porém, atualmente é necessário que esta tarefa seja coparticipada (Barbosa, 2010). A inserção da mulher no mercado de trabalho gerou amplas questões sobre um espaço que possibilitasse colmatar as funções de uma mãe, mas principalmente um espaço para acolher, abrigar e educar.

Diante desta necessidade surgiram as creches, estas foram as primeiras instituições criadas para auxiliar a família neste processo inicial, de suma importância, na formação do bebê (Campos et al., 2018), a creche é assim, um dos principais meios onde a criança vive e desta forma tem também uma forte influência na sua conduta (Cruz & Cruz, 2017). As práticas ensinadas pela família e pela creche às crianças pequenas são as primeiras aprendizagens que vão constituir o acervo inicial sobre o qual será construído a identidade pessoal (Barbosa, 2010). Estas instituições integram assim um cenário interessante para estudo, já que se têm tornado uma necessidade cada vez mais significativa da população.

Santos (2017) refere que a creche poderia ser considerada como um ambiente pós-uterino e por essa razão tem a responsabilidade de acolher, nutrir, cuidar e educar, preparando de forma competente e afetiva cada criança. Estes estabelecimentos educacionais devem ter sempre como foco a criança e devem oferecer uma infância qualificada. Devem ser espaços que fornecem um ambiente físico apropriado às capacidades infantis (Winnicott, 1979), onde as crianças convivem com outros bebês e onde têm a possibilidade de experimentar, aprender e construir outras relações afetivas (Barbosa, 2010).

6. “The fact of the matter is that all of us are children at one point of our lives and that we need education throughout our lives. Almost all of us become adolescent, middle-aged, and old. We all need the services and help of teachers, doctors, dentists, and hospitals. We all belong to special need groups.”

Este é o estágio da vida do ser humano que permite o primeiro contacto com ambientes externos ao familiar, desta forma, deve ajudar a criança a desenvolver hábitos, habilidades, atitudes e comportamentos para o início da sua vida social (Silva & Kobayashi, 2015).

Declarar que a creche deve ser um espaço habitável significa que esta deve ser um espaço de encontro e comunicação, um espaço dinâmico, inter-relacional, qualificado e aberto a múltiplas atuações (Cruz & Cruz, 2017). Barbosa (2010), refere que para garantir o bem-estar de todos na creche (bebés, pais e funcionários) esta deve cumprir: (1) a sua função social que se centra no acolhimento, educação e cuidado dos bebés, assim como na partilha do processo de formação das crianças com as famílias, cumprindo sempre o importante papel na construção da autonomia e na criação de valores nos mais pequenos; (2) a função política, ajudando a que meninos e meninas usufruam dos seus direitos sociais e políticos de forma igual; (3) a função pedagógica, a creche deve ser um lugar de convivência entre adultos e bebés assim como um lugar de ampliação do saber, um lugar que valorize a sensibilidade, a criatividade e a liberdade de expressão. Em suma, compreendeu-se que desde o nascimento de uma criança, esta necessita de espaços que ofereçam liberdade de movimentos, segurança e que possibilitem a socialização com o mundo.

“Percebeu-se que as creches possuem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, sanando as necessidades das populações infantil e adulta, proporcionando à criança espaços e prazeres de convivência fora do âmbito familiar” (Zang & Camiloti, 2012, p. 5).

A creche é no geral, um impulsionador da promoção do comportamento social e do desenvolvimento cognitivo, contudo crianças que recebem cuidados de melhor qualidade apresentam resultados mais positivos do que aquelas que recebem cuidados de qualidade inferior (NICHD, 2006). Muitas vezes a escola procura trabalhar a linguagem corporal, oral e escrita, esquecendo-se de trabalhar também outras linguagens que são relevantes e essenciais para o desenvolvimento da criança, como a linguagem sensorial (Matias & Camargo, 2018).

Desde a sua conceção, todo o ser humano possui conhecimentos e através das interações com quem o rodeia e até com o ambiente vai desenvolvendo essas aptidões. Entenda-se que os primeiros anos de vida de um bebé devem ser ricos em aprendizagens e devem beneficiar de um espaço de qualidade para interação (Silva, 2015).

Desta forma, a creche deve ser caracterizada como um lugar para brincar onde se expressam emoções, sentimentos, necessidades e desejos utilizando as mais variadas linguagens, ajustadas às necessidades

e as várias intenções para cada vez mais, enriquecer a capacidade expressiva do bebê. Apesar dos pais quando buscam uma instituição procurarem principalmente um lugar seguro para deixar o seu bebê, o espaço educativo não pode inibir as ações das crianças (Lemes, 2012). A organização da creche deve ser pensada para oferecer um lugar acolhedor, prazeroso e seguro, onde os bebês possam brincar sentindo-se estimulados e independentes, com desafios cognitivos e motores adequados à sua faixa etária que farão com que desenvolva as suas competências (Hank, 2006).

Atualmente existem já várias conjunturas que possuem diferentes olhares sobre as oportunidades e aprendizagens na educação infantil, existem diferentes metodologias que propõe o acesso ao conhecimento de forma significativa à construção da autonomia do bebê no espaço educativo.

Considerações ao capítulo 2

Neste capítulo foram explorados conceitos de desenvolvimento e aprendizagem, estabeleceu-se a criança como um ser que possui status próprio e que tem direitos, entre os quais a uma educação completa e ao seu ritmo. Esta base abriu a questão seguinte, que se focou nos estímulos sensoriais onde foi possível compreender que o desenvolvimento inicial do bebê se dá através destes estímulos. Seguidamente, abordou-se a questão da família e as relações estabelecidas entre o bebê e os pais. Desta forma, foi aberto espaço para estudar a relação entre a díade, mãe bebê, tarefa que se impõe a todos que de certa forma se relacionam, ou pretendem relacionar com mães e bebês na sua prática.

O capítulo é fechado com enfoque na creche, método complementar para o cuidado do bebê quando os pais trabalham, sendo analisadas as suas principais funções e encargos.

3 EDUCAÇÃO E DESIGN

Educação

“As capacidades criativa e intelectual, a flexibilidade e a capacidade de amoldar-se as novas situações a que estará sujeito, são os requisitos para o profissional do terceiro milénio. Esta formação começa na educação infantil” (Fontoura, 2002, p.25)

A atitude da sociedade em relação à criança sofreu alterações nos últimos anos, hoje sabe-se que é na infância que começa a formação pessoal, a criação de identidade e o desenvolvimento de capacidades. É na infância que se encontra a base para uma boa saúde mental no adulto e para que o sentido de identidade e importância pessoal não se percam (Winnicott, 1979). Esta construção do eu, dura todo o período da infância, o bebé nasce um ser incompleto e tem como tarefa terminar a construção e formação do adulto que será. A educação para esta formação deve começar desde o nascimento (Lillard & Jessen, 2008).

A educação representa um papel determinante na formação da cultura *“educar não é apenas favorecer a capacidade de aprender conteúdos”* (Fontoura, 2002, p.110), as crianças são os mais sensatos avaliadores e juizes, eles exploram e mudam os seus pontos de vista de acordo com os atos criativos que fazem parte do quotidiano, a educação é também oferecer este fortalecimento da capacidade de interpretar conhecimentos (Gandini et al., 2005).

O desenvolvimento dos aspetos psicomotores e a construção do conhecimento precisam ser compreendidos pela sociedade como fundamentais para a construção da personalidade da criança (Martins, 2016). O rápido desenvolvimento físico e mental que acontece na infância mostra que é necessário dar mais importância às experiências para o desenvolvimento saudável da criança – nesta primeira fase de vida os recursos naturais e intuitivos utilizados pelos bebés para interagir com os outros e com o mundo são as brincadeiras (Fontoura, 2002). É essencial que estas formas de interação existam e proporcionem estímulos sensoriais, é imprescindível que façam parte do quotidiano de cada bebé, são estas perceções iniciais do mundo que posteriormente se transformam em novas aprendizagens (Oliveira, 2015).

Fontoura (2002) diz que é através do design que o ser humano modela e constrói a sua cultura material e que é através dos produtos, que interage com o meio envolvente e com os outros. Assim é de suma importância pensar nos ambientes educativos para que as crianças não sejam submetidas a um excesso de disciplina antecipada da escolarização. A atual educação infantil deve pressupor a criança como

protagonista da sua vida, sujeito de direitos e produtor da sua cultura, *“Daí se faz necessário à transformação do “ambiente escolar” em “ambientes de experiências”* (Hisatugo, 2015, p. 214).

A infância adquiriu com o tempo o status merecido e atualmente é reconhecida como uma fase de elevado potencial criativo e intelectual, associada à construção de valores que acompanham o indivíduo ao longo de toda a sua vida.

Atualmente existem várias abordagens adotadas na educação infantil, todavia três das mais conhecidas com origens europeias são Montessori, Reggio Emilia e Waldorf. Todas representam alternativas à educação tradicional (Edwards, 2002). Abre-se assim, o mote para explicar em que consistem estas três abordagens da educação infantil.

Montessori

O método Montessori é a perspectiva educacional desenvolvida por Maria Montessori. Após desenvolver uma metodologia para trabalhar com crianças com deficiência (Edwards, 2002), Maria Montessori foi convidada para abrir uma escola para crianças de bairros, que eram deixadas sozinhas enquanto os seus pais trabalhavam (Feez, 2009). Assim a primeira Casa dei Bambini (casa das crianças) abriu em 1907, em São Lourenço, um bairro da periferia de Roma (Lillard, 2013).

Montessori levou a educação a um novo conceito onde cada criança trabalha sozinha, conquistando disciplina e independência na vida, ao mesmo tempo que desenvolve a sua inteligência. Esta abordagem reconhece as crianças como aprendizes ativos que necessitam de liberdade, mas que são guiadas por um professor que facilita esta aprendizagem pessoal preparando um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. O objetivo desta metodologia era instruir cada criança individualmente para que cada uma alcançasse o seu potencial máximo como ser humano. Na escola Montessoriana a aprendizagem concentra-se nos interesses das crianças (Isaacs, 2018).

Montessori definiu o primeiro estágio de vida, dos 0 aos 6 aos, chamando-lhe “mente absorvente”, nesta primeira fase as crianças têm dois grande objetivos, aprender como o mundo funciona e adquirir independência física (Feez, 2009). Nesta fase, o desenvolvimento físico e emocional é o principal foco da educação, o cuidado adequado está no centro das preocupações diárias do cuidador, nesta fase são dadas oportunidades às crianças para o desenvolvimento do motor grosso e da coordenação de movimentos para começar um maior refinamento do motor fino (Isaacs, 2018).

Para a autora desta pedagogia a criança deve estar sempre no centro do processo educativo, cada bebé deve ser compreendido como único e apoiado por adultos competentes e sensíveis que trabalham em

conjunto com os pais para garantir um ambiente favorável, para as necessidades individuais e de desenvolvimento (Isaacs, 2018).

Assim, esta metodologia educacional cria uma trilogia simples que se torna a base de todo o processo: a criança, o educador preparado e o ambiente preparado (Montessori, 2017).

Reggio Emilia

Reggio Emilia é uma cidade, no norte da Itália, onde após a Segunda Guerra Mundial, a comunidade que havia perdido tudo se uniu para reconstruir a sociedade e construir um sistema exemplar de escolas destinada a crianças pequenas. Toda a comunidade esteve envolvida neste movimento, contudo os pais estiveram de modo especial envolvidos pois a escola nasceu do desejo de uma vida melhor para os seus filhos. Reggio Emilia torna-se assim uma escola com raízes na necessidade e na vontade das famílias da construção de um mundo melhor através da educação (Sá, 2010).

Para além desta ter nascido do desejo de uma vida melhor, Reggio Emilia não cresceu como uma escola tradicional. Loris Malaguzzi foi o fundador da pedagogia educacional implementada na escola, e concebeu esta proposta educativa com foco na criança e com o propósito de que a escola deve ouvir a cultura da infância (Hoyuelos, n.d.). A sua visão de uma educação baseada no relacionamento procura ativar e apoiar as relações entre crianças, entre crianças e família, sociedade e meio ambiente (Edwards, 2002).

Com o objetivo de que se pudesse tornar num projeto de educação participativa, onde a perspetiva da relação tradicional educativa que existe entre quem transmite o saber e o recetor, era alterada, foi considerada uma tríade para o centro da educação – onde professores, crianças e famílias coparticipam na construção do conhecimento. Na visão de Malaguzzi (1993) considerar a criança sem dar importância aos professores e famílias é criar um mundo artificial que não reflete a realidade.

Esta educação alternativa, pretende constituir uma continuidade do lar e pretende promover a intensificação do papel da criança na sociedade. É o reconhecimento de que a criança utiliza “cem linguagens”¹, para expressar os seus pensamentos, criatividade, e que possui senso de identidade, é o reconhecimento de cada criança como um ser distinto (Malaguzzi, 1993).

1. Cem linguagens – o cem é uma simbologia, Malaguzzi considerava que cada criança tem inúmeras formas de manifestação próprias e consequentemente, cem linguagens comunicativas. “A criança, é feita de cem/A criança tem cem mãos/cem pensamentos/cem modos de pensar/de jogar e de falar/cem, sempre cem/modos de escutar/de maravilhar e de amar” trecho de As cem linguagens da criança de Loris Malaguzzi. Disponível em <https://www.criandocomapego.com/as-cem-linguagens-da-crianca-poema-de-loris-malaguzzi/> (Consultado em janeiro de 2021)

O autor desta pedagogia educacional, era defensor da ideia de que todas as crianças têm direito a um meio ambiente de qualidade, direito à beleza e de contribuir para a formação desse mesmo ambiente e dessa ideia de beleza (Rinaldi, 2006).

Waldorf

Fundada após a Primeira Guerra Mundial, a escola Waldorf surgiu sob o impulso de uma necessidade de mudança social. Esta primeira escola nasce da necessidade de reformar a sociedade e de a tornar em algo que considere o verdadeiro ser da Humanidade. Em 1919, Emil Molt, um dos fundadores da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, em Stuttgart na Alemanha, pediu a Rudolf Steiner para criar uma escola onde a educação pudesse oferecer uma cura para a humanidade, onde se educariam seres humanos capazes de viver numa sociedade justa e pacífica (Nicol, 2010). Desenvolvida especificamente para filhos dos trabalhadores da fábrica, este método pretendia criar adultos pensadores autossuficientes, inventivos compassivos e livres para descobrir todo o seu potencial (Nordlund, 2013). Steiner (1998) queria aprender como as crianças se desenvolvem enquanto seres humanos, como é que a essência de uma criança evolui para se tornar num verdadeiro Homem. Trabalhar a favor e não contra a tendência natural das crianças era um dos princípios do autor, ele alegava que uma verdadeira educação tem de cuidar da alma, do espírito e do corpo. Esta pedagogia procura todas as dimensões da criança, preparando-a para um Eu único e capaz de evoluir, abordando a valorização dos indivíduos e as singularidades de cada um (Silva & Gonçalves, 2019).

Na sua metodologia de desenvolvimento, o autor elaborou um currículo escolar com base na teoria de que as crianças progridem em três estágios sequenciais de desenvolvimento, cada um com aproximadamente 7 anos, estes estágios indicam mudanças psicológicas e fisiológicas. O primeiro ciclo (dos 0 aos 7 anos) é o estágio da vontade ou imitação, as crianças aprendem através das explorações físicas e da imitação de ações adultas (Nordlund, 2013).

No primeiro estágio de desenvolvimento o trabalho com os pais, e o ensino pelo exemplo não pela instrução, são princípios incorporados na escola Waldorf. Esta educação permite à criança conhecer o mundo de forma mais adequada à sua idade, através da interação ativa, do toque da exploração, por meio do fazer (Nicol, 2010). A educação Waldorf valoriza nos primeiros sete anos de vida o aspeto sensorial em detrimento de intelectual.

Educação e Design

“A sociedade do conhecimento, como pode ser denominada a atual sociedade, impõe uma nova forma de pensar e um novo comportamento social. Para atender as novas exigências sociais, o homem precisa ser educado e preparado para tal”. (Portugal & Couto, 2010, p.2)

Para ser possível a formação de indivíduos íntegros, com responsabilidade e competentes, a educação deve começar no nascimento da criança, e esta deve ser considerada como um indivíduo rico em potencial, forte e acima de tudo conectado aos outros (Malaguzzi, 1993). A sociedade exige cada vez mais uma competência de conhecimentos e um comportamento social que devem ser adquiridos ainda em criança e as atividades de design promovem boas oportunidades para que se criem as condições necessárias para a construção destes conhecimentos na sala de aula, seja através da interação com objetos ou com o ambiente (Fontoura, 2002).

O design manifesta-se hoje em todos os contextos, desafiando os modelos e processos convencionais de trabalho (Blauvelt, 2011). No passado a escola atendia todos os alunos de forma igual, sem a preocupação de atender às necessidades e diferenças individuais e muitos dos alunos tornavam-se adultos que não atendiam às suas necessidades pessoais e da sociedade (Portugal & Couto, 2010). Contudo, e cada vez mais a educação de crianças pequenas é vista como um auxílio para o desenvolvimento da construção do conhecimento e identidade. E é aqui que o design pode contribuir significativamente. É possível aprender, ensinar e educar por meio do design.

“Ao se fazer uso das ferramentas do design; dos seus fundamentos; das suas metodologias de trabalho; das suas maneiras de interagir na formação da cultura material; das suas maneiras de proceder na conceção dos objetos; das suas maneiras de utilizar as tecnologias e os materiais; do seu característico sentido estético enquanto atividade projetual; das suas maneiras de realizar a leitura e a configuração do entorno; o design torna-se, no seu sentido e significado mais amplo, um instrumento com um grande potencial para participar e colaborar ativamente na educação formal e informal das crianças e jovens cidadãos nestes tempos de mudança.” (Fontoura, 2002, p.27)

A pedagogia mostra que, para que o aluno aprenda de forma mais rápida e duradoura este deve aprender segundo o princípio “aprender a fazer”. Ganhando um papel participativo na sua educação, a criança

aos poucos ganha autonomia e começa ela mesma a procurar a resposta para os problemas apresentados. A cada nova resposta, novos aprendizados são construídos. Pode concluir-se assim que existe uma relação íntima entre o brincar, a educação e o design sobretudo numa fase infantil. Todas as atividades do bebé, como o brincar, são inatas por natureza, então compreenda-se que por natureza todo o homem é designer e que a educação por meio de design aprimora este potencial inato (Fontoura, 2002).

Ensinar deve ser um processo de autoconstrução, a criança deve ir em busca do conhecimento, do prazer da descoberta, trata-se de se tornar num processo que nada tem a ver com apenas a transmissão de conhecimentos e informações (Fontoura, 2002).

Através da interação com o meio e os materiais a criança experimenta o mundo através dos sentidos, o design deve influenciar a aparência, a sensação das coisas e a qualidade das experiências (McDonagh, 2004). Permite projetar conjuntos de interações que quando versado sobre a educação resulta num conjunto de possíveis relacionamentos, promovendo um processo mental que auxilia a socialização (Portugal & Couto, 2010).

Estes conjuntos de possíveis interações que favorecem a socialização, são provocados também pelo modo como o espaço é projetado, existem condições que favorecem ou dificultam as interações sociais. A investigação sobre o espaço físico mostra que os ambientes têm uma linguagem silenciosa, mas potente, eles podem influenciar as atitudes e o modo como cada criança participa nas atividades (Cain & Petermans, 2019). Assim como qualquer outra linguagem o espaço físico faz parte dos elementos que constituem o pensamento e que participa na formação do pensamento e identidade da criança.

O Espaço

“O design de interiores, profissional ou não, é um aspeto da vida impossível de escapar. Além do domínio da própria casa, os interiores das casas de amigos e parentes, de escritórios, lojas, restaurantes, escolas, hospitais, veículos de transporte e qualquer outro tipo de lugar onde a vida moderna é vivida, compõem o moderno mundo como o conhecemos.” (Pile, 2013, p.10)²

2. “Interior design, whether professional or not, is an aspect of life that is impossible to escape. In addition to the domain of one’s own home, the interiors of the homes of friends and relatives, of offices, stores, restaurants, schools, hospitals, transport vehicles, and every other sort of place where modern life is lived, make up the modern world as we know it.”

A vida moderna é vivida dentro de ambientes, seja dentro de casa, no escritório, na escola, em restaurantes, viajamos de automóveis, de avião, de autocarro, etc. a vida fora do espaço fechado é normalmente temporária, apenas pelo período de transição de um espaço para outro (Pile, 2013). Quase todas as tarefas desenvolvidas pelo Homem são num local específico e dentro de um espaço limitado. Este espaço apresenta barreiras específicas, mas por outro lado oferece segurança e abrigo (Śliwa & Nowicka, 2014).

O ser humano é o único animal com habilidades que lhe permitem mudar e adaptar intencionalmente e conscientemente o ambiente (Fontoura, 2002), compreende-se o ambiente como um companheiro silencioso da vida diária. O Homem interage com o ambiente, intencionalmente ou não, em quase tudo o que faz, podendo ser auxiliado nas suas tarefas. Esta disciplina, design de ambientes, torna-se assim uma mais-valia para a criação de um mundo melhor (Cain & Petermans, 2019).

O mundo físico e social afetam o ser humano, fortalecendo ou provocando mudanças na maneira de agir, nas habilidades, no autoconhecimento, etc. Assim, todas as escolhas feitas, relativamente aos espaços, móveis ou materiais fazem diferença na qualidade das experiências vividas, esta influência é grande nos adultos, mas também as crianças estão expostas a estes influxos. Com uma personalidade ainda domável é necessário ter em atenção as condições a que se expõe as crianças pequenas.

Com a evolução do ser humano, tornou-se necessária a presença de espaços infantis para auxiliar os pais na tarefa de educar, a criação de creches veio contribuir a favor desta necessidade. Atualmente, procura-se um espaço de creche, que seja capaz de acompanhar a mudança porque não existe um espaço ideal (Rinaldi, 2006).

“Assim, se compreendemos os espaços como mediador das nossas relações, eles podem significar acolhimento, diálogo, confiança ou controle e isolamento. Somos nós, adultos envolvidos no quotidiano da escola, que atribuímos através de nossa prática sentidos aos espaços, que irão influenciar as crianças por toda a vida” (Nascimento, 2015, p.132).

O ambiente disponibilizado aos bebés passou a ter destaque nas propostas políticas voltadas para as crianças. Elas têm hoje, o direito a um ambiente cuidado que garanta a sua dignidade, autonomia, segurança, liberdade, bem-estar e que favoreça as aprendizagens (Santos, 2017).

Os espaços no contexto escolar, podem ser utilizados para contemplar as diversas linguagens da criança. Eles são peças fundamentais na educação infantil, é através das interações com o outro e com o meio ambiente que as crianças experimentam o mundo. Compreenda-se o espaço como mediador das

relações interpessoais e como influenciador da personalidade de criança para toda a vida (Nascimento, 2015).

O comportamento social da criança é moldado pela origem, pela disposição e diversidade de materiais presentes no espaço, o material de confecção, a cor, a forma e os acabamentos devem ser elementos fundamentais para a decisão de escolha dos produtos. Os materiais devem ser escolhidos pelas características e pelas diversas aplicações que possibilitam várias atividades e ainda pela carga simbólica que pode levar para o espaço (Cavalcante et al., 2010).

Ambientes infantis precisam de ser coerentes com as necessidades das crianças, oferecendo segurança e, ao mesmo tempo incitando a exploração. Um ambiente estimulante para o bebê é onde ele sente prazer de pertencer, com o qual se identifique e onde possa estabelecer relações interpessoais (Hank, 2006). O modo como o espaço é projetado para o desenvolvimento das atividades na escola constitui um dos elementos que tornarão o dia-a-dia *“positivo ou não e propulsor ou não de aprendizagens que promovam o desenvolvimento amplo da personalidade e da inteligência das crianças desde que nascem”* (Prieto et al., 2015, p.291). Quanto menores as crianças forem maior é o poder da influência do ambiente na consciência de cada uma (Cruz & Cruz, 2017).

“O espaço físico de uma creche está, portanto, relacionado à qualidade do ensino nela realizado”³, desempenhando um papel autocriativo na vida de cada um (Śliwa & Nowicka, 2014, p.4). Ambientes físicos ensinam como agir e como participar. Uma sala limpa, organizada, iluminada com acessibilidade aos materiais é diferente de um espaço com muitos móveis, escura e com materiais fora do alcance das crianças, cada ambiente apresenta uma concepção de educação e cuidados diferentes. *Os ambientes são a materialização de um projeto educacional e cultural* (Barbosa, 2010, p.8).

Também as três abordagens educacionais referidas anteriormente se preocupam em conseguir oferecer às crianças ambientes esteticamente agradáveis que servem como uma ferramenta pedagógica e fornecem mensagens sobre o currículo e sobre o respeito pela criança (Edwards, 2002). Abre-se assim, espaço para explicar como cada abordagem percebe o ambiente.

3. “ the physical space of a kindergarten is thus related to the quality of education carried out in it.”

Montessori

Maria Montessori acreditava que é possível proporcionar um ambiente que alimente o autodesenvolvimento, o potencial individual e apoie a independência de cada criança. Um ambiente seguro e com características físicas, emocionais, mentais e sociais para proporcionar liberdade de viver, a fim de promover a responsabilidade, deve ser aplicado a todos os espaços Montessori independentemente de que idade esse ambiente atenda (Isaacs, 2018).

Numa sala Montessori cada detalhe deve ser planejado para possibilitar que as crianças aprendam por si, para oferecer atividades que requerem concentração e para promover o máximo de liberdade e independência possível (Feez, 2009) (Figuras 1 e 2). Todos os ambientes e materiais oferecidos às crianças são preparados, ordenados e agradáveis, os materiais são mantidos em prateleiras e ao alcance das crianças para que estas respondam à tendência de trabalhar sozinhas ou em pequenos grupos (Edwards, 2002).

O mundo é preparado para a criança, todos os móveis ficam à sua altura, sem ser necessária a ajuda de um adulto elas têm como se alimentarem, beber (Figura 3), ir à casa de banho e dormir, as camas de chão utilizadas neste método são um exemplo da



Figura 1 - Ambiente Montessori.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/941959/neuroarquitetura-aplicada-a-arquiteturas-para-criancas?ad_source=search&ad_medium=search_result_all



Figura 2 - Ambiente Montessori.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/941959/neuroarquitetura-aplicada-a-arquiteturas-para-criancas?ad_source=search&ad_medium=search_result_all



Figura 3 - Tarefas diárias Montessori.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/941959/neuroarquitetura-aplicada-a-arquiteturas-para-criancas?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

independência que se proporciona à criança, elas podem deitar-se quando querem e levantar-se para voltar a brincar da mesma forma (Feez, 2009).

O ambiente infantil não deve ser hiper estimulante, deve ser leve e arejado, limpo, seguro, ordenado e bonito com muito espaço para proporcionar liberdade de movimentos. Devem ser utilizadas várias superfícies de forma a estimular o apelo sensorial, como ladrilhos e madeiras, tapetes e almofadas, nunca menosprezando a segurança e praticidade. Existem ainda espelhos na parede e mobiles que chamam a atenção dos bebês (Feez, 2009).

Reggio Emilia

A metodologia desenvolvida por Loris Malaguzzi tinha o espaço como um princípio importante para as relações, comunicações e encontros. Havia nela uma clara visão da relação entre o espaço e a qualidade da aprendizagem, o autor tinha na sua metodologia o espaço como o terceiro educador (Rinaldi, 2006), para além dos professores e pais o espaço físico da escola passou a ser visto como um componente educacional (Sá, 2010).

Segundo a perspectiva de Malaguzzi, deve existir ordem e beleza em cada espaço e cada um deve ser pensado para ter um objetivo e identidade, deve apoiar os relacionamentos por meio de características físicas como a transparência, a harmonia e a luz (Edwards, 2002).

Esta abordagem educativa defende que é necessário ouvir as crianças para saber como vivem e como

interpretam os espaços. Todas têm direito a um espaço acolhedor e alegre que contenha mensagens educacionais e que estimulem a experiência e a aprendizagem construtiva. Nas escolas Reggio Emilia é possível destacar a ausência de portas, a divisão entre os vários espaços da sala é feita através de mobiliário (Figura 4), desde que este não impeça a movimentação e visão das crianças. Existe uma grande quantidade de paredes em vidro, plástico (Figura 5) e a comunicação entre o interior e o exterior deve ser favorecida. Também a presença de plantas é acentuada em toda a escola; os móveis são de tamanho reduzido de forma a se adaptarem as crianças (Figura 6) assim como as casas de banho. Há ainda também uma grande presença de janelas para que seja possível uma iluminação natural (Sá, 2010).



Figura 4 - Espaço Reggio Emilia.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943136/a-importancia-do-ambiente-na-abordagem-reggio-emilia>



Figura 5 - Parede em vidro.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943136/a-importancia-do-ambiente-na-abordagem-reggio-emilia>

O ambiente escolar oferece às crianças aprendizagens e experiências diárias, mas também os materiais utilizados são muito valorizados nesta abordagem, em geral é dada preferência a materiais do cotidiano e naturais como por exemplo rolhas, folhas, pedras, cascas de árvores e potes (Gandini et al., 2005). Para crianças dos 3 meses aos 3 anos, Reggio Emilia tem o espaço Nidi. Este requer uma série de considerações especiais, as necessidades de segurança e de personalização estão mais marcadas no Nidi do que na escola da infância. É dada especial atenção à organização dos espaços, às superfícies (pisos, paredes e tetos), aos espaços sensoriais e ao mobiliário. No Nidi procura-se responder à necessidade de segurança e ao desejo de autonomia (Rinaldi, 2006).



Figura 6 - Espaço Reggio Emilia.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/943136/a-importancia-do-ambiente-na-abordagem-reggio-emilia>

Waldorf

Ritmo, repetição e reverência são os três R's da educação Waldorf, estes sustentam as práticas do jardim de infância e são considerados princípios educativos importantes, dão estrutura e forma ao dia das crianças permitindo-lhes sentirem-se seguras (Nicol, 2010).

Nas escolas Waldorf, as crianças são envolvidas em atividades que lhes permita compreender a vida, é possível, por exemplo, encontrar as crianças numa sala a fazer croché sem distinção entre os sexos, estas atividades que se realizam têm como propósito que cada criança obtenha uma compreensão geral do que é a vida (Steiner, 2004). Todas as atividades educacionais têm como objetivo atender às necessidades holísticas de cada criança (Nordlund, 2013).

Esta metodologia de ensino inclui as vertentes científica, artística, estética e permite que a criança brinque e se expresse da forma que necessita. A prioridade é que as crianças percebam que são seres únicos e para isso são expostas a um ambiente seguro e humanizado onde se podem desenvolver segundo a sua vontade (Silva & Gonçalves, 2019), (Figura 7). O método Waldorf defende o ensino sob forma de arte criando um ambiente onde a beleza é um dos pontos fundamentais, acredita-se que a sala nutre a criança e permite que ela tenha uma experiência de bem-estar, gratidão e harmonia (Easton, 1997).

As escolas Waldorf incluem atividades como modelar cera de abelha, costurar e lavar roupas dos bonecos, coser o pão, trabalhar com materiais naturais, limpar as salas, alimentar os pássaros, fazer a reciclagem. Segundo a pedagógica estas atividades desenvolvem os sentidos das crianças



Figura 7 - Espaço Waldorf.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/935704/como-projetar-escolas-e-interiores-baseados-na-pedagogia-waldorf?ad_source=search&ad_medium=search_result_all



Figura 8 - Materiais Waldorf.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/935704/como-projetar-escolas-e-interiores-baseados-na-pedagogia-waldorf?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

estimulando a imaginação e a alegria de viver, introduzindo uma ideia de ecologia, cuidado com os espaços e ligação com a natureza. De modo que as brincadeiras são estimuladas por circunstâncias externas, os objetos que são alvo das brincadeiras devem ser transformados pela criança. Os brinquedos têm o intuito de estimular a imaginação, apelando aos sentidos. Eles são feitos em materiais naturais, como paus, conchas e pedras (Figura 8), permitindo que as crianças criem uma coisa diferente a cada vez que brincam, eles devem ser o mais simples e bonitos quanto possível (Nicol, 2010).

Steiner (2004) dizia que jardins de infância desta metodologia devem excluir tudo o que é planejado para as brincadeiras das crianças, elas devem apenas imitar as atividades dos adultos, pois quando se treina uma criança intelectualmente antes dos cinco anos mais materialistas elas serão no futuro. Brinquedos abertos para interpretação e fantasias são os eleitos. As paredes das salas são cobertas com projetos feitos pelas próprias crianças e educadores, devem ter espaços naturais que permitem a exploração tátil e playstands⁴ (Figura 9) onde se constroem cenas imaginárias e se expressam como artistas (Nordlund, 2013).



Figura 9 - Playstand.

Fonte: <https://www.bestchoicereviews.org/toys/indoor-playhouses-teepees/>

4. Playstands – é uma estante infantil, contudo a educação Waldorf compreende que este pode ser o que a criança imaginar. Geralmente coberto com um tecido, pode tornar-se um recanto aconchegante para brincar, pode tornar-se uma casa ou uma loja, tudo que a criança quiser e conseguir imaginar.

A psicologia dos espaços

“O ambiente garante condições físicas e emocionais do bem-estar subjetivo, por isso ele deve ser cuidado. Ele não deve atender apenas a eleição de critérios térmicos, acústico, visual, mas também ao acréscimo da emoção tornando-se abrigo para o corpo e a mente” (Santos, 2017, p. 8).

Visto os seres humanos passarem grande parte das suas vidas dentro de ambientes fechados, não é surpreendente que as características do espaço tenham impacto significativo nos seus comportamentos. Claro está que, algumas influências no comportamento são originárias da hereditariedade. Esta questão gerou um debate intenso, porém não é possível considerar uma pessoa sem considerar a questão da hereditariedade conciliada com a experiência. Assim, embora as características pessoais sejam fortemente influenciadas pela genética, também a educação, a influência de amigos, do ambiente e de outras variáveis afetam as características (Papalia & Feldman, 2013).

A escola representa assim um papel importante no desenvolvimento das crianças. Não apenas nas questões relacionadas com o desenvolvimento das competências da matemática e das ciências, mas também na formação como seres humanos competentes e responsáveis. O espaço da sala de aula é tão importante quanto o que é ensinado (Silva & Gonçalves, 2019). *“É praticamente consenso que as pessoas constroem a ideia de quem são na interação dinâmica estabelecida com o ambiente”* (Cruz & Cruz, 2017, p. 6).

O espaço transmite as ideias da educação, da sociedade e até da criança, são estas ideias e sentimentos que determinam em grande medida como será a formação infantil. Estes conceitos são apropriados pela criança e transformam-se em ingredientes no processo da construção de identidade (Cruz & Cruz, 2017). As características de um espaço são capazes de induzir diversas sensações, de fazer com que a pessoa se sinta bem e relaxada. Independentemente das emoções e sensações que o espaço causa, pode afirmar-se que as características ambientais desempenham um papel fundamental na forma como as pessoas se sentem. Estas indicações mostram o quão necessário é possibilitar aos bebês ambientes diversificados pensados com a intenção de oferecer espaços desafiadores e aconchegantes que estimulem a exploração e movimento, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e afetivas (Lemes, 2012).

Assim, os ambientes disponibilizados às crianças devem ser cuidados, agradáveis, portadores de confiança e segurança, para que auxiliem no sucesso do aprendizado. Esta aprendizagem está

intimamente associada às emoções. Se a criança se sentir com medo ou coagida o processo de aprendizagem será dificultado, por outro lado se sentir emoções positivas a capacidade de aprender vai aumentar (González-Gómez, 2013).

A psicologia ambiental torna-se assim numa ferramenta importante nos projetos para que sejam concebidos espaços capazes de responder mais adequadamente às necessidades dos utilizadores.

Considerações ao capítulo 3

Neste capítulo foram explorados conceitos de educação. Este ponto abriu espaço para explorar três das metodologias de ensino europeias mais conhecidas, sendo elas a Montessori, fundada por Maria Montessori, Reggio Emilia, fundada por Loris Malaguzzi e finalizando com a educação Waldorf, fundada por Rudolf Steiner.

Seguidamente abriu-se espaço para estudar a relação entre a educação e o design, onde foi possível compreender que o design pode criar conjuntos de interações, disponibilizando-as no ambiente que promovem o aprendizado e a socialização entre crianças e entre crianças e adultos.

Estuda-se posteriormente o espaço como ferramenta educativa e como auxílio para a aprendizagem de novas competências, abrindo campo para compreender como cada abordagem educativa, tratada anteriormente, percebe os espaços e como aplica as suas ideais.

O capítulo é fechado abordando o tema psicologia dos espaços, onde se ganha uma nova visão de como a psicologia é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento dos projetos de espaços dedicados ao ser humano.

PARTE III
DESENHO DA METODOLOGIA

Ferramentas de avaliação

Questionário

“A formulação de qualquer questionário a ser usado numa pesquisa deve ser uma parte integrante da fase de concepção da investigação. Um questionário não é apenas uma lista de perguntas ou um formulário a ser preenchido. É essencialmente uma ferramenta de medição, um instrumento para a recolha de determinado tipo de dado” (Oppenheim, 1992, p.8)¹

Um questionário não é apenas um conjunto de perguntas que foram anotadas sem qualquer reflexão. Ele é desenvolvido para gerar dados, para que seja possível alcançar os objetivos de determinado projeto. Deve ser compreendido como uma importante ferramenta de pesquisa que tem como objetivo medir. Oppenheim (1992), refere que não existe um conjunto de regras ou princípios básicos para o desenvolvimento das perguntas, contudo apresenta algumas normas para que seja possível evitar alguns erros, (1) as questões não devem ser muito longas, (2) perguntas ambíguas devem ser evitadas assim como (3) provérbios e ditados populares e (4) a utilização de palavras simples deve sempre ser favorecida em relação aos termos técnicos, às siglas e abreviaturas.

De uma forma geral, um questionário, pode ser classificado em duas categorias – questionários de resposta fixa e questionários abertos. Em questionários de resposta fixa, é apresentada uma série de repostas alternativas, em questionários de resposta aberta são apresentadas questões de resposta livre, neste caso, o número de linhas pode determinar parcialmente o cumprimento da resposta que se quer obter (Jordan, 2005).

Questionários podem ter condicionantes de resposta. Ainda que se possa garantir o anonimato de quem responde por vezes as questões são respondidas de uma forma não pessoal, a procura pela compatibilidade com o outro, a tendência de imitação social, o medo do julgamento e a submissão aos estereótipos culturais podem condicionar as respostas de quem participa (Carmo, 2013).

1. “The formulation of any questionnaire to be used in a survey must be an integral part of the research design stage. A questionnaire is not just a list of questions or a form to be filled in. It is essentially a measurement tool, an instrument for the collection of particular kinds of data.”

Perguntas de classificação

“As perguntas de classificação são um tipo especial de pergunta factual” (Oppenheim, 1992, P.69)²

Perguntas de classificação correspondem a questões factuais que geralmente questionam quem responde sobre várias informações pessoais, tais como o sexo, a idade, a educação e etc. Estas questões mostram-se de especial relevância uma vez que permitem segmentar a amostra. Estas, são questões que tendem a repetir-se em todas as pesquisas (Oppenheim, 1992).

Escala de Likert

Uma forma de medir as emoções através do autorrelato consiste na aplicação de uma escala de Likert, esta escala pretende medir aspetos e as opiniões do público-alvo. Consiste na escolha de uma classificação da escala com a qual o participante se identifique (Carmo, 2013).

Além de ser relativamente fácil de construir, esta escala consegue fornecer dados mais precisos sobre o grau de concordância de quem responde, permite também incluir itens que não estão obviamente relacionados com a intenção de pesquisa, possibilita a criação de ramificações subtis de atitudes que se pretendam explorar (Oppenheim, 1992)

Considerada um tipo de pergunta fixa, é necessário que a possibilidade de respostas oferecidas a quem responde consiga oferecer uma gama de opções abrangente, pois seria *“inadequado se as respostas alternativas para uma pergunta sobre a quantidade de uso fossem apenas ‘muito frequentemente’, ‘raramente’ ou ‘nunca’*” (Jordan, 2005, p.136)³. Uma série de respostas tão restrita condicionaria quem responde e excluiria os usuários ocasionais.

Desta forma, esta escala apresenta, normalmente, uma série de cinco máximas, nada importante, pouco importante, moderado, importante e muito importante (Carmo, 2013).

2. “Classification questions are a special type of factual.”

3. “be inappropriate if the alternative responses for a question about amount of usage were to be only ‘very often’, ‘rarely’ or ‘never’.”

Questões abertas

“Para evitar tais problemas, os pesquisadores às vezes optam por usar um formato de resposta livre, pedindo aos participantes que respondam com rótulos ou expressões curtas que, na sua mente, melhor caracterizam a natureza do estado que experimentaram”
(Scherer, 2005, p.18)⁴

Este tipo de questões permite avaliar a experiência subjetiva, mas consciente das emoções (Scherer, 2005). É particularmente útil, pois possibilita formular perguntas de forma mais ampla, o que proporciona o destaque das questões que são consideradas mais relevantes para quem responde. Posteriormente é vantajoso para o investigador pois retrata, mais objetivamente, as questões que estão relacionadas ao prazer de um projeto/serviço (Jordan, 2005).

Questões abertas, são perguntas onde quem responde é livre para responder com as suas próprias palavras.

“A principal vantagem da pergunta aberta é a liberdade que dá aos respondentes. Uma vez que tenham entendido a intenção da pergunta, eles podem deixar os seus pensamentos vagarem livremente, livres de um conjunto preparado de respostas” (Oppenheim, 1992, p.59)⁵

-
4. “To avoid such problems, researchers sometimes choose to use a free response format, asking participants to respond with freely chosen labels or short expressions that in their mind best characterize the nature of the state they experienced.”
 5. “The chief advantage of the open question is the freedom it gives to the respondents. Once they have understood the intent of the question, they can let their thoughts roam freely, unencumbered by a prepared set of replies.”

Tabela 1 - Vantagens e desvantagens das questões abertas

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> › Estimula a cooperação; › Maior alcance de questões; › Menor influência em quem responde; › Liberdade e espontaneidade nas respostas; › Beneficia a avaliação de atitudes; › Possibilita testar hipóteses sobre ideias ou consciência. 	<ul style="list-style-type: none"> › Dificil interpretação das respostas; › Menos objetivas; › Dificuldades de expressão, por parte de quem responde; › Maior demora na análise.

Enquadramento

“Questões menos tangíveis, como o vínculo emocional dos utilizadores com os produtos, as percepções culturais e os sistemas de valores sociais, fornecem informações valiosas para o desenvolvedor do produto e ajudam a expandir o conhecimento e a compreensão das necessidades dos utilizadores além do funcional” (McDonagh et al., 2002, p.1)⁶

O presente projeto de investigação tem como objetivo compreender como o design de um espaço consegue despertar questões menos tangíveis, como as necessidades emocionais. McDonagh (2002) refere que apesar da funcionalidade do produto ser crucial para o sucesso do mesmo, o uso de materiais que correspondem aos valores do utilizador, o formato e a aparência fornecem as impressões imediatas. Desta forma pretende-se compreender como consegue o design proporcionar sentimentos e emoções positivas ou negativas, no encarregado de educação na visita de um espaço para bebés que podem ser transformadores de opinião.

De forma a conseguir prosseguir com o estudo, foram abordadas as creches do concelho de Ponte de Lima, para que a abordagem aos encarregados de educação dos bebés fosse mais rápida e eficaz.

6. “Less tangible issues such as emotional bonding of users with products, cultural perceptions and social value systems, provide valuable insights for the product developer to help expand knowledge and understanding of the users’ need beyond the functional.”

A investigação foi conduzida seguindo alguns fatores que condicionaram a experiência, nomeadamente o vírus SARS-Cov-2. Este ano pandémico colocou restrições e influenciou em grande medida a forma como se procedeu a investigação. Todo o contacto com as creches e os seus ambientes foram estritamente proibidos, assim como o contacto com pessoas de forma informal. A investigação seguiu apenas por meio de ferramentas em papel, nomeadamente o questionário.

Apesar das condições impostas pela pandemia o estudo pôde ser realizado em cinco das seis creches do concelho, o que levou a investigação a ter um número total de possíveis respostas igual a 218.

Colaborações

“A nossa avaliação inicial da população alvo deveria surgir dos objetivos da pesquisa, não de um senso de quem está disponível para responder às nossas perguntas. Quanto mais claros os objetivos, mais fácil será definir a população alvo. A população alvo específica pode ser um subconjunto de uma população maior” (Carmo, 2013, p.7).

Carmo (2013) refere que a população alvo, da pesquisa deve surgir dos objetivos da mesma, e antes de aplicar qualquer questionário ou entrevista é necessário começar por definir este ponto. A população alvo é um grupo de indivíduos a quem a pesquisa será aplicada e deve sempre ser *“representada por uma lista finita de todos os seus membros”* (Carmo, 2013, p.7). Assim foi iniciado, o processo de aplicação da pesquisa, pela definição da população alvo.

Tendo como objetivo compreender que aspetos do espaço são mais importantes para os encarregados de educação, foi determinado que o público-alvo seriam encarregados de educação de bebés em idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos, que frequentam a creche. Com isto foi necessário encontrar uma alternativa que permitisse chegar aos pais de uma forma mais rápida, eficaz, segura (visto ser necessário que o contacto entre pessoas seja restrito por causa da covid19) e de forma a ser possível obter uma amostra da população válida *“Não se pode amostrar uma população se não podermos especificar o que aquela população é”* (Carmo, 2013, p.7).

Foi então, estabelecido o concelho da autora, Ponte de Lima, como o limite territorial do experimento. Desta forma foi exequível criar uma amostra específica da população. Para além disto, foi definido que a melhor abordagem seria contactar as creches do concelho, uma vez que estas têm mais fácil acesso aos pais dos bebés.

Oppenheim (1992) referia que, embora possa existir conhecimentos nas escolas, como professores, é indispensável proceder a um pedido de permissão ao diretor da instituição na qual se pretende realizar o estudo. Ainda que o estudo tivesse como objetivo apenas questionar os pais das crianças, seguiu-se esta norma, pedindo autorização e a colaboração de cada uma das creches no projeto.

Inicialmente existiu uma abordagem informal pelo telefone e posteriormente foi enviado um email para cada creche onde (1) era pedida uma autorização para que fosse conduzida uma pesquisa entre os pais dos bebés, (2) apresentava uma descrição breve dos objetivos do projeto, (3) era explicado o método de pesquisa. Ver apêndice 1.

Foram contactadas seis creches no total (número de creches existentes em todo o concelho), contudo apenas cinco deram permissão para prosseguir com o estudo. A creche que não autorizou o estudo, justificou dizendo que não poderia participar devido a uma fase mais complicada que se encontrava a passar, onde no momento não era permitida a troca de documentação em papel.

Creches visitadas

Casa do Povo de Vitorino de Piães

A casa do Povo de Vitorino de Piães é uma instituição privada, sem fins lucrativos que pretende promover a igualdade e a justiça social.

A creche desta instituição foi criada em outubro de 1998, para dar resposta à necessidade que os pais sentiram quando o mercado de trabalho se transformou.

Disponibiliza um horário das 7.00h às 19.00h e tem capacidade para acolher 30 crianças, com idades entre os 4 meses e os 3 anos. Atualmente a creche acolhe 22 bebés⁷.



Figura 10 - Espaço da creche.



Figura 11 - Espaço da creche.



Figura 12 - Espaço da creche.



Figura 13 - Exemplo de mobiliário.

7. Imagens fornecidas pela Educadora e Coordenadora Palmira

Centro Paroquial e Social da Facha

O Centro Paroquial e Social da Facha é uma associação de natureza canónica⁸.

Esta associação foi constituída a 16 de março de 2000, contudo a sua atividade começou apenas a 8 de Agosto de 2001.

Disponibiliza um horário da 7.30h às 19.30h e tem capacidade para acolher 35 crianças, com idades até aos 3 anos. Atualmente acolhe 33 bebés⁹.



Figura 14 - Espaço exterior.



Figura 15 - Espaço da creche.



Figura 16 - Espaço da creche.



Figura 17 - Espaço da creche.

-
8. Associação canónica – é uma associação construída pela autoridade eclesiástica, e tem como missão trabalhar em prol dos fins que a associação se propõe alcançar em nome da igreja.
 9. Imagens fornecidas pela Educadora Lígia.

Creche Casa de Magalhães

A Casa do Povo de Freixo abriu a creche Casa de Magalhães com o objetivo de responder às necessidades da população da sua freguesia e circunvizinhas, pois era necessária uma resposta social de creche nesta localização. Esta nasceu do interesse em apoiar a comunidade e oferecer respostas à população com o objetivo de bem servir.

Tem capacidade para 41 crianças, com idades entre os 3 e os 36 meses. Atualmente acolhe 35 bebés¹⁰.



Figura 18 - Entrada da creche.



Figura 19 - Espaço exterior.



Figura 20 - Espaço da creche.

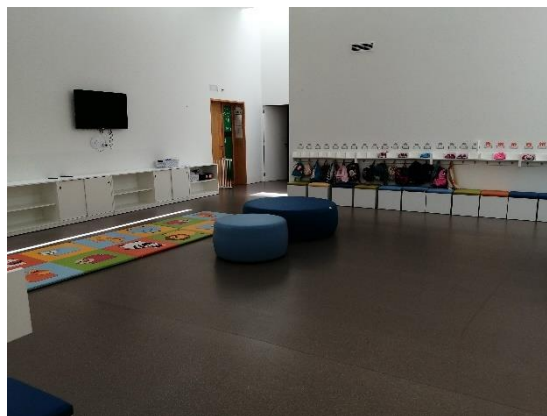


Figura 21 - Espaço da creche.

10. Imagens fornecidas pela Educadora e Coordenadora Marta.

Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima e Centro Comunitário de Arcozelo

A creche da Santa Casa da Misericórdia e o Centro Comunitário de Arcozelo (pertencente também à instituição da Santa Casa) têm como objetivo oferecer uma resposta social à população oferecendo apoio na área da infância.

A creche da Santa Casa tem capacidade para acolher 96 crianças, com idades entre os 4 e os 36 meses. Atualmente acolhe a capacidade máxima de bebés.

O Centro Comunitário de Arcozelo tem capacidade para acolher 30 bebés com idades entre os 3 e os 36 meses. Atualmente acolhe também a capacidade máxima de crianças¹¹.



Figura 22 - Creche Ponte de Lima.



Figura 23 - Creche Ponte de Lima.



Figura 24 - Creche Centro Comunitário de Arcozelo.



Figura 25 - Creche Centro Comunitário de Arcozelo.

11. Imagens fornecidas pelo Dr. Alípio Gonçalves de Matos.

Desenho do questionário

O desenho do questionário foi dividido em 3 partes. Ver apêndice 2.

Parte A, consiste em perguntas de dados biográficos, tem como objetivo auxiliar na fragmentação dos vários questionários, aquando da análise. A Parte B, foi desenvolvida para, através de uma escala de Likert, ser possível compreender quais os produtos/aspectos mais relevantes no ambiente, que elementos pedagógicos (considerados pelos autores de pedagogias infantis) são mais valorizados e quais os aspetos do design emocional tem mais impacto na escolha de uma creche. Esta escala apresenta 10 fatores expostos como importantes para a educação infantil; a última parte do questionário, a Parte C, consiste numa série de questões abertas que pretendem perceber como o design consegue influenciar a decisão de escolha da creche e que estados emocionais podem ser gerados pelo ambiente.

Todo o questionário foi desenvolvido tendo em vista as questões do design emocional.

Justificação dos questionários

Parte B

A segunda parte do questionário consiste numa escala de Likert de 1 a 5 pontos (Nada importante, pouco importante, moderado, importante e muito importante). Esta escala foi aplicada em 10 características que são consideradas fundamentais, para as metodologias de ensino infantil estudadas na revisão bibliográfica. Estes 10 elementos presentes na escala tiveram também em consideração, características do design emocional.

› **B1. Móveis e objetos devem combinar com o tamanho e habilidades dos bebés.**

Maria Montessori referiu na sua metodologia de ensino que, para que o ambiente possa dar liberdade à criança é necessário que este reúna algumas condições. Para a autora tudo aquilo que é importante deve ser acessível ao bebé. Na escola montessoriana móveis e objetos combinam com o tamanho das crianças (Feez, 2009). Também na escola Reggio Emilia é possível ver por todo o espaço, móveis de tamanho reduzido e adequados às crianças pequenas (Sá, 2010).

Este tópico tem a funcionalidade como centro da questão, Donald Norman (2004) aborda este tema quando fala do nível comportamental do design, este tema está diretamente relacionado com a eficácia

do uso do produto e a experiência que proporciona aos mais pequenos. Esta questão cobre também o prazer fisiológico, de Jordan (2005) na medida em que responde às necessidades do bebé, existe uma relação direta entre o prazer físico e a utilização.

- › **B2. É necessário um ambiente que possibilite interação e que incentive várias atividades sensoriais (experiências que incentivem a utilização do tato, do olfato, etc.).**

Na primeira infância a criança encontra-se numa fase de abertura sensorial, todo o estímulo que ela recebe, influencia diretamente o seu desenvolvimento físico e emocional. Grande parte das atividades realizadas nos primeiros anos do bebé dizem respeito à aquisição de experiências sensoriais. A simples tarefa de interagir com um brinquedo é um estímulo importante. Inconscientemente o bebé desenvolve a sua autoestima, pois percebe que é capaz de movimentar o objeto sozinho (Fontoura, 2002)

Na escola Montessori as atividades sensoriais e culturais são consideradas fundamentais. Na pedagogia considera-se que a criança tem fome de um ambiente repleto de interação social e de necessidades sensoriais (Feez, 2009). Também os educadores das pedagogias Waldorf e Reggio Emilia consideram as atividades sensoriais uma forma de enriquecer, estimular e reforçar o conhecimento intelectual, criando contextos educativos que propiciam ambientes de exploração (Easton, 1997).

Esta questão, aborda a funcionalidade e a experiência a longo prazo, Norman (2004) trata estes temas quando se refere ao design comportamental, relacionado com a experiência com o produto e ao design reflexivo, relacionado com o prestígio e a exclusividade que as atividades podem oferecer. Também nesta questão são abordados os prazeres fisiológicos, (relacionados com os prazeres que advém dos sentidos) e sociais, (relacionados com a interação entre o espaço e o bebé) (Tonetto & da Costa, 2011).

- › **B3. Deve ser privilegiada a utilização de materiais naturais (preferência por brinquedos em madeira ou tecido).**

Através do contacto com elementos naturais, é possível criar brincadeiras que ajudam a desenvolver os sentidos, aperfeiçoar movimentos, desenvolver autonomia, a memória, a atenção, a criatividade, podendo ainda auxiliar o relacionamento com outras pessoas. Considera-se também, nesta questão o espaço externo. A interação com elementos naturais está, em grande medida, presente no exterior (Lemes, 2012).

Nas escolas Montessori, Reggio Emilia e Waldorf materiais naturais são considerados potenciadores da criatividade e da exploração. Steiner, definiu que o jardim de infância Waldorf deveria proporcionar experiência sensoriais de qualidade, oferecendo às crianças “*materiais e brinquedos naturais simples que possibilitam à criança desenvolver a sua brincadeira espontânea, que surge da criatividade inata de cada criança*” (Nicol, 2010, p.2)¹². À semelhança da educação Waldorf também as pedagogias Montessori e Reggio Emilia adotam este princípio na sua metodologia.

Este tópico, representa a consciência social, decisões mais conscientes da escolha dos brinquedos e materiais de interação. Este ponto apela ao design reflexivo de Norman (2004) e ao prazer ideológico de Jordan (2005).

- › **B4. É importante ter um espelho na sala para os bebés.**
- › **E B5. A barra de apoio é um benefício para os bebés.**

A creche deve garantir espaços para que seja possível as crianças gatinhar/andar com liberdade e autonomia. Todos os objetos devem estar ao alcance dos bebés para que se garanta este desenvolvimento da independência (Santos, 2017). A colocação de espelhos e da barra de apoio na sala de aula favorecem a criação da autoimagem, ajudam ao desenvolvimento do conhecimento de si própria (Nicol, 2010), assim como a evolução das capacidades físicas.

Representa-se os autores do design nesta questão através de várias questões, o prazer fisiológico de Jordan é representado pelos estímulos sensoriais e o prazer psicológico está representado pelas demandas da conquista e da aquisição de novas competências (Tonetto & da Costa, 2011).

Norman (2004), refere que o design comportamental está diretamente relacionado com as demandas do uso e a experiência com o produto, representado pela funcionalidade presente no tópico o design comportamental torna-se uma das questões principais deste ponto. Também nele está representado as demandas do autoconhecimento que representam perspectivas positivas para um futuro, apelando ao design reflexivo.

12. “simple natural materials and toys enabling the child to develop their spontaneous play, which arises from within the innate creativity of each child.”

› **B6. O ambiente deve ser limpo, seguro, ordenado, espaçoso e funcional.**

“Os nossos ambientes escolares e os materiais que oferecem diariamente às crianças são parte integrante das experiências de aprendizagem” (Gandini et al., 2005, p.44)¹³. Na escola Montessori, o ambiente deve ser controlado, esta pedagogia considera que para que haja o desenvolvimento correto da criança é necessário que exista liberdade mas dentro de limites, é necessário que cada criança tenha um espaço considerável para brincar, praticar a postura e a caminhada, por isso a sala deve sempre estar organizada e arrumada (Isaacs, 2018). Na escola Waldorf e Reggio Emilia este é também um princípio fundamental, o respeito pela natureza da infância e a necessidade de um ambiente seguro permitem que a criança desenvolva uma série de habilidades que proporcionam uma base para a inteligência emocional e social.

Apela-se ao design visceral de Norman (2004), o primeiro impacto do ambiente nos pais e a influência que este contacto inicial pode significar. Também o prazer fisiológico (Jordan, 2005) entra neste ponto do questionário, relacionado com a harmonia e o impacto visual do espaço (Tonetto & da Costa, 2011).

› **B7. O ambiente deve ser pintado com cores claras e neutras.**

As cores podem transmitir alegria, satisfação, conforto, harmonia, etc. No entanto, quando utilizadas de forma errada podem conduzir a sensações negativas. Tonalidades distintas, se não aplicadas com sabedoria podem oferecer sentimentos contrários aos desejados (Zang & Camiloti, 2012).

É possível reconhecer que as cores são de suma importância para o ser humano, pois contribuem em diversos sentidos agindo positivamente ou negativamente no desenvolvimento infantil. No método Montessori, considera-se que o mundo que rodeia a criança é estimulante por si só, desta forma os ambientes controláveis devem ser pintados com cores claras e tons neutros (Método Montessori, 2012). Este fator, os tons do espaço, fazem com que o design visceral se torne o centro deste ponto de estudo, reações viscerais pertencem à parte automática do cérebro e causam julgamentos rápidos do que é bom ou mau (Norman, 2004). Também o prazer fisiológico, de Jordan (2005) está associado a este ponto, relacionado com as questões do impacto visual proporcionadas pela cor.

13. “Our school environments and the materials they offer to children on a daily basis are an integral part of learning experiences.”

- › **B8. O ambiente deve ser flexível e facilmente alterado, para responder às necessidades dos bebês.**

“O modo como os espaços são projetados impacta as condições que favorecem (ou dificultam) as interações sociais, a inclusão social e a conectividade para pessoas de todas as classes sociais” (Cain & Petermans, 2019, p.124)¹⁴. As crianças necessitam de um ambiente que proporcione interação social, interesses sensoriais e culturais. Um ambiente que incentiva a atividade espontânea.

Para que todas as condições necessárias para o desenvolvimento da criança, estejam reunidas, é essencial que o espaço não seja fixo, é indispensável que os vários espaços se encontrem em constante transformação, seguindo as necessidades do bebê (Winnicott, 1979).

As pedagogias de ensino estudadas neste projeto de pesquisa têm esta norma em consideração no desenvolvimento dos seus ambientes. Considera-se que as crianças precisam de espaço para se desenvolverem e que a sensação de pertencer à escola, oferecida pela adaptação do ambiente as necessidades, permite que o bebê participe mais ativamente nas experiências e nas atividades de aprendizagem (Rinaldi, 2006).

Avalia-se neste ponto a importância da funcionalidade e das respostas dadas às necessidades da criança. Relaciona-se então o design comportamental de Norman (2004) e o prazer psicológico de Jordan à questão (Tonetto & da Costa, 2011).

- › **B9. É importante que os trabalhos e tarefas que se realizam fiquem expostos.**

Walter (2011) refere que quando determinado momento é esperado, a resposta emocional não é tão significativa quanto num momento de surpresa. Num momento de surpresa a reação a determinado estímulo é mais intensa e cria uma forte impressão na memória de todos.

Na escola Reggio Emilia as paredes são preenchidas pelos projetos e trabalhos dos bebês, esta característica permite que os pais interajam e tenham conhecimento do que o seu bebê faz ao longo dos dias. Todo o conteúdo da escola visa reunir os três protagonistas da escola – crianças, professores e pais. A escola esforça-se por criar um espaço amigável onde todos têm uma sensação de participação (Malaguzzi, 1993).

14. “How spaces are designed impacts on the conditions that favor (or hamper) social interactions, social inclusion and connectedness for people from all walks of life.”

Esta afirmação tem uma relação direta com o design visceral (Norman, 2004), a surpresa e o deleite proporcionado pela exposição dos trabalhos, e com o design comportamental (Norman, 2004), os trabalhos que são mostrados representam as atividades realizadas e a eficiência da creche. Também o prazer físico, advindo da exposição visual e o ideo-prazer, os valores agregados aos trabalhos e o reconhecimento deles como formas de arte, de Jordan (2005) estão representados neste ponto.

› **B10. É importante que a creche propicie a interação entre os bebês.**

Nos primeiros anos, a educação deve trabalhar a favor do desenvolvimento físico, das habilidades motoras, do respeito pelos outros e pelo mundo que em vivem (Nicol, 2010). As creches representam um papel fundamental na construção da autonomia e dos valores morais (Barbosa, 2010), a infância deve ser um momento de sem pressão e sem pressas. Tal como adultos se desenvolvem através da experiência de vida, as crianças pequenas também se desenvolvem e evoluem por intermédio das brincadeiras e pelos contactos com outras crianças e adultos (Winnicott, 1979).

A escola Reggio Emilia, afirma que as crianças são biologicamente preparadas para se comunicar e estabelecer novas relações (Gandini et al., 2005). “*As crianças também têm fome de um ambiente repleto de interação social*” (Feez, 2009, p.34)¹⁵. Não se deve considerar as crianças como seres isolados e egocêntricos, a criança deve ser percebida como um ser rico em potencial, forte, poderosa, competente e acima de tudo conectada com os outros (Rinaldi, 2006).

Esta questão traz dois níveis do design considerados por Norman (2004), o design comportamental, na medida em que está relacionado com a experiência e a interação que o ambiente proporciona e o design reflexivo, na medida que está relacionado à experiência de longo prazo na creche. Os prazeres de Jordan (2005) estão também representados neste ponto, relacionado com as experiências de interação, é possível incluir o prazer social do autor.

15. “Children also hunger after an environment filled with social interaction”

Parte C

“As emoções e os sentimentos, juntamente com a oculta maquinaria fisiológica que lhes está subjacente, auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto e planejar as nossas ações de acordo com essas previsões” (Damásio, 1994, p.15).

A emoção auxilia no processo de escolha, e ajuda a manter em mente os vários fatores que são necessários ter em consideração. Desmet (2002) afirma que significados pessoais não são previsíveis, mas quanto mais os designers conhecerem e compreender as preocupações específicas de cada indivíduo, mais capazes serão de influenciar as respostas emocionais a determinado projeto. Qualquer produto pode provocar inúmeras emoções em pessoas distintas, algumas preocupações são universais, com a segurança e o amor, enquanto outras são mais pessoais.

Assim, o item C foi projetado para compreender preocupações, motivações e desejos. Na última parte do questionário é possível encontrar frases para completar, desenhadas com base nos autores do design emocional, Norman (2004) e Jordan (2005). Nesta fase do questionário foi aplicada uma técnica projetiva baseada na criação de radicais para as questões, o sentence completion. Desta forma foi possível desenvolver as perguntas o mais gerais e abertas possível para que as respostas obtidas não seguissem qualquer expectativa pré-concebida (Kujala et al., 2014).

Nestas questões (Tabela 2), é possível encontrar:

- › Questões relacionadas com o impacto visual, os elementos que mais se destacaram, tanto a nível positivo como negativo - C2, C3 – associadas ao design visceral.
- › Questões relacionadas com a funcionalidade e a eficácia do uso. Apesar de utilizados pelos bebés como entendem os encarregados de educação, que o espaço pode ajudar o bebé - C4 - apelando ao design comportamental.
- › Questões relacionadas com a memória - C1, C2, C3 e C5 - apelam ao nível reflexivo de Norman (2004), permitindo compreender a que sentimentos e lembranças ficou associado o espaço da creche.
- › Questões associadas ao prazer físico surgem nesta parte do questionário - C2, C3 – relacionado com o prazer visual derivado da visita à creche.
- › O prazer social – C4, C5 – surge relacionado com as questões de interação entre o bebé, o ambiente e os outros.

- › Questões relacionadas com o prazer psicológico, reações cognitivas e emocionais, geradas pela experiência – C1, C2, C3, C4.
- › Questões relacionadas com o prazer ideológico, associado aos valores da pessoa e ao reconhecimento dos produtos como forma de arte – C2, C3.
- › A questão C6, a última, é colocada para que cada participante possa mencionar algo que considere relevante e que pensa não ter sido dito anteriormente.

Tabela 2 - Questões Parte C

C1.	O espaço fez-me lembrar _____.
C2.	O que mais me agradou no ambiente foi _____ porque _____.
C3.	O que menos me agradou no ambiente foi _____ porque _____.
C4.	Acha que o ambiente é funcional? Porquê? _____.
C5.	A organização do espaço transmite-me: _____.
C6.	Se desejar, acrescente algo que lhe pareça importante e que não foi mencionado.

Considerações ao capítulo 4

Na primeira parte deste capítulo é feita uma breve descrição de cada ferramenta utilizada no questionário. Clarificados estes conceitos, o capítulo segue com um enquadramento do projeto, apresentando objetivos e apresentando condicionantes pelas quais o projeto teve de passar.

Posteriormente é feita uma síntese das colaborações com quais o estudo pôde contar, nomeadamente as creches (1) Casa do Povo de Vitorino de Piães, (2) Centro Paroquial e Social da Facha, (3) Creche Casa de Magalhães, (4) Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima e (5) Centro Comunitário de Arcozelo.

O capítulo termina com uma exposição sobre o desenvolvimento do questionário e com a justificação de cada questão nele colocada, tendo sempre como base a revisão bibliográfica.

PARTE IV
ESTUDO

O presente estudo foi realizado em cinco creches do concelho de Ponte de Lima. Estas instituições, em conjunto, acolhem 218 bebés diariamente. Assim sendo, foram entregues 218 questionários para preenchimento, com um período de 1 semana para resposta em cada creche.

Foram devolvidos, no total 121 questionários. Contudo, 2 dos questionários foram devolvidos por preencher e dois deles eram idênticos, visto os bebés serem gémeos. Desta forma foram contabilizadas 118 respostas válidas, o que equivale a uma taxa de resposta de, aproximadamente, 54,13%.

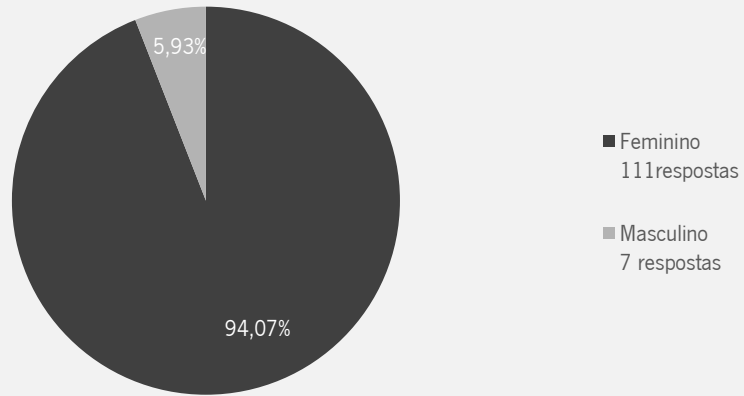
Análise da Parte A do questionário

- › A grande maioria das pessoas que respondeu ao questionário é do sexo feminino;
- › Quase todas as respostas foram dadas pelas mães dos bebés, aproximadamente 93,22%.
- › A maioria das respostas são de pessoas com idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos;
- › Existe uma grande diversidade de habilitações literárias, que vão desde o 8ºano ao Doutoramento. Sendo o maior número de respostas dado por pessoas que completaram o 12ºano;
- › O maior número de respostas de idade dos bebés situa-se no intervalo dos 24-36 meses, seguido pelo intervalo de 12-24 meses;
- › A média de respostas por creche corresponde a 57,84%;
- › A creche que obteve mais respostas foi a Santa Casa da Misericórdia, com 46 respostas, o que corresponde a 38,98% do total de respostas.

Tabela 3 - Dados da análise da Parta A do questionário.

Identificação

A1. Sexo



A2. Idade

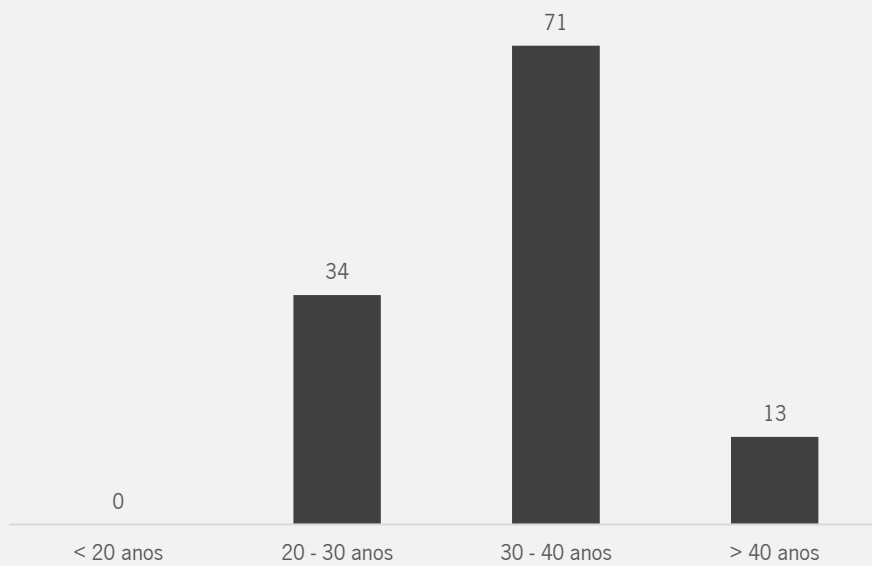
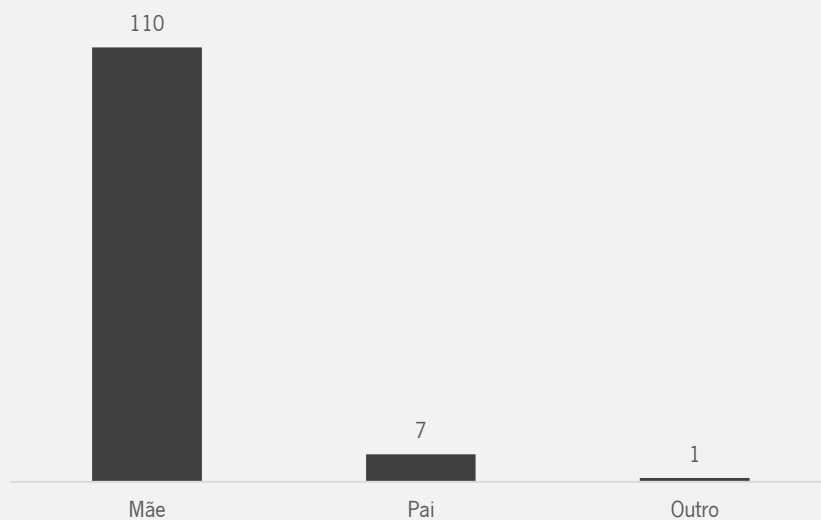


Tabela 4 - Dados da análise da Parta A do questionário.

A3. Grau de parentesco



A4. Habilitações literárias

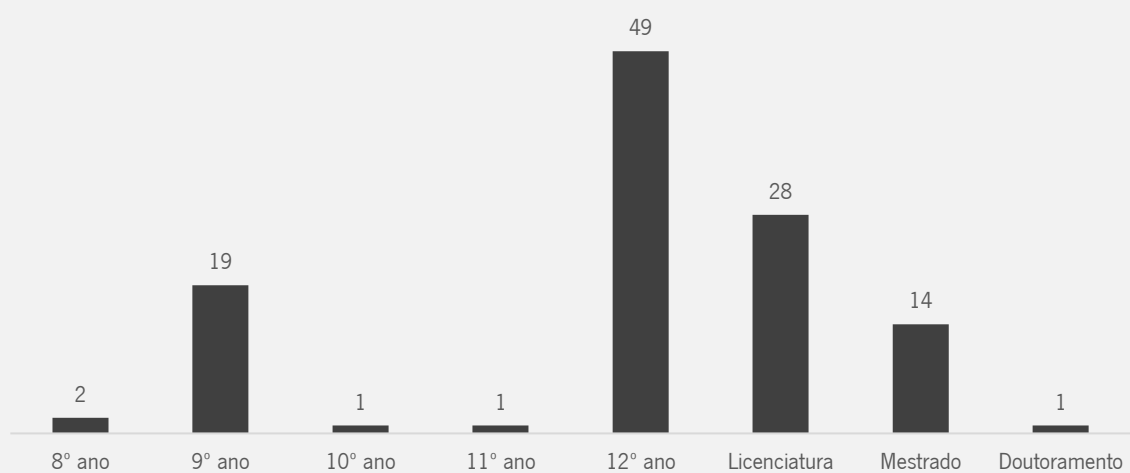
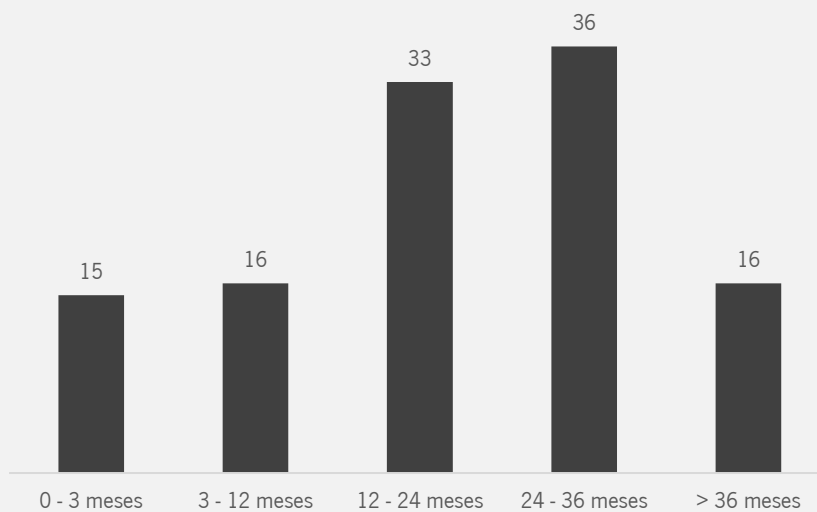
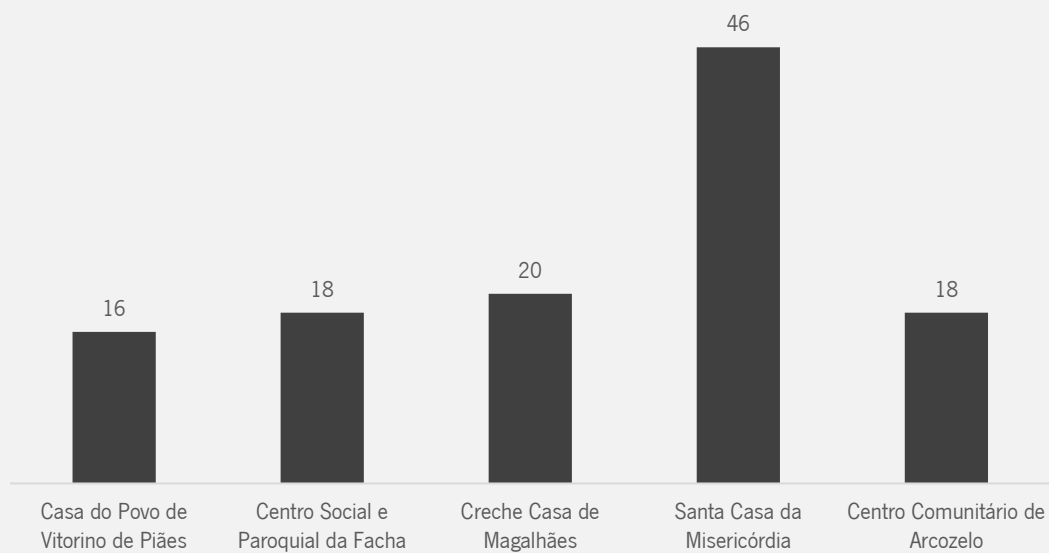


Tabela 5 - Dados da análise da Parta A do questionário.

A5. Idade do bebé em meses



A6. Creche que frequenta



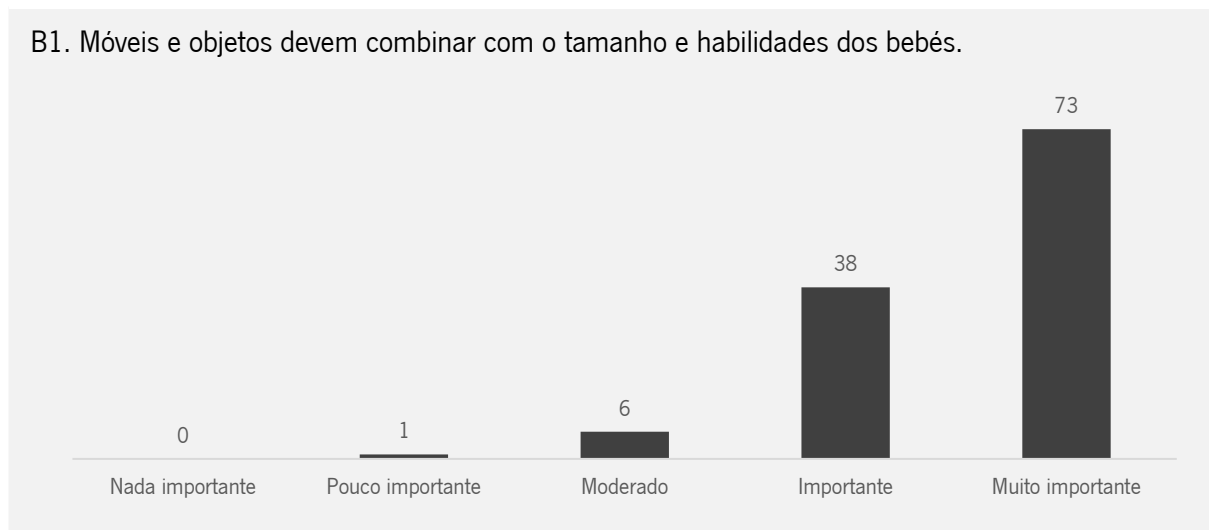
Análise da Parte B do questionário

A Parte B do questionário, consiste na classificação de 1 a 5 de cada uma das 10 características identificadas e consideradas fundamentais pelas pedagogias de ensino estudadas.

Os gráficos seguintes representam o conjunto de respostas dos participantes, exibem de forma geral os resultados da escala de Likert. Possibilitam identificar quais os aspetos/elementos pedagógicos mais valorizados no ambiente.

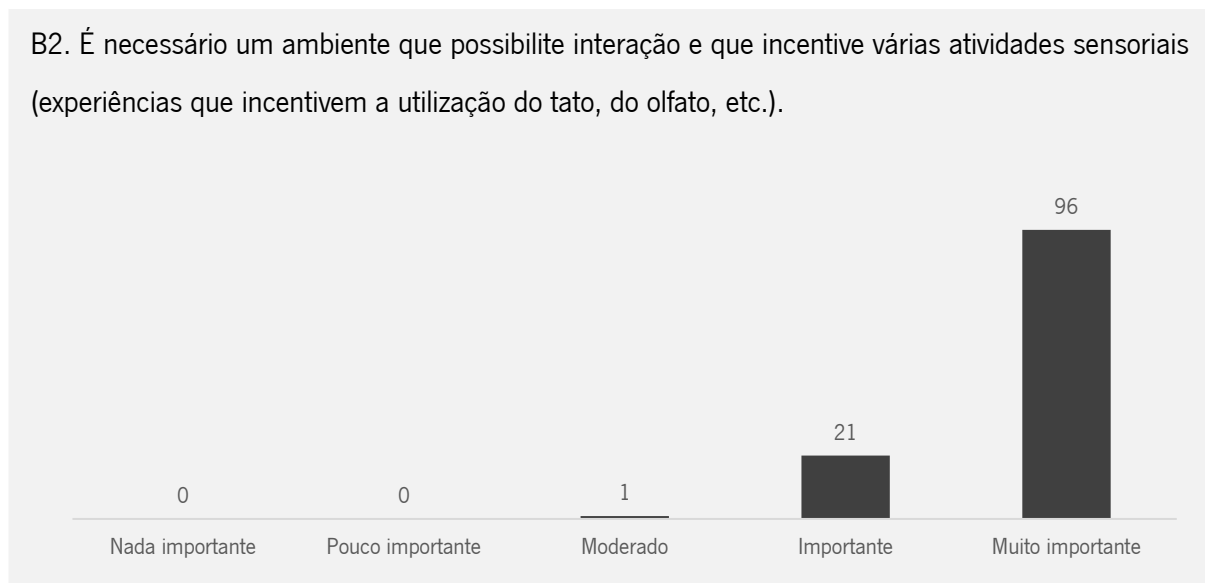
As pedagogias de ensino estudadas ao longo deste trabalho de investigação referem que móveis e objetos devem combinar com o tamanho e as habilidades dos bebés. Esta característica, considerada fundamental para as metodologias, traz o design comportamental, de Norman, e o prazer fisiológico, considerado por Jordan, para o centro da questão. A experiência do uso do produto e a eficácia de resposta à necessidade dos mais pequenos, considerada fundamental para os autores, é também do ponto de vista dos encarregados de educação essencial (Tabela 6). Este ponto obteve o maior número de respostas na classificação 5, com 73 respostas.

Tabela 6 - Gráfico de resultados - B1.



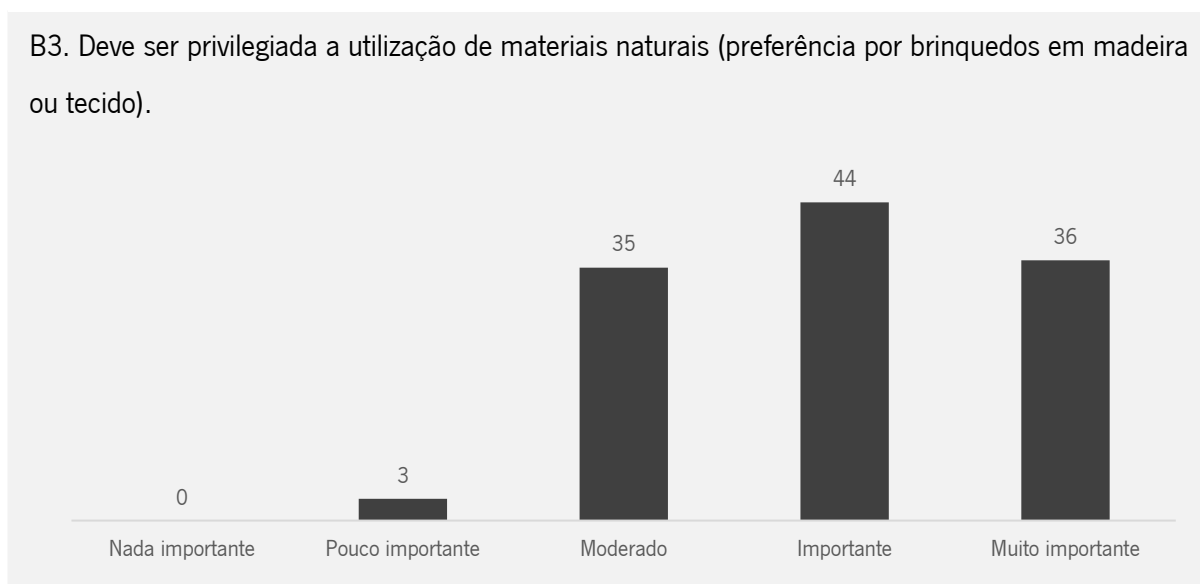
Atividades sensoriais são consideradas fundamentais nas metodologias de ensino estudadas. Na opinião destas pedagogias a criança necessita de um ambiente que possibilite interação e que incentive as atividades sensoriais, pois estas enriquecem e estimulam os conhecimentos. A funcionalidade, a experiência sensorial e a interação com o meio relacionam-se com o design comportamental e reflexivo de Norman, também os prazeres fisiológicos e sociais de Jordan são ponto importante. Para os encarregados de educação este foi um ponto onde não houve muitas dúvidas, as respostas centram-se quase todas na classificação 5 (Tabela 7).

Tabela 7 - Gráfico de resultados - B2.



A interação com elementos naturais, do quotidiano e com o exterior são promotores de um desenvolvimento mais completo do bebé. Por este motivo, a procura pela interação com o ambiente externo e com materiais de origem natural e o mais simples possíveis são princípios básicos das pedagogias de ensino estudadas. Implícito neste tópico, estão a consciência social e as decisões com responsabilidade ambiental, relacionadas ao design reflexivo de Norman e ao prazer ideológico de Jordan. Ainda que atualmente se viva numa era onde a consciência e a necessidade de um meio ambiente cada vez mais sustentável estejam muito presentes, este tópico reuniu opiniões distintas por parte dos respondentes, alcançando classificações que vão desde os 2 pontos, ainda que em menor proporção, até aos 5 pontos. Contudo, foi a classificação de 4 valores que se destacou entre as restantes com 44 respostas (Tabela 8).

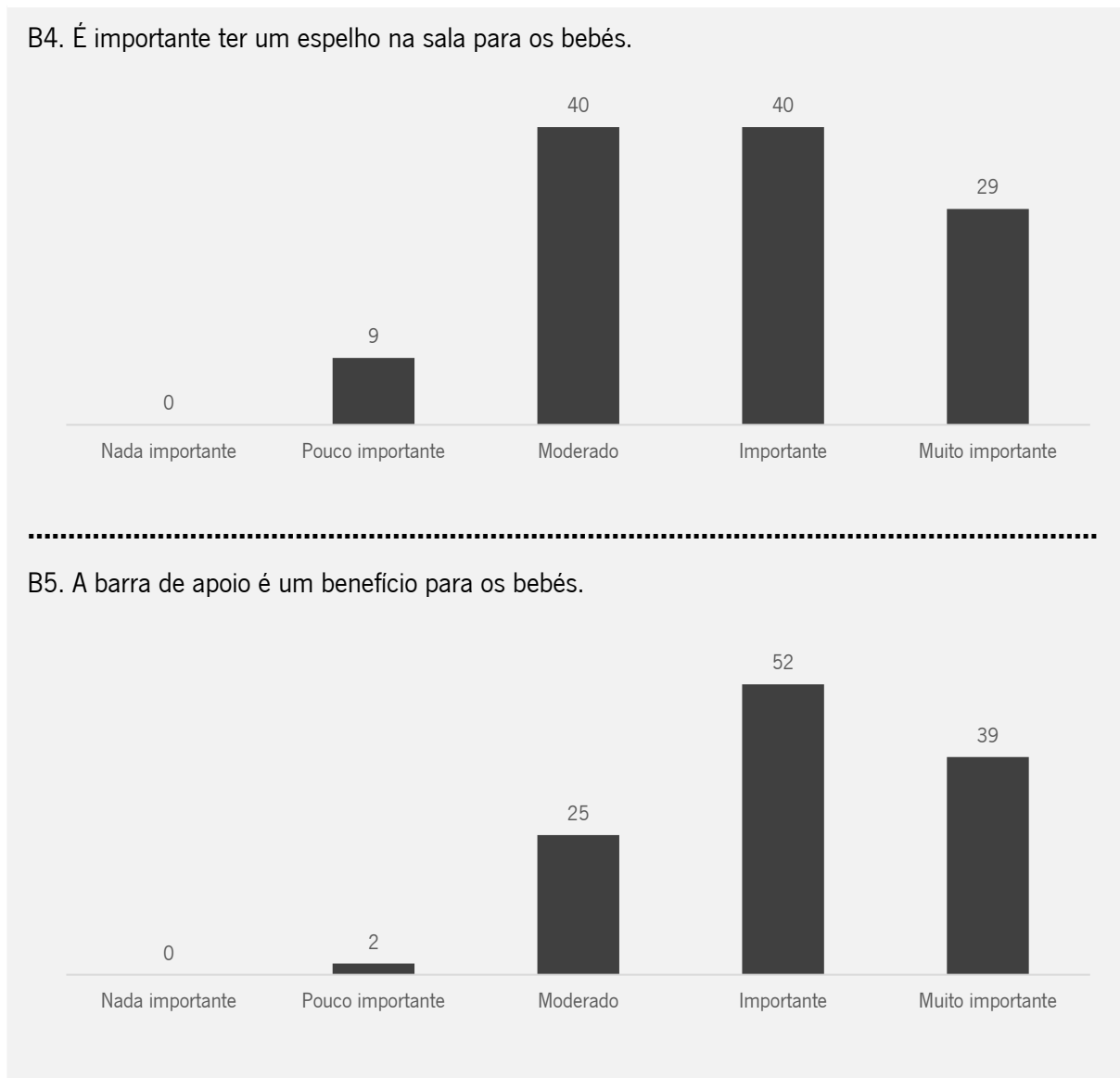
Tabela 8 - Gráfico de resultados - B3.



O desenvolvimento das capacidades físicas e do autoconhecimento é favorecido pela utilização de espelhos – a criação da autoimagem, o reconhecimento do bebê como um ser individual e distinto dos outros – e de barras de apoio – o desenvolvimento de aptidões físicas, da autonomia – estes objetos são valorizados nas pedagogias de ensino estudadas, onde a criança deve ser considerada com um ser independente e capaz. A aquisição destas competências está relacionada diretamente com as demandas do uso, do autoconhecimento e das perspectivas futuras, trazendo o design comportamental e reflexivo, de Norman, para o centro da questão. Também os prazeres fisiológico e psicológico de Jordan, estão representados neste ponto relacionados com os estímulos sensoriais e com as demandas da conquista e da aquisição de competências.

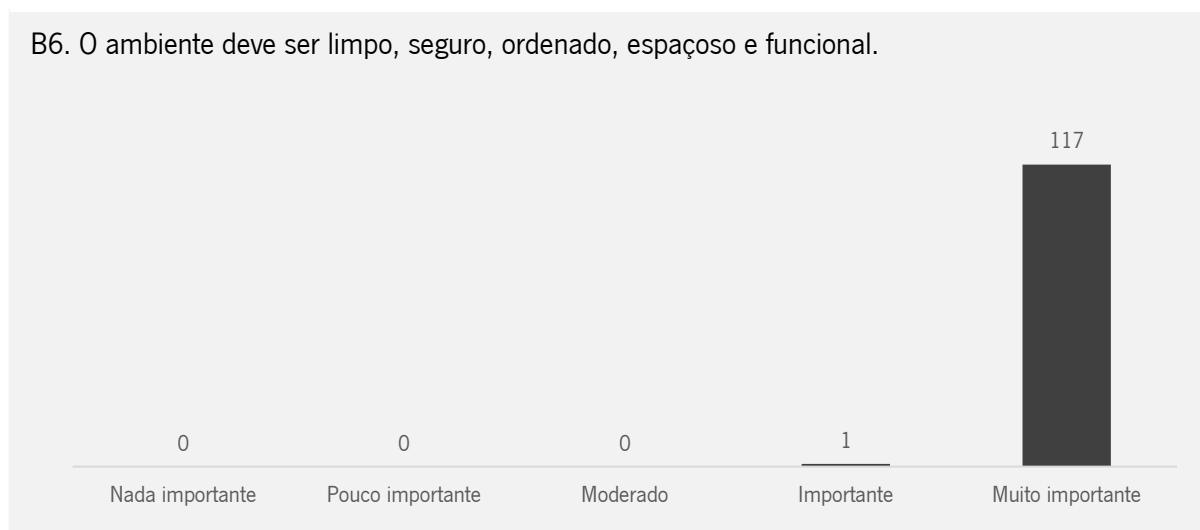
Ainda que relacionados estes tópicos reuniram opiniões um pouco diferentes, enquanto a necessidade da existência de um espelho na sala de aula não reuniu unanimidade, alcançando 40 respostas nas classificações de 3 e 4 pontos (Tabela 9 – Gráfico B4). A necessidade da existência de uma barra de apoio na sala de aula alcançou 52 respostas na classificação de 4, seguida por 39 respostas na classificação de 5 (Tabela 9 – Gráfico B5).

Tabela 9 - Gráfico de resultados - B4 e B5.



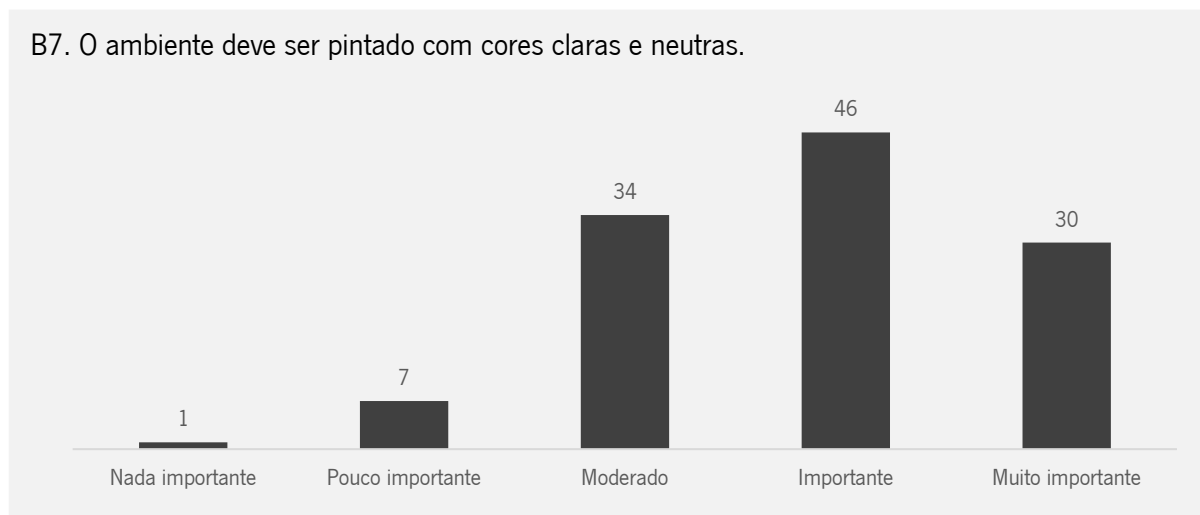
A criança necessita de ter à sua disposição um ambiente seguro, limpo, ordenado, espaçoso e funcional, para que, segundo as pedagogias, consiga desenvolver as suas aptidões e para que consiga alcançar o seu potencial máximo como ser humano. Este tópico tem implícito o design visceral de Norman, está relacionado com o primeiro impacto que causa nos encarregados de educação, a organização, a limpeza e todas as características de um ambiente propício para o desenvolvimento da criança devem estar evidentes na sua visita. Também o design comportamental do autor está associado a este ponto relacionado com a funcionalidade do espaço. O design fisiológico de Jordan entra também neste ponto, relacionado com a harmonia e com o impacto visual do espaço. Este ponto reuniu unanimidade dos respondentes obtendo 117 respostas para os 5 pontos, apenas uma mãe atribuiu a classificação 4 a este tópico (Tabela 10).

Tabela 10 - Gráfico de resultados - B6.



Sabe-se que as cores contribuem ativamente nas reações emocionais do ser humano, seja positivamente ou negativamente a cor tem um grande impacto no desenvolvimento do Homem e particularmente na fase da primeira infância. Maria Montessori considerava que as cores que rodeiam a criança no seu dia-a-dia devem sempre ser claras e neutras, pois todo o ambiente envolvente da criança já é, por si só, estimulante. Apela-se também neste ponto ao design visceral, de Norman, e ao prazer fisiológico de Jordan, relacionado com as questões do impacto visual proporcionadas pela cor. Este ponto não obteve unanimidade nas respostas obtidas, sendo o ponto que alcançou mais divergência entre as opções. Foram contabilizadas 1 resposta para a classificação 1, 7 respostas para a classificação 2, 34 respostas para a classificação de 3, 46 respostas para a classificação de 4 e 30 respostas para a classificação de 5 (Tabela 11) . Ainda assim, é possível compreender que as cores, são um ponto considerado importante pelos encarregados de educação.

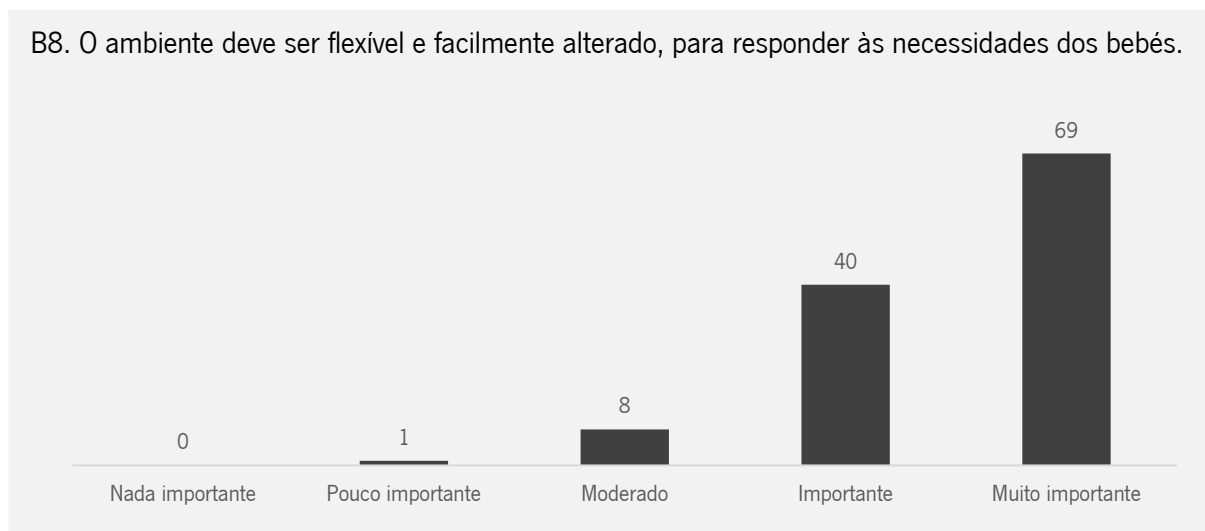
Tabela 11 - Gráfico de resultados - B7.



Ambientes que propiciem a interação social e o desenvolvimento físico e cognitivo da criança são ambientes que permitem uma adaptação constante do espaço de acordo com as necessidades dos bebês. Esta é uma das normas consideradas pelas três pedagogias. Estimada como uma das regras mais importantes para o crescimento da criança, esta facilidade de mutação permite que a criança participe ativamente na criação do espaço e, ao mesmo tempo permite uma adaptação mais duradoura às crianças.

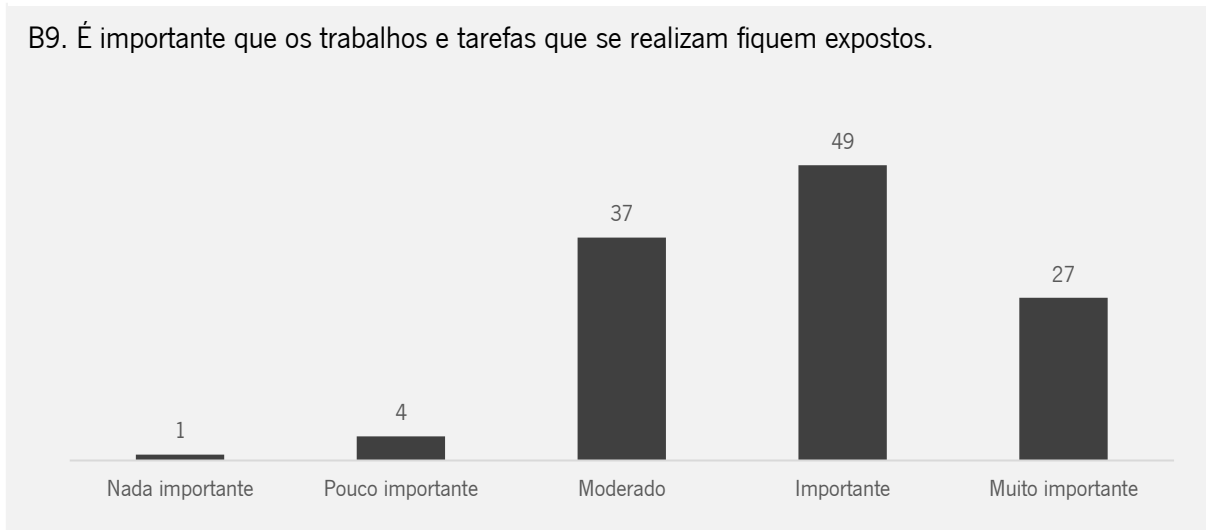
Este ponto está relacionado com a eficácia do uso do espaço, a experiência e a funcionalidade, relaciona-se assim o design comportamental de Norman e o prazer psicológico de Jordan, a este ponto. Apesar de ideias distintas, grande parte dos encarregados de educação compreende que este é um ponto fundamental na educação dos seus bebês, atribuindo maioritariamente uma classificação de 5, seguindo-se a classificação 4 (Tabela 12).

Tabela 12 - Gráfico de resultados - B8.



A exposição dos trabalhos e tarefas que as crianças realizam no seu dia-a-dia escolar permitem que os pais percebam que tarefas são realizadas durante os dias. De forma indireta proporciona uma sensação de pertencimento e de conhecimento da vida escolar do seu bebé. Este ponto está relacionado com o design visceral e comportamental, de Norman, a surpresa e o deleite de ver as atividades do seu bebé e o conhecimento que a creche está a funcionar de forma eficaz contribuem para que seja possível responder a estes níveis do design emocional. Também é possível associar o prazer fisiológico e o prazer ideológico de Jordan a este ponto, relacionando-os com os prazeres sensoriais e com o reconhecimento do trabalho como formas de arte. Apesar de tudo isto este ponto não revelou unanimidade por parte dos encarregados de educação, obtendo respostas em todas as classificações obtidas, ainda que com maior frequência na classificação 4 com 49 respostas (Tabela 13).

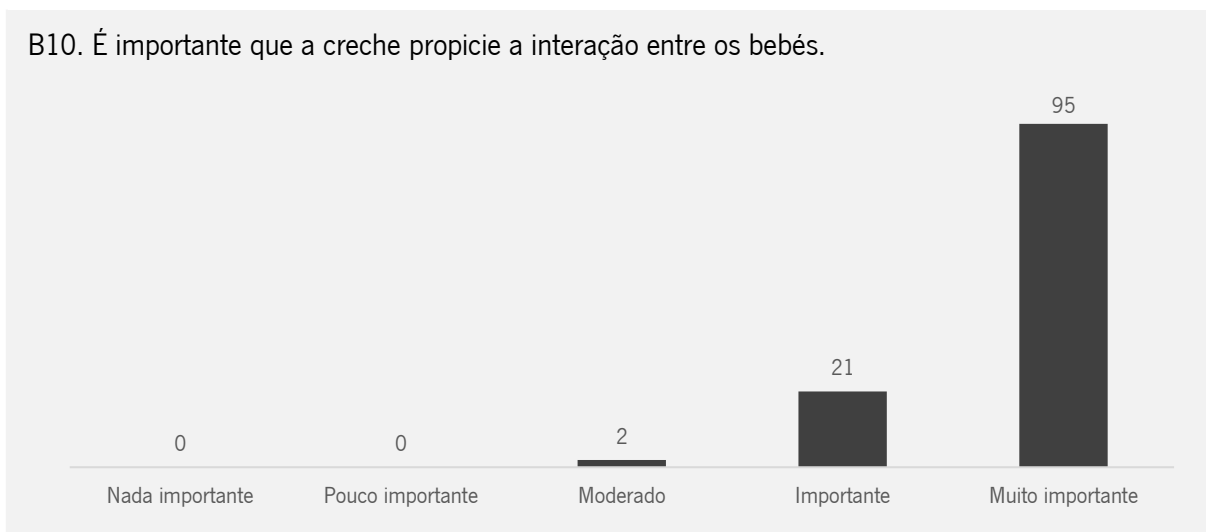
Tabela 13 - Gráfico de resultados - B9.



As pedagogias afirmam que deve considerar-se a criança como um ser autónomo, independente, competente e social. Esta necessidade de interação social que surge no bebé desde muito cedo, permite que ele se desenvolva e evolua por intermédio da interação com os outros. Assim um ambiente preparado para a criança é um ambiente que consiga favorecer a interação entre crianças.

Relacionado com as experiências de interação no momento e com as experiências que possibilita a longo prazo é possível relacionar o design comportamental e reflexivo de Norman ao ponto. Também o prazer social de Jordan está incluído quando relacionado com as experiências de interação que o ambiente proporciona entre bebés. Este ponto obteve grande parte das respostas na classificação máxima - 95 respostas – embora com 2 respostas válidas na classificação 3, e 21 na classificação 4 (Tabela 14).

Tabela 14 - Gráfico dos resultados - B10.



Análise da Parte C do questionário

A Parte C do questionário é constituída por 6 perguntas abertas. Estas foram desenvolvidas tendo por base os níveis do design emocional de Norman – visceral, comportamental e reflexivo, e os prazeres de Jordan – físico, social, psicológico e ideológico.

A questão que mais respostas obteve foi a questão C2, esta pretendia compreender o que mais agradou aos encarregados de educação no ambiente.

As figuras que se seguem representam nuvens de ideias desenvolvidas pela autora, estas representam as opiniões dos participantes e o número de vezes que cada palavra foi mencionada.

C1. O espaço fez-me lembrar _____.

Esta questão obteve 74 de 118 respostas possíveis.

De uma forma geral as principais ideias referidas pelos participantes encontram-se representadas na figura 26.

Alguns participantes referiram:

- › Um ambiente familiar;
- › Um local acolhedor e seguro;
- › A minha infância;
- › Um lugar harmonioso e seguro.



Figura 26 - Nuvem de ideias da questão C1.

A primeira questão da Parte C deste questionário pedia ao participante que completasse a frase com uma palavra, ou expressão sobre as suas memórias. Esta questão apela ao nível reflexivo de Norman – apela a uma reflexão sobre a visita à creche e incentiva a vivência de memórias, positivas ou negativas. Incentiva o raciocínio e a tomada de consciência do espaço outrora visitado. Também o prazer psicológico

considerado por Jordan é visto nesta questão – relacionado com as demandas cognitivas e com as reações emocionais geradas pela experiência da visita. Com 74 respostas obtidas, foi possível alcançar uma série de respostas variadas (ver apêndice 3). Respostas estas, que podem ter surgido porque o respondente se identifica com algum elemento do espaço, porque na visita o espaço sugeriu perspectivas para o futuro ou, porque o ambiente sugere uma melhor resposta às suas necessidades. Obtivemos respostas como: **“um ambiente familiar”** e **“um lugar acolhedor e seguro”** em grande número. Em menor número foi possível obter respostas como a **“um livro de contos infantis”** ou **“a natureza”**. Grande parte das respostas sugerem características mencionadas nas pedagogias de ensino como fundamentais, o espaço como ambiente familiar, seguro e acolhedor é mencionado como algo importante para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança. Estas respostas sugerem também que o nível reflexivo está presente, respostas como “a minha infância” sugerem perspectivas futuras, a evolução e o que conseguiu alcançar. “Ambiente familiar” mostra que a pessoa se identifica com o espaço de creche, um espaço semelhante ao da sua casa, esta resposta sugere também uma relação com o prazer psicológico relacionada a consciência que por vezes ainda existe sobre a educação em casa ser mais benéfica para o bebé.

C2. O que mais me agradou no ambiente foi _____ porque _____.

Esta questão obteve 91 de 118 respostas possíveis.

De uma forma geral as principais ideias referidas pelos participantes encontram-se representadas na figura 27.

Alguns participantes referiram:

- › A organização. Porque está de forma que as crianças sejam independentes;
- › As salas. Porque são acolhedoras e com cores que animam os meninos;
- › Os trabalhos expostos. Porque podemos acompanhar algumas tarefas realizadas;
- › O mobiliário. Porque está adaptado ao tamanho dos bebés.



Figura 27 - Nuvem de ideias da questão C2.

Esta questão, pedia ao participante que referisse o que mais lhe agradou em todo o ambiente. Desta forma pretendia-se apelar ao design visceral de Norman – incentivar a parte automática do cérebro e compreender qual foi o primeiro impacto sobre as questões positivas sem questionar e comparar outras situações. Numa segunda parte da pergunta pretendeu-se recorrer ao design reflexivo do autor. Relacionamos também os prazeres de Jordan à questão, o prazer físico surge nesta pergunta de forma a compreender os prazeres relacionados com os órgãos sensoriais, nomeadamente a visão e o olfato, surge também neste ponto questões relacionadas com o prazer psicológico relacionadas com a eficácia do ambiente, por fim também o prazer ideológico entra nesta questão associado aos prazeres derivados da estética e dos valores dos produtos. Nesta questão obtiveram-se múltiplas respostas (ver apêndice 3), **a organização, porque está de forma que as crianças sejam independentes”, “o espaço, porque facilita muito a realização de todas as atividades”** ou **“o espaço em si, porque é organizado e com dispositivos adequados à idade e tamanho dos bebés”**. Destacamos a necessidade de os encarregados de educação referirem a independência da criança como algo importante para eles, esta é também uma característica referida inúmeras vezes pelas pedagogias estudadas, considera-se que a independência e a criação da autonomia começam ainda no berçário. Estas respostas destacam a organização como algo visceral e proporcionam um prazer físico relacionado com as necessidades dos sentidos, à vista é organizado logo torna-se mais agradável, mas as demandas internas do que isto significa pertencem ao nível reflexivo, a organização é considerada importante, pois permite o desenvolvimento do bebé, associamos estas características, também, aos prazeres de Jordan, a eficácia do ambiente, o auxílio que proporciona aos bebés dá uma resposta ao nível psicológico e ideológico.

C3. O que menos me agradou no ambiente foi _____ porque_____.

Esta questão obteve 56 de 118 respostas possíveis.

De uma forma geral as principais ideias referidas pelos participantes encontram-se representadas na figura 28.

Alguns participantes referiram:

- › Nada a apontar;
- › Os acessos. Porque tem partes perigosas;
- › A cor das paredes. Porque acho-as um pouco fortes, escuras;

- › A luz das salas. Porque deveriam ser melhor iluminadas com luz natural.



Figura 28 - Nuvem de ideias da questão C3.

A questão 3, pede ao participante que refira o que menos lhe agradou no ambiente. Esta questão assemelha-se à questão anterior, contudo numa vertente negativa. Da mesma forma pretende-se apelar ao design visceral de Norman para que utilizando a camada automática do cérebro se consiga compreender questões que têm um impacto negativo. Também esta questão tem uma segunda parte que pretende fazer referência ao design reflexivo. De forma semelhante à questão anterior relacionamos também os prazeres de Jordan à questão. O prazer físico surge na medida em que se pretende compreender o que menos agradou ao nível dos órgãos sensoriais. O prazer psicológico surge relacionado com as questões que mais dúvidas levantam em relação à eficácia do ambiente. O prazer ideológico surge associado aos desprazeres derivados das questões estéticas menos bem conseguidas na opinião dos encarregados de educação. Esta questão reuniu 56 respostas (ver apêndice 3), de todos os participantes (foi a questão que menos respostas obteve). O que mais se destacou entre as respostas foi a expressão **“Nada”**. Ainda assim é possível enumerar algumas características que menos agradaram os respondentes, **“as cores, porque acho que deveriam ser mais neutras”**, esta questão foi mencionada algumas vezes devido às cores fortes e escuras utilizadas em algumas creches, está diretamente relacionada com as questões pedagógicas estudadas. Montessori afirmava que ambiente infantis não devem ser coloridos com cores fortes e estimulantes, pois todos os ambientes, não controláveis, que rodeiam o bebé são estimulantes por si. Também questões relacionadas com o espaço fechado foram mencionadas, **“ser muito fechado, porque as crianças precisam de recreio ao ar livre”** ou **“falta o acesso à natureza livre”** estas questões estão também diretamente relacionadas com as pedagogias e com a necessidade que a criança tem de conseguir ter acesso à natureza e ao exterior para que se desenvolvam de forma saudável e autónoma. As demandas internas desta resposta mostram-nos que as principais preocupações se referem ao bem-estar

psicológico do bebé, a antipatia pelas cores fortes representam uma preocupação para com o bem-estar do bebé e com o excesso de estímulos visuais. Associamos também estas características aos prazeres de Jordan, os estímulos visuais e o receio da não eficácia do ambiente na educação do bebé devido ao excesso de estímulos.

C4. Acha que o ambiente é funcional? Porquê?

Esta questão obteve 87 de 118 respostas possíveis.

De uma forma geral as principais ideias referidas pelos participantes encontram-se representadas na figura 29.

Alguns participantes referiram:

- › Sim, porque é adequado a cada fase da criança;
- › Sim, satisfaz as necessidades dos bebés;
- › Sim, é flexível;
- › Acho que não, julgo que deveria ter outros espaços maiores.

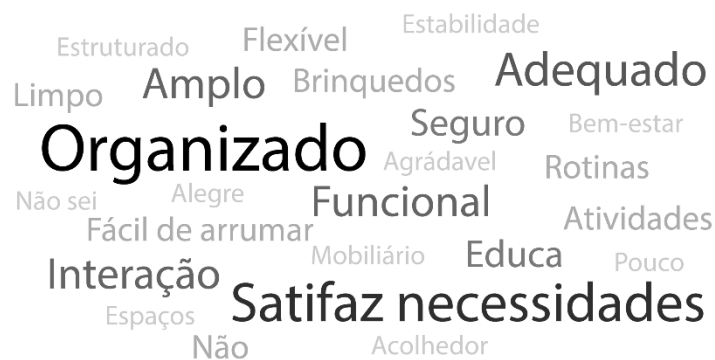


Figura 29 - Nuvem de ideias da questão C4.

Na questão C4 pretendia-se compreender se na opinião dos encarregados de educação o ambiente era funcional para os bebés. Esta questão pretendia apelar ao design comportamental de Norman para conseguir compreender de que forma o ambiente corresponde as necessidades do bebé. Para compreender se o ambiente desempenha as tarefas que são pretendidas ou que se espera de um local infantil, relacionado com as demandas da experiência esperava-se nesta questão que o encarregado de educação considera-se a experiência de utilização como principal ponto de foco. Os prazeres de Jordan estão também subentendidos nesta questão, relacionado com a interação social e com o ambiente como ponto de discussão está o prazer social e relacionado com a eficácia do ambiente, com a realização de

tarefas mais facilmente está o prazer psicológico. De uma forma geral as respostas foram afirmativas (ver apêndice 3), **“porque é organizado, limpo e funcional”**, **“porque é facilmente arrumado e assim passam para outra brincadeira”**, **“porque proporciona o bem-estar e o desenvolvimento da criança”** ou **“adapta-se ao desenvolvimento dos bebês”**. Estas questões estão diretamente relacionadas com os conceitos das pedagogias de ensino, a organização e a capacidade de se movimentar livremente pela sala executando as tarefas que desejar, em grupo ou não, são características consideradas pelas pedagogias como fundamentais nos primeiros anos do bebê, estas características permitem um desenvolvimento da autonomia e do respeito pelo outro. Quando analisadas as respostas, é possível encontrar o design comportamental em muitas delas, relacionadas com a forma como os encarregados de educação esperam que o ambiente responda às necessidades dos seus bebês permitindo que decidam deliberadamente que tarefas escolher e em quais participar, da mesma forma relacionamos o prazer social à decisão de escolha das brincadeiras. O prazer psicológico está nesta questão relacionado com a adaptação do espaço à criança permitindo que esta escolha o que fazer e como fazer.

C5. A organização do espaço transmite-me: _____.

Esta questão obteve 90 de 118 respostas possíveis.

De uma forma geral as principais ideias referidas pelos participantes encontram-se representadas na figura 30.

Alguns participantes referiram:

- › Segurança e confiança;
- › Tranquilidade;
- › Harmonia;
- › Alegria.



Figura 30 - Nuvem de ideias da questão C5.

A questão 5 pretendia compreender que sentimentos a organização do espaço transmite aos encarregados de educação. Esta questão pretendia abordar o design reflexivo, desejava-se compreender que questões são mais importantes e que podem representar prestígio para os encarregados de educação, incitando uma reflexão sobre o passado e uma análise daquilo que pretende para o seu bebé, que características se tornam perspetivas positivas para o futuro. Esta questão aborda também o prazer social de Jordan – relacionado com as questões que atraem comentários e que são importantes referir, para além disso um ambiente saudável para a criança deve ser um ambiente que permita e favoreça a interação social. Foram obtidas respostas variadas e a grande maioria dos respondentes referiu mais do que um sentimento (ver apêndice 3), entre os quais podem destacar-se, **“segurança”, “tranquilidade e confiança”, “alegria”, “harmonia e segurança”**. Refletimos sobre estas questões e compreendemos que estes sentimentos estão associados a uma valorização do espaço, sentimentos como a segurança e a confiança são associados a necessidades comuns a todos os homens, contudo a tranquilidade e a harmonia são necessidades individuais de cada pessoa que podem ser consideradas como mais-valias. A metodologia Reggio Emilia diz-nos que os pais precisam de ter a certeza de que na creche as necessidades do seu filho são satisfeitas (Rinaldi, 2006), associamos esta afirmação da metodologia ao sentimento de segurança e confiança muitas vezes referido. Sentimentos que causam sensações de prestígio e exclusividade, como a alegria e o cuidado com o bebé fazem com que os pais se sintam mais confiantes em deixar os seus bebés, a sensação de segurança permite que o espaço de creche se torne um espaço de referência.

C6. Se desejar, acrescente algo que lhe pareça importante e que não foi mencionado.

Esta questão obteve 43 de 118 respostas possíveis.

A última questão foi colocada para que fosse permitido aos respondentes referirem questões que acham importantes e que não haviam sido referidas nos espaços anteriores. No geral este espaço serviu para justificar a ausência de respostas dadas (ver apêndice 3). Foram dadas 17 respostas neste sentido.

- › Não consegui responder a C1, C2, C3, C4 e C5 por motivos de saúde pública (covid19) não conheço o espaço;
- › Não posso responder ao resto das perguntas porque não visitei o espaço devido à covid;
- › Infelizmente devido à covid não foi possível visitar as instalações, só as conheço através de foto, assim, não consigo responder às questões anteriores;

- › De momento não tenho muito conhecimento do espaço, apenas por fotografia, devido à pandemia, ainda não foi proporcionado uma visita às instalações.
- › O meu filho iniciou a frequência da creche a 1 de março, em fase de confinamento. Por isso não me foi possível conhecer presencialmente os espaços por ele frequentados. As repostas às questões anteriores baseiam-se na experiência prévia com a minha filha, agora com 3 anos.

Compreendemos assim que as características que parecem ser alvo de preferência dos encarregados de educação são características funcionais, como, por exemplo a organização, a funcionalidade do espaço e o espaço como forma de educar, ou também o mobiliário adequado ao tamanho dos bebés.

Desta forma referimos as inúmeras referências às semelhanças com o ambiente familiar **“o espaço fez-me lembrar um espaço familiar”**, **“o espaço fez-me lembrar a casa dos avós e das tias”**.

Destacamos também os fatores humanos como um elemento muitas vezes referido, **“as funcionárias e educadoras pela simpatia”**, **“a boa disposição, porque torna mais fácil deixar os bebés”**, **“as profissionais, porque estão sempre disponíveis, apoiam os pais na integração da criança, são competentes e dão carinho e amor”** e **“o acolhimento, porque tranquiliza-me”**.

Para além destes elementos espaciais é possível compreender que a presença de educadoras e das auxiliares competentes, se tornam uma mais valia para os pais. Ainda que, o contacto pontual que existe quando os bebés são deixados na creche, traga também sentimentos de segurança e tranquilidade.

Realçamos a cor como o elemento que menos concordância gerou. Enquanto alguns pais referiram **“o que mais me agradou no ambiente foram as cores vivas, porque transmite alegria”** ou **“o que mais me agradou no ambiente foi a cor, porque traz sentimento e alegria”** outros referiram que **“o que menos me agradou no ambiente foi a panóplia de cores, porque acho que as crianças devem estar num ambiente neutro”**, **“o que menos me agradou no ambiente foi a cor das paredes, porque acho as um pouco fortes e escuras”** ou **“o que menos me agradou foram as cores, porque acho que deveriam ser mais neutras”**.

Conseguimos identificar entre os sentimentos mais referidos a segurança, a tranquilidade, a harmonia, a alegria e o sossego. Associamos estes sentimentos às características referidas acima como mais relevantes para os encarregados de educação. A organização, a funcionalidade, a sensação do espaço como contributo para a educação e todas as características mais destacadas pelos encarregados de educação auxiliam o aparecimento destes sentimentos positivos, pois transmitem a sensação de que o seu bebé conseguirá adquirir capacidades cognitivas e motoras naquele espaço. Contudo, e apesar de em menor número, foram também mencionados alguns sentimentos negativos como a confusão, a

sensação de antigo e de degradação, sentimentos estes que surgiram de pais cujos bebés se encontravam todos na creche da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima. Esta é a creche mais antiga das cinco onde foi feito o estudo, alguns pais referiram que a **“instituição a precisar de obras, muito antiquada, com muitas cores e informações para uma criança assimilar”**, e que a mesma está degradada **“é uma creche com muitos anos e já deveria ter sofrido obras”**.

Com isto, foi possível perceber que espaços de creche devem ter em atenção o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças, mas também ter em consideração a opinião dos pais de forma a aumentar a sua satisfação e segurança no momento de deixar o seu bebé nestes espaços educacionais. Devemos privilegiar a organização e oferecer às crianças a possibilidade de adaptar o espaço às suas necessidades e brincadeiras. O espaço deve permitir que o bebé consiga escolher o que fazer, como brincar e com quem brincar. A tomada de decisão nesta idade fomenta a criação de autonomia e de uma maior independência. Contudo, devemos ter em conta situações que podem expor a criança ao perigo, o ambiente deve ser seguro e preparado com mobiliário e objetos que combinem com as idades e capacidades das crianças. Espaços que incentivem atividades sensoriais e o contacto com a natureza devem também ser privilegiados, pois estes contactos permitem um desenvolvimento da criança de forma mais eficaz e com valores morais para o seu futuro, o cuidado com a natureza consegue trazer aprendizagens e mais-valias para o bebé. Devemos sempre compreender o espaço como um terceiro educador, pois bebés e crianças pequenas conseguem ser moldados pelas informações que o ambiente lhes oferece.

Destacamos também a exposição dos trabalhos que são realizados na creche, esta característica torna-se uma mais-valia para o espaço, através dela é possível os encarregados de educação perceberem que atividades são realizadas no dia a dia e se a valência corresponde aos seus ideais. Destacamos por último a criação de ambientes que se assemelhem a espaços familiares. Esta característica proporciona um aumento de segurança e confiança no espaço de creche por parte do encarregado de educação, a semelhança com o espaço de casa e a ideia de que a criança deve ser educada pela mãe num ambiente familiar tornam os espaços que se assemelham a ambientes familiares mais agradáveis.

Considerações ao capítulo 5

Inicialmente, neste capítulo, foi efetuada uma breve análise da Parte A do questionário que nos permitiu fazer uma caracterização do público alvo. Após esta análise foi feita uma breve síntese de todos os resultados e apresentamos os gráficos correspondentes a cada questão colocada.

Seguimos o capítulo com a análise dos dados recolhidos na Parte B do questionário, onde apresentamos gráficos que representam de forma geral os resultados das respostas dos participantes sobre aspetos/elementos pedagógicos que consideram mais importantes num ambiente da creche.

Demos continuidade ao capítulo com uma análise da Parte C do questionário, parte em que as pessoas podiam responder de forma mais livre às questões apresentadas. A partir das respostas obtidas desenvolvemos nuvens de palavras para percebermos o que mais foi referido pelas pessoas.

O capítulo termina com uma discussão dos resultados obtidos no questionário, fazendo referências às respostas dadas pelos encarregados de educação e relacionando-as com o estudo teórico realizado.

PARTE V
CONCLUSÃO

Numa sociedade diversificada e multicultural os designers podem enfrentar desafios para combater as necessidades dos vários segmentos da população, assim utilizando o design baseado em evidências é possível planejar objetos/serviços que alcancem resultados mais desejados.

As experiências de interação entre o consumidor e o produto são essencialmente subjetivas e de difícil avaliação, nela existem fatores afetivos e cognitivos que são estimulados por atributos incorporados no produto pelo design. O objetivo do design cognitivo e afetivo é conseguir conquistar o consumidor através de produtos/serviços que proporcionem experiências com impacto funcional e afetivo, propondo designs centrados no ser humano nas suas necessidades e preferências, isto porque cada pessoa tem gostos e objetivos próprios. Assim, projetar para a emoção significa compreender como determinado produto se consegue relacionar com os interesses e desejos de um indivíduo. Cada vez mais as pessoas procuram designs que se enquadrem com as suas necessidades, valores e estilos de vida.

Todos os dias somos sujeitos a uma série de escolhas que não dependem somente de critérios lógicos ou racionais, estes critérios dependem muitas vezes da formação, da posição social, das características sociais e culturais. Desta forma compreendemos que cada vez mais a educação representa a construção de conhecimentos, a aquisição de habilidades, de entendimentos e atitudes. A educação/formação deve incentivar o desenvolvimento e preparar as crianças para que possam participar ativamente na sociedade.

Sabemos então, que a educação começa desde a primeira infância, a aquisição das primeiras competências do bebé ocorre através do contacto com os pais, contudo, atualmente, a ausência de família próxima e a necessidade que a mãe sente em ajudar com o sustento da família fazem com que exista uma crescente necessidade de um espaço onde deixar o bebé. De forma a colmatar esta necessidade surgiram as creches, locais de educação para a primeira infância. Este método complementar de educação infantil provoca dúvidas por parte dos pais. Colocar o bebé na creche significa muitas das vezes, pesquisar, selecionar e refletir sobre qual o melhor espaço, que espaço é mais seguro, onde o bebé se sentirá melhor. Afirmamos assim, que a escola deve ser um local de encontro e comunicação para todos, professores, bebés e pais. Deve ser também um lugar dinâmico, inter-relacional e qualificado para dar respostas às necessidades dos bebés, permitindo que estes se desenvolvam e que alcancem o seu potencial máximo.

Neste sentido, desenvolveu-se este estudo cujo objetivo era compreender como as características de um ambiente de creche conseguem desencadear sentimentos ou reações emocionais nos encarregados de educação dos bebés. Que características espaciais são mais valorizadas pelos pais e que sentimentos são associados a essas particularidades. Esta investigação foi sustentada pela colaboração dos

encarregados de educação de cinco creches do concelho de Ponte de Lima, com as quais foi possível entrar em contacto. Através de um questionário, que era composto, por três partes, uma primeira onde existem questões biográficas, uma segunda que consiste na utilização de uma escala para avaliar as qualidades da creche e uma terceira composta por perguntas abertas para que os encarregados de educação se pudessem exprimir livremente.

Sobre estas questões de partida conseguiu-se compreender relações entre as questões emocionais e as características do espaço. Conseguimos compreender alguns sentimentos que são desencadeadas pelas visitas e por vezes foi possível compreender o que gerou esses sentimentos. Percebemos também que as características das três abordagens ao ensino estudadas durante a revisão da literatura, refletiam por vezes a opinião dos encarregados de educação.

Inicialmente apresentamos 10 características consideradas importantes para as três metodologias de ensino estudadas neste trabalho, Montessori, Reggio Emilia e Waldorf, pretendia-se compreender quais são mais valorizadas pelos encarregados de educação.

Percebemos que entre as características apresentadas a que mais de destacou foram a necessidade de um ambiente limpo, seguro, ordenado e funcional. Destacamos também a necessidade de um ambiente que possibilite interação e que incentive atividades sensoriais, a partir dos materiais e o contacto com o meio ambiente.

Conseguimos ainda identificar as questões do mobiliário como importantes para os pais, na opinião destes, os móveis e objetos devem combinar com o tamanho e as habilidades dos bebés. Neste sentido, pensamos que esta característica se destaque entre as restantes devido à independência que oferece aos bebés, a criação de autonomia, ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e sociais e ao espaço como apoio à educação, são alguns pontos referidos como importantes pelos pais nas questões da Parte C.

Das dez características apresentadas como relevantes para as pedagogias destacamos também a necessidade de um ambiente flexível e que permita uma fácil adaptação às necessidades dos bebés, pois é neste período que as crianças adquirem as primeiras aprendizagens, que começam a aprender a cuidar de si, a relacionar-se com os outros e com o mundo, compreendemos que esta característica se destaque pela importância que os encarregados de educação dão às necessidades de desenvolvimento dos seus bebés. Um ambiente flexível e que seja de fácil adaptação permite que os bebés participem ativamente no espaço oferecendo uma resposta eficaz às suas necessidades.

Estas características consideradas as mais importantes para os encarregados de educação na Parte B do questionário, vieram a ser confirmadas pela análise da Parte C. Os encarregados de educação nesta

fase destacaram a organização, a funcionalidade, e o espaço para a educação bem como o tamanho adequado do mobiliário como as questões que mais agradaram na visita. Estas respostas manifestam uma atitude mais positiva por parte dos encarregados de educação. Destacamos também que a semelhança do espaço de creche com o ambiente familiar é um ponto que prende a atenção dos pais, as semelhanças com um espaço conhecido e que é percebido como seguro fazem com que estes espaços pareçam mais viáveis e confiáveis do que todos os outros. Identificamos a cor como um dos pontos que menos acordo obtive entre as respostas. Na análise da Parte B do questionário a questão relacionada com a cor obteve diferentes classificações, posteriormente na análise da Parte C esta voltou a ser um ponto de discordância, enquanto alguns encarregados de educação referiram as cores fortes como algo positivo para os seus bebés, devido aos estímulos que conseguem proporcionar e à alegria que transmitem outros referem que as cores fortes não são adequadas aos bebés e que estes deviam estar em ambientes mais controlados e neutros.

A estas características conseguimos associar sentimentos positivos que se destacam, como por exemplo, segurança, tranquilidade, alegria, harmonia e o sossego. Estes sentimentos foram simultaneamente relevantes para os encarregados de educação. Podemos, por exemplo, afirmar que a segurança pode ser originada pela funcionalidade do espaço, a sensação de respostas eficaz que o espaço transmite e a ideia de que o espaço está organizado de forma a responder ao desenvolvimento cognitivo e social do bebé. Para os pais, este fator pode ser considerado um ativador da confiança, da tranquilidade e do sossego. Contudo, compreendemos que estes sentimentos também podem estar associados às questões humanas. Pessoas atenciosas, carinhosas e simpáticas são muitas vezes referidas como elementos importantes das creches.

Apesar de em menor número algumas respostas referiram sentimentos negativos em relação ao espaço da creche, surgiram sentimentos de confusão, sensação de antigo e de degradação. Notamos neste caso, a relação destes sentimentos apenas com uma creche. Nos questionários recebidos dessa creche apareceram muitas recomendações da necessidade de renovação do espaço.

Consideramos deste modo que as características positivas se destacam sobre as características negativas. Sendo difícil identificar aspetos negativos nas creches. Esta dificuldade pode ter sido gerada por condicionantes de resposta, tais como o medo do julgamento, a submissão aos estereótipos sociais, a procura pela aceitação ou até a tendência de imitação (Carmo, 2013), ainda que tenha sido garantida o anonimato do questionário. Notamos também uma dificuldade nas respostas às questões da Parte C, percebemos que o surgimento do vírus SarsCov2 veio impedir as visitas às creches, não permitindo que os encarregados de educação conhecessem o espaço presencialmente.

No futuro pode-se avaliar cada valência de forma independente para que seja possível compreender as diferenças existentes entre os diferentes espaços e para compreender como cada valência atua nos encarregados de educação e se existem diferenças relevantes no modo como suscitam sentimentos nas pessoas.

Concluimos que, para que o sucesso de um espaço aconteça este deve oferecer recompensas emocionais aos pais, bem como conexões com os ideais dos encarregados de educação. Consideramos que ambientes de creche são valorizados quando ocorre um reconhecimento de experiências, memórias ou valores pessoais. Devemos então, oferecer um ambiente que transmita a ideia de casa familiar, que conduza os encarregados de educação a sensações de funcionalidade, de praticidade e que auxilie o bebé no seu desenvolvimento. Se algumas destas características do espaço forem percebidas pelo encarregado de educação o espaço terá maior sucesso do que um espaço impessoal. Assim, notamos que sentimentos auxiliam o processo de decisão relativamente a um futuro incerto (Damásio, 1994).

Podemos afirmar também que, para além do espaço é fundamental que as creches disponibilizem auxiliares e professoras simpáticas e atenciosas, tal como já referido nos comentários dos encarregados de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, M. C. (2010). Especificidades da ação pedagógica com os bebês. *ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais*, 17.
- Blauvelt, A. (2011). *Towards Relational Design: Design Observer*. 21.
- Bowlby, J. (1958). *Can I Leave My Baby?* National Association for Mental Health.
- Burnett, B., & Evans, D. (2016). *Designing Your Life: How to Build a Well-Lived, Joyful Life* (1 edition). Knopf.
- Cain, R., & Petermans, A. (2019). *Design for Wellbeing*. Routledge, Taylor & Francis Group.
- Carmo, V. (2013). *O uso de questionários em trabalhos científicos*. 14.
- Cavalcante, M., Gaia, R., Lins, P., & Rapôso, Á. (2010). Signos do design de interiores: Interfaces entre uso, consumo e arte. *Signos do Consumo*, 2(1), 108–127. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v2i1p108-127>
- Creche. (sem data). *Casa do Povo de Freixo - Lar Casa de Magalhães*. Obtido 14 de Julho de 2021, de <https://www.casapovofreixo.com/servicos/creche/>
- Creche / Centro Comunitário de Arcozelo. (sem data). SANTA CASA DA MISERICÓRDIA. Obtido 14 de Julho de 2021, de <https://scmplima.pt/valencias/creche-centro-comunitario-de-arcozelo/>
- Creche / Ponte de Lima. (sem data). SANTA CASA DA MISERICÓRDIA. Obtido 14 de Julho de 2021, de <https://scmplima.pt/valencias/creche-de-ponte-de-lima/>
- Cruz, S. H., & Cruz, R. (2017). O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança. *Em Aberto*, 30(100).
- Damásio, A. (2018). *A estranha ordem das coisas—As origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. Companhia das letras.
- Damásio, A. (1994). *O Erro de Descartes. Emoção, razão e o cérebro humano*. Companhia das letras.
- Demir, E., Desmet, P. M. A., & Hekkert, P. (2009). *Appraisal Patterns of Emotions in Human-Product Interaction*. 11.
- Desmet, P. (2002). *Designing Emotions*.

- Desmet, P. (2004). Measuring emotion: Development and application of an instrument to Measure Emotional Responses to Products. *Human-Computer Interaction Series*, 3, 111–123.
- Desmet, P. M. A., & Pohlmeier, A. E. (2013). *An Introduction to Design for Subjective Well-Being*. 7(3), 16.
- Desmet, P., Hekkert, P., & Hillen, M. (2003). *Values and Emotions; an empirical investigation in the relationship between emotional responses to products and human values*.
- Dias, S., & Moura, M. (2012). I2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. *i2ADS*.
<https://i2ads.up.pt/blog/publications/o-design-como-processo-a-metafora-do-jogo-enquanto-meio-participativo/>
- Easton, F. (1997). Educating the whole child, “head, heart, and hands”: Learning from the Waldorf experience. *Theory Into Practice*, 36(2), 87–94.
- Edwards, C. P. (2002). Three Approaches from Europe: Waldorf, Montessori, and Reggio Emilia. *Early Childhood Research & Practice*, 4(1), 13.
- Feez, S. (2009). *Montessori e a primeira infância: Um guia para alunos*.
- Figueiredo, B. (1996). *A interação mãe-bebé*.
- Figueiredo, B. (2003). *Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebé*.
- Figueiredo, B., Costa, R. A., Marques, A., Pacheco, A. P., & Pais, A. (2005). *Envolvimento emocional inicial dos pais com o bebé*.
- Fontoura, A. M. (2002). *EdaDe A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ATRAVÉS DO DESIGN*. 357.
- Gandini, L., Hill, L., Cadwell, L., & Schwall, C. (2005). *No Espírito do Estúdio: Aprendendo com o Ateliê de Reggio Emilia*. Leslie R. Williams.
- Gasparetto, S., Bussab, V. S. R., & Vitória, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Journal of Human Growth and Development*, 4(2).
<https://doi.org/10.7322/jhgd.38138>

- González-Gómez, P. (2013). *Arquitectura, espacios y materiales del aula de Educación Infantil según las principales pedagogías alternativas*. <https://reunir.unir.net/handle/123456789/1881>
- Hank, V. (2006, Abril 12). *O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança*.
- Holzman, L. (2009). *Vygotsky at work and play*. Routledge.
- Hoyuelos, D. A. (sem data). *Reggio Emilia y la pedagogía de Loris Malaguzzi* [Entrevista]. Obtido 29 de Dezembro de 2020, de <https://cmappublic.ihmc.us/rid=1LSNFS61Z-CT5QDL-1YCM/Loris%20Malaguzzi.pdf>
- Isaacs, B. (2018). *Understanding the Montessori approach: Early years education in practice* (Second edition). Routledge, Taylor & Francis Group.
- Jimenez, S., Pohlmeier, A. E., & Desmet, P. M. A. (2015). *Positive Design: Reference Guide*. TU Delft, Faculty of Industrial Design Engineering.
- Jordan, P. W. (2005). *Designing pleasurable products: An introduction to the new human factors*.
- Kamp, I., & Desmet, P. M. A. (2014). Measuring product happiness. *Proceedings of the Extended Abstracts of the 32nd Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems - CHI EA '14*, 2509–2514.
- Kujala, S., Walsh, T., Nurkka, P., & Crisan, M. (2014). Sentence Completion for Understanding Users and Evaluating User Experience. *Interacting with Computers*, 26(3), 238–255.
- Lemes, S. A. (2012). *O berçário e as interações com elementos naturais*. 12.
- Lillard, A. S. (2013). Playful Learning and Montessori Education. *NAMTA Journal*, 38(2), 137–174.
- Lillard, P. P., & Jessen, L. L. (2008). *Montessori from the Start: The Child at Home, from Birth to Age Three*. Knopf Doubleday Publishing Group.
- Magalhães, A. F. (2013). *A Psicologia das Emoções—O Fascínio do Rosto Humano*. Escrytos | Ed. Autor.
- Malaguzzi, L. (1993, Novembro). *For an education based on relationships*. <https://www.reggioalliance.org/downloads/malaguzziyoungchildren.pdf>

Martins, T. C. (2016). Da Educação Infantil e a Experiência de Reggio Emilia. *Revista Sustinere*, 4(1), 27–46.

<https://doi.org/10.12957/sustinere.2016.21135>

Matias, A. K. R., & Camargo, G. (2018). Os espaços educadores na abordagem de Reggio Emilia e suas contribuições para uma escola da rede privada da região de criciúma. *Revista Saberes Pedagógicos*,

2(2), 36–56. <https://doi.org/10.18616/rsp.v2i2.4247>

McDonagh, D. (2004). *Design and emotion: The experience of everyday things*. Taylor & Francis.

McDonagh, D., Bruseberg, A., & Haslam, C. (2002). Visual product evaluation: Exploring users' emotional relationships with products. *Applied Ergonomics*, 33(3), 231–240. [https://doi.org/10.1016/S0003-6870\(02\)00008-X](https://doi.org/10.1016/S0003-6870(02)00008-X)

Método Montessori. (2012, Dezembro 16). Lar Montessori. <https://larmontessori.com/o-metodo/>

Montessori, M. (2017). *A descoberta da criança: Pedagogia científica* (1ª edição). Kirion.

NICHD. (2006). *The Nichd Study of Early Child Care and Youth Development* (p. 62). U.S. Department of Health and human Services.

Nicol, J. (2010). *Trazendo a Abordagem Steiner Waldorf à sua Prática dos Primeiros Anos* (2ª edição).

Routledge.

Nogaro, A. (sem data). *RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 4.*

Noguchi, S., Yamasaki, Y., Konishi, T., & Oikawa, Y. (2009). *Acoustics in nursery institutions focused on children—Practical methodologies observing sound environment from children's view - 8.*

Nordlund, C. (2013). Waldorf Education: Breathing Creativity. *Art Education*, 66(2), 13–19.

Norman, D. A. (2004). *Emotional Design Why We Love or Hate Everyday Things*. Basic Books.

Oppenheim, A. N. (1992). *Questionnaire design, interviewing, and attitude measurement* (New ed). Pinter Publishers ; Distributed exclusively in the USA and Canada by St. Martin's Press.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ª). AMGH Editora, Ltda.

- Papanek, V. (1984). *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change* (2nd edition).
- Pile, J. (2013). *History of Interior Design* (Fourth Edition).
- Portugal, C., & Couto, R. (2010). *Design em situações de ensino-aprendizagem*. 22.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 497–503. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300012>
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Journal of Human Growth and Development*, 16(1), 85–96.
- Rinaldi, C. (2006). *In dialogue with Reggio Emilia: Listening, researching and learning*.
- Sá, A. L. (2010). *Um olhar sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia*. 8, 26.
- Santos, A. K. A. (2017). O princípio do cuidar na creche e a metáfora do ambiente uterino: Ambiente físico e humano como guarida educativa para crianças pequenas. *Humanidades & Inovação*, 4(5), Article 5. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/275>
- Sarmiento, M. J. (2005). Crianças: Educação, culturas e cidadania ativa. *Perspectiva*, 23(1), 17–40.
- Scherer, K. R. (2005). What are emotions? And how can they be measured? *Social Science Information*, 44(4), 695–729. <https://doi.org/10.1177/0539018405058216>
- Silva, L. T. da, & Gonçalves, J. A. T. (2019). Projeto escolar como ferramenta educacional aliado à metodologia Waldorf. *ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ISSN 21-76-8498*, 15(15), Article 15. <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/7826>
- Śliwa, M., & Nowicka, M. (2014). Culturally programmed space of nursery – where we are going? *Problemy Wczesnej Edukacji*, 26(3), 93–107.
- Steiner, R. (1998). *O Espírito da Escola Waldorf: Palestras sobre a Fundação da Primeira Escola Waldorf*: 5. SteinerBooks, Inc.
- Steiner, R. (2004). *Uma Arte Moderna da Educação*.
- Stern, D. N. (2002). *The first relationship: Infant and mother*. Harvard Univ. Press.

- Tempos, Espaços, Relações e Infâncias: Bases epistemológicas. (2015). *VII Congresso Paulista de Educação infantil; III Simpósio Internacional de Educação Infantil*, 434.
- Tonetto, L., & da Costa, F. (2011). Design Emocional: Conceitos, abordagens e perspectivas de pesquisa. *Strategic Design Research Journal*, 4(3), 132–140.
- Vigotskii, L., Luria, A., & Leontiev, A. (1988). *Linguagem desenvolvimento e aprendizagem* (11ª edição). Ícone editora.
- Walter, A. (2011). *Designing for emotion*. A Book Apart.
- Winnicott, D. (1979). *A Criança e o seu Mundo*. Zahar Editores.
- Zang, E., & Camiloti, L. (2012). Um estudo sobre as cores e sua aplicabilidade em ambientes de creches infantis. *Unoesc & Ciência - ACSA*, 3(1), 37–44.

APÊNDICES

Apêndice 1

Email enviado às creches

Julho 2021

Boa tarde, estimado/a senhor/a

Tal como falamos por telefone, chamo-me Cristiana Lima, sou natural da freguesia da Facha e sou licenciada em Design de Produto pela Universidade do Minho. Prossegui com os meus estudos e encontro-me a fazer o Mestrado em Design de Produto e Serviços, na mesma universidade.

Atualmente encontro-me a desenvolver a minha dissertação, cujo objetivo é compreender o espaço de creche a partir da perspetiva do encarregado de educação do bebé. Simultaneamente, pretende-se compreender a opção de escolha e quais os aspetos que são mais importantes para o bem-estar do bebé, na perspetiva dos pais. É neste sentido, que venho pedir a colaboração da vossa creche. Gostava de poder fazer uma pesquisa com os pais dos vossos bebés. Esta seria feita a partir de questionários, em papel.

Gostava muito de contar com vosso apoio e colaboração para este estudo. Fico a aguardar uma resposta. Em caso de ser possível contar com a vossa colaboração, gostaria de marcar uma data para entregar os questionários na vossa instituição. O questionário segue em anexo para conhecer.

Desde já muito obrigada.

Atenciosamente,

Cristiana Lima

Apêndice 2

Questionário

Julho 2021

Sou a Cristiana Lima, aluna do Mestrado em Design de Produto e Serviços da Universidade do Minho e no âmbito da pesquisa do projeto para Laboratório de Investigação desenvolvi o seguinte questionário. Este tem como objetivo compreender o espaço de creche a partir da perspetiva do encarregado de educação do bebé. Simultaneamente, pretende-se compreender a opção de escolha e quais os aspetos, que para si, são mais importantes para o bem-estar do seu bebé.

A sua colaboração é anónima e os dados recolhidos serão utilizados, apenas, para fins académicos. Se necessário entre em contacto através do email: pg36895@alunos.uminho.pt.

Agradeço desde já a sua colaboração.

A. Identificação:

A1 Sexo:

- Feminino
 Masculino

A2 Idade:

- < 20
 20 – 30
 30 – 40
 > 40

A3 Grau de parentesco:

- Mãe
 Pai
 Outro: _____

A4 Habilitações literárias: _____

A5 Idade do bebé, em meses:

- 0 – 3
 3 – 12
 12 – 24
 24 – 36
 > 36

A6 Creche que frequenta: _____

B. Ambiente

A seguinte tabela, contém elementos que podem fazer parte de um ambiente de creche. Peço que leia atentamente e que de seguida assinale de 1 a 5 de acordo com a sua opinião sobre cada afirmação neste momento. Considere que:

1 – Nada importante; 2 – Pouco importante; 3 – Moderado; 4 – Importante; 5 – Muito importante

	Afirmações:	1	2	3	4	5
B1	Móveis e objetos devem combinar com o tamanho e habilidades dos bebés.					
B2	É necessário um ambiente que possibilite interação e que incentive várias atividades sensoriais (experiências que incentivem a utilização do tato, do olfato, etc.).					
B3	Deve ser privilegiada a utilização de materiais naturais (preferência por brinquedos em madeira ou tecido).					
B4	É importante ter um espelho na sala para os bebés.					
B5	A barra de apoio é um benefício para os bebés.					
B6	O ambiente deve ser limpo, seguro, ordenado, espaçoso e funcional.					
B7	O ambiente deve ser pintado com cores claras e neutras.					
B8	O ambiente deve ser flexível e facilmente alterado, para responder às necessidades dos bebés.					
B9	É importante que os trabalhos e tarefas que se realizam fiquem expostos.					
B10	É importante que a creche propicie a interação entre os bebés.					

C. Questões

Preencha as frases abaixo com a sua opinião, tendo em conta que falamos do ambiente da creche do qual o seu bebé faz parte. Considere ambiente, para além de mobiliário e cores tudo aquilo que o bebé pode escolher manusear e utilizar (ex. brinquedos, tapetes, paredes com texturas ou desenhos, etc.).

C1. O espaço fez-me lembrar _____.

C2. O que mais me agradou no ambiente foi _____ porque _____
_____.

C3. O que menos me agradou no ambiente foi _____ porque _____
_____.

C4. Acha que o ambiente é funcional? Porquê?
_____.

C5. A organização do espaço transmite-me: _____.

C6. Se desejar, acrescente algo que lhe pareça importante e que não foi mencionado.

_____.

Obrigada pela sua colaboração,
Cristiana Lima

Apêndice 3

Resumo da análise dos resultados do
questionário - Parte C.

Julho 2021

C1. O espaço fez-me lembrar _____.

- | | |
|--|--|
| 1/ A minha infância; | 26/ Um parque infantil; |
| 2/ Um parque; | 27/ Um lugar tranquilo; |
| 3/ Um lugar acolhedor e seguro; | 28/ Anos em que os meus filhos mais velhos frequentaram; |
| 4/ Uma casinha dos pequeninos; | 29/ O Portugal dos pequeninos; |
| 5/ Um espaço familiar; | 30/ Os tempos de infância; |
| 6/ Um local antigo, mas bem adaptado; | 31/ Uma escola tradicional; |
| 7/ Uma casa familiar; | 32/ A natureza; |
| 8/ Um parque de diversões com segurança; | 33/ Uma 2ª casa; |
| 9/ Uma casa; | 34/ Uma creche acolhedora; |
| 10/ Um local moderno, limpo e arejado; | 35/ Nada; |
| 11/ A minha universidade; | 36/ Um espaço confortável, próprio para as crianças; |
| 12/ Antigo/degradação; | 37/ Um ambiente familiar; |
| 13/ Um museu; | 38/ Calma, organização, felicidade; |
| 14/ Um parque; | 39/ Um local seguro; |
| 15/ Ambiente familiar e segurança; | 40/ Um lugar harmonioso e seguro; |
| 16/ Um local infantil; | 41/ Tudo o que uma criança gosta, o mundo colorido; |
| 17/ Um lugar acolhedor e seguro; | 42/ Algo agradável para brincar; |
| 18/ Uma sala de brincar; | 43/ A casa dos avós e tias; |
| 19/ Um recreio um pouco vazio; | 44/ Um lugar acolhedor; |
| 20/ Uma sala/espaço de diversão; | 45/ Infantário (que precisa de inovar); |
| 21/ Uma creche; | 46/ Uma instituição; |
| 22/ Uma escola antiga; | 47/ A nossa casa; |
| 23/ A minha infância, eu frequentei a valência e de seguida os filhos; | 48/ Suavidade; |
| 24/ Acolhedor; | 49/ Uma casa (ambiente familiar); |
| 25/ Um ambiente calmo, mas ao mesmo tempo de diversão; | |

- 50/O ambiente familiar;
- 51/ Casa de bonecas;
- 52/ Um local pequenino de crianças;
- 53/ Um labirinto;
- 54/ Um mundo encantado;
- 55/Alegria;
- 56/Uma mini-casa;
- 57/A minha infância, como frequentei a Santa Casa de Ponte de Lima;
- 58/ Uma escola antiga;
- 59/ Um lugar agradável
- 60/ Um ambiente familiar;
- 61/Diversão e segurança;
- 62/ O mar;
- 63/ Que o meu filho fica em um espaço acolhedor;
- 64/ A escolinha dos bonecos;
- 65/ O país encantado das cores;
- 66/ Um livro de contos infantil;
- 67/ Um mini parque infantil de sonho;
- 68/ A minha infância, o que é bom ser criança;
- 69/ Um ambiente familiar e de conforto;
- 70/A minha infância;
- 71/ A minha infância;
- 72/ A minha infância;
- 73/ A minha infância.

C2. O que mais me agradou no ambiente foi _____ porque _____.

1/ Tudo;

2/ As funcionárias e educadoras. Pela simpatia;

3/ Organização;

4/ As cores e os brinquedos. Porque acho que é importante para as crianças haver cor e ter com o que brincar;

5/ Acolhimento do bebê porque tranquilizou-me;

6/ O acolhimento. Porque faz-me lembrar uma família e o horário também;

7/ Tudo, por causa da organização

8/ A organização. Porque está de forma que as crianças sejam independentes;

9/ Higiene;

10/ A segurança e higiene. Porque é muito importante;

11/ O mobiliário porque está adaptado ao tamanho dos bebês;

12/ O espaço seguro. Porque é importante no desenvolvimento de cada criança;

13/ Pouca confusão. Porque as coisas parecem organizadas e limpas;

14/ Que é apropriada;

15/ A organização. Porque as crianças brincam com várias coisas no mesmo espaço;

16/ As salas. Porque são acolhedoras e com cores que anima os meninos;

17/ A higiene. Porque é muito importante com crianças pequenas;

18/ O espaço e as pessoas;

19/ Tudo. Porque acho que está adequado às crianças;

20/ A organização;

21/ A organização. Porque permite distinguir os vários espaços existentes e a criança explorá-los;

22/ A organização. Porque assim existe menos perigo para as crianças;

23/ Trabalhos expostos. Porque podemos acompanhar algumas tarefas realizadas;

24/ Todo o seu conjunto. Porque permite às crianças brincar de forma segura e feliz;

25/ A disposição dos bebês. Porque facilita que interajam mais uns com os outros;

26/ A disposição e bem-estar. Porque assim sei que a minha bebé ficará bem;

27/ A originalidade. Porque tem cores chamativas, o espelho e tudo que chama a atenção da criança;

28/ As pessoas. Porque são simpáticas e meigas;

29/ Tudo. Porque é um espaço arejado e muito colorido;

- 30/O espaço. Porque facilita muito a realização de todas as atividades;
- 31/ Bom acolhimento. Porque dá segurança aos pais;
- 32/ A simpatia e dedicação;
- 33/O espaço. Porque é mais arejado e despreocupante;
- 34/A simpatia do staff. Porque sinto-me à vontade para expor todas as situações;
- 35/ O espaço. Porque é amplo e prático;
- 36/ A limpeza e organização porque é necessário para o bem-estar das crianças;
- 37/ Higiene e divisões;
- 38/ A organização. Porque me deixou confortável e tranquila;
- 39/ A exposição dos trabalhos. Porque além de as paredes ficarem mais alegres também podemos ver o que é realizado;
- 40/ Ser um espaço amplo. Porque é mais seguro e prático e nós pais ficamos mais descansados;
- 41/ A organização. Porque está tudo no devido lugar;
- 42/ A organização das salas. Porque estão adaptadas à evolução das crianças;
- 43/ O à-vontade das pessoas. porque demonstram comportamento paternal;
- 44/ A segurança e harmonia. Porque transmite confiança aos pais e bebés;
- 45/As instalações. Porque tornam o ambiente mais acolhedor;
- 46/ A organização. Porque é importante ter tudo adequado à idade de cada criança;
- 47/ Muito acolhedor;
- 48/ Tudo. Porque é seguro e apropriado;
- 49/ A arrumação da sala. Porque facilita o manuseio dos objetos por parte do bebé;
- 50/ A segurança e limpeza. Porque é o bem-estar das crianças;
- 51/ Os brinquedos. Porque se consegue ver no rosto das crianças a felicidade;
- 52/ O espaço ao ar livre. Porque é bom para os nossos bebés ter o contacto com a natureza;
- 53/ O espaço. Porque é grande para fazerem atividades;
- 54/ A luminosidade. Porque as janelas grandes proporcionam luz natural;
- 55/ As cores vivas. Porque transmite alegria;
- 56/ As cores. Porque acho importante este tipo de estímulos para os bebés;
- 57/ A limpeza. Porque está sempre tudo muito limpo;
- 58/ Um espaço amplo e colorido. Porque acho que é algo importante para o bem-estar e desenvolvimento das crianças;

- 59/ Os brinquedos;
- 60/ Sala de recreio. porque é ampla e tem espaço para as crianças brincar;
- 61/ A variedade de brinquedos, a limpeza e a organização do mesmo;
- 62/ O cuidado e organização. Porque me deu segurança para deixar a minha bebé;
- 63/ A luz natural. Porque tem algumas janelas;
- 64/ A organização. Porque transmite segurança e mobilidade e adaptabilidade;
- 65/ O espaço. Porque lhes faz sentir à-vontade, "liberdade";
- 66/ A boa disposição. Porque torna mais fácil conseguir deixar os bebés;
- 67/ A cor. Porque traduz sentimentos e alegria;
- 68/ As salas. Porque cada uma tem uma decoração diferente com cores diferentes;
- 69/ O espaço em si. Porque é organizado e com dispositivos adequados à idade e tamanho dos bebés;
- 70/ Desenhos/colagens. porque é agradável para o bebé;
- 71/ A afetividade. Porque é espontânea, a forma como as crianças são tratadas, seja nas birras, pedidos ou manifestações de afeto;
- 72/ Parque interior. Porque mesmo de chuva podem brincar deliberadamente;
- 73/ A limpeza. Porque para mim a limpeza de um espaço diz tudo
- 74/ Tudo;
- 75/ Simpatia e alegria. Porque funcionários simpáticos e crianças divertidas;
- 76/ As profissionais/trabalhadoras. Porque estão sempre disponíveis, apoiam os pais na integração da criança, são competentes e dão carinho e amor;
- 77/ A organização. Porque acho bem estruturado a parte recreio e a parte sala;
- 78/ Pessoas/técnicos. Porque são dedicados ao serviço;
- 79/ As cores. Porque proporcionam estímulos importantes para as crianças;
- 80/ O espaço útil. Porque permite a circulação e interação das crianças;
- 81/ As cores. Porque são claras e suaves;
- 82/ O espaço e educadora. Porque o espaço agradou-me para eles poderem interagir à vontade e educadoras porque elas são espetaculares;
- 83/ Os brinquedos. Porque os bebés estavam entretidos e a socializar;
- 84/ A limpeza e arrumação. Porque a limpeza evita problemas saúde / A arrumação evita acidentes;

84/ As cores e a organização;

86/ Trabalhos realizados. Porque é benéfico para os pais visualizar a evolução dos filhos;

87/ A atenção que dão. Porque são tantas crianças e conseguem organizar tudo;

88/ Brinquedos. Porque são variados e coloridos;

89/ A simpatia das cuidadoras. Porque percebo que possuem boa relação com as crianças;

90/ O cuidado prestado. Porque tenho isso muito em conta.

C3. O que menos me agradou no ambiente foi _____ porque_____.

- | | |
|---|---|
| 1/ Nada; | 19/ Neste momento é a falta de comunicação. |
| 2/ Nada a apontar; | Porque a pessoa que faz a entrega da criança nem sempre está com informada de como esteve a criança; |
| 3/ Tudo me agradou; | 20/ Demasiado vidro. Porque torna o edifício demasiado quente no verão; |
| 4/ O chão. É frio; | 21/ A televisão. Porque existem outras formas pedagógicas e funcionais para facilitar a aprendizagem e evolução do bebé; |
| 5/ Nada. Está tudo perfeito na minha opinião; | 22/ De momento nada; |
| 6/ Nada. Porque tudo me agradou; | 23/ Os brinquedos. Porque tem pouca quantidade para tantas crianças; |
| 7/ Até ao momento nada me desagradou; | 24/ Nada. Porque se encontra tudo dentro das minhas expectativas; |
| 8/ O número de crianças. Porque um número elevado de crianças cria confusão; | 25/ As cores das paredes. Porque são demasiado fortes; |
| 9/O espaço. Porque é pequeno; | 26/ Escadas. Porque tornam difícil a evacuação se houver uma urgência; |
| 10/ A cor das paredes. Porque acho-as um pouco fortes, escuras; | 27/A luminosidade. Porque o espaço tem pouca luz e faz mal à visão das crianças (as crianças tem de esforçar mais a vista); |
| 11/ Não detetei nada; | 28/ Um pouco vazio. Porque só tem uma piscina com bolas e uma casinha de brincar e escorregas; |
| 12/ Os acessos. Porque tem partes perigosas; | 29/ Ser muito fechado. Porque as crianças precisam de recreio ao ar livre; |
| 13/Nada. Porque devido à covid ainda não pude visitar; | |
| 14/ Não tenho nada a apontar; | |
| 15/ As grades. Porque à vista não são 100% funcionais para todas as faixas etárias presentes; | |
| 16/ A falta de cozinha. As refeições veem do lar; | |
| 17/ O espaço exterior. Porque falta o acesso à natureza livre; | |
| 18/ As pessoas estranhas. Porque a creche partilha local com outras valências; | |

- 30/ As cores. Porque acho que deveriam ser mais neutras;
- 31/ Pouco espaço na sala de aula. Porque apesar de serem poucos alunos carecia de mais espaço lúdico;
- 32/ Janelas abertas. Porque proporciona ventilação adequada, mas também constipações e gripes (melhoria da gestão);
- 33/ O edifício antigo. Porque não é funcional para uma creche;
- 34/ A panóplia de cores. Porque acho que as crianças devem estar num ambiente neutro;
- 35/ Nada a apontar;
- 36/ Demasiado betão. Porque faltam espaços ajardinados e de fácil acesso;
- 37/ Instalações físicas. Porque tem zonas degradadas no interior e exterior, necessita de obras;
- 38/ Brinquedos partidos. Porque as crianças podem magoar-se com maior facilidade;
- 39/ Instalações. Porque necessita de obras de reabilitação;
- 40/ O acesso ao andar superior. Porque tinha de carregar o ovo quando a criança frequentava o berçário;
- 41/ A luz das salas. Porque deveria ser melhor iluminadas com luz natural;
- 42/ Escadas exteriores. Porque podem ser perigosas;
- 43/ Talvez as cores. Porque são muito pesadas;
- 44/ O chão e o espaço frio. Porque cria um ambiente frio e escuro;
- 45/ A degradação do espaço. Porque é uma creche com muitos anos e já deveria ter sofrido obras;
- 46/ Pouca exposição. Porque os pais são muito interditos de entrar em espaços que ocupam os filhos;
- 47/ As escadas para o 1º andar. Porque representam um perigo acrescido;
- 48/ Espaço externo pouco atrativo. Porque as crianças parecem ter poucas atividades no exterior;
- 49/Nada a apontar;
- 50/Nada a apontar;
- 51/Nada;
- 52/Nada;
- 53/Nada;
- 54/Nada;
- 55/Nada.

C4. Acha que o ambiente é funcional? Porquê?

- 1/ Sim;
- 2/ Sim. As crianças obtém rotinas diárias;
- 3/ Sim, porque é adequado a cada fase da criança;
- 4/ Sim. porque as responsáveis fazem sempre o melhor;
- 5/ Sim, satisfaz as necessidades do bebé;
- 6/ Sim. Porque tem muitas atividades para os bebés;
- 7/ Sim. Porque corresponde para o desenvolvimento das crianças;
- 8/ Sim, porque tem tudo o que precisa para o meu filho;
- 9/ Sim. Porque corresponde as necessidades do meu filho;
- 10/ Sim. Porque está adaptado à idade dos bebés;
- 11/ Considero que sim, uma vez que se adapta às necessidades de cada criança;
- 12/ É funcional porque tem material adequado à idade;
- 13/ Sim. Porque facilmente é arrumado e assim passam para outra "brincadeira";
- 14/ Sim. Porque está organizado, limpo e com segurança;
- 15/ Sim. Porque é quase como uma grande família;
- 16/ Sim, é flexível;
- 17/ Sim. Porque proporciona o bem-estar e o desenvolvimento da criança;
- 18/ Existe interligação entre as crianças e as educadores e auxiliares;
- 19/ Sim, porque as crianças saem contentes;
- 20/ Sim. Porque permite a interação entre os bebés;
- 21/ Sim. Porque é organizado, limpo e funcional para as crianças;
- 22/ Sim, tem os espaços bem delimitados e seguros;
- 23/ Sim, está bem estruturado;
- 24/ Sim, porque faz as crianças interagir umas com as outras, etc.;
- 25/ Sim, porque me parece estar prático para os bebés e funcionários;
- 26/ Sim, porque faz educar as crianças;
- 27/ Sim. Porque estão muito coordenados;
- 28/ Sim. É amplo;
- 29/ Sim, porque o bebé vai e fica contente;
- 30/ Permite as crianças andar à vontade;
- 31/ Sim. Organização e muitos brinquedos interativos e o tamanho do mobiliário;
- 32/ Sim, corresponde ao solicitado para cada idade;
- 33/ Sim, é funcional;

- 34/ Sim, adapta-se ao desenvolvimento dos bebês;
- 35/ Sim. Há muito espaço livre e seguro;
- 36/ Sim, o espaço está dividido de forma uniforme pelas 3 salas;
- 37/ Sim, combina espaço interior e exterior;
- 38/ Sim/ Boa disposição dos objetos/ facilidade de contacto bebês/ educadores/ auxiliares/etc;
- 39/ Sim. Porque tem áreas de fácil acesso e seguras para as crianças;
- 40/ Sim. Porque tem espaço para o fazer;
- 41/ As funcionárias são excelentes;
- 42/ Sim. Como mencionado em cima a arrumação da sala facilita o manuseio dos objetos por parte do bebê;
- 43/ Penso que sim. Mas como nunca conheci espaço fisicamente não tenho a mesma precisão;
- 44/ Sim. Tem um excelente ambiente e profissionais que adoram as crianças;
- 45/ Sim, as suas rotinas diárias são adequadas para os nossos bebês, as áreas estão bem divididas, tem os seus objetos cada sala;
- 46/ Sim. Porque tem boa organização;
- 47/ Sim. Porque vejo as crianças felizes;
- 48/ Sim. As salas estão ajustadas para as diferentes idades. Existe espaço para dormir, refeições, recreio, isto tudo num espaço relativamente pequeno (poucas salas)
- 49/ Sim. tudo necessário;
- 50/ Sim. Porque incentiva para várias atividades;
- 51/ Sim. Adequado às áreas importantes que a criança tem de desenvolver;
- 52/ Sim. Espaço facilmente adaptável;
- 53/ Não sei;
- 54/ Sim, porque tem bastante espaço;
- 55/ Muito, pois auxilia a integração dos bebês nas atividades;
- 56/ Sim. Porque atende muitas turmas e muitas crianças;
- 57/ Sim. Porque é muito bem organizado;
- 58/ Sim. espaço adequado e com espaço para recreio;
- 59/ Sim. Porque acho ter tudo o necessário para uma criança se sentir bem;
- 60/ Sim. Porque é espaçoso com brinquedos e imagens que permite a evolução da motricidade e cognitiva;
- 61/ Pouco. Os pais não tem hipótese de ver os filhos, poucas janelas;
- 62/ Sim. Porque tem um bom espaço, atividades diversificadas, hora de descanso, variedade na alimentação, competência no pessoal e equipa de trabalho, festas nas datas a festejar, segurança e um projeto educativo muito interessante;

- 63/ Sim. Porque tem um espaço alegre;
- 64/ Não, uma vez que possui escadas e os aquecedores quando estão ligados queimam;
- 65/ Sim;
- 66/ Está bastante bem organizado
- 67/ Sim, com a pandemia reorganizaram-se bem de modo a ser funcional e não haver ajuntamentos de pais para entregar/buscar as crianças;
- 68/ Sim, porque tem organização e espaço "área" para tal;
- 69/ Acho que não, julgo que devia ter outros espaços maiores;
- 70/ Sim, porque tem várias salas com diferentes espaços;
- 71/ Sim, as salas estão bem distribuídas e organizadas;
- 72/ Sim. Porque o meu bebé progrediu muito;
- 73/ Sim. Porque pelo menos pelo meu filho ele é feliz;
- 74/ Sim, tem tudo o necessário para as crianças;
- 75/ Sim, transmite estabilidade e é acolhedor;
- 76/ Está adequado e equipado para o bom desenvolvimento das crianças;
- 77/ Sim, pois tem espaço para os bebés brincarem;
- 78/ Sim. Porque corresponde às exigências mínimas para desenvolvimento da criança;
- 79/ Sim. Porque corresponde às exigências mínimas para desenvolvimento da criança;
- 80/ Sim é, convém estar sempre agradável, em bom estado para brincar;
- 81/ Sim. Consegue separar áreas de atividades/descanso/refeição com proximidade;
- 82/ Sim, pois as crianças possuem o atendimento necessário;
- 83/ Sim;
- 84/Sim;
- 85/Sim;
- 86/Sim. As crianças obtém rotinas diárias.

C5. A organização do espaço transmite-me: _____.

- | | |
|--|---|
| 1/ Segurança e confiança; | 27/ Confiança e tranquilidade; |
| 2/ É um meio organizado e tranquilo; | 28/ Segurança para a criança; |
| 3/ Segurança | 29/ Confiança, saber que o meu filho fica bem entregue; |
| 4/ Segurança e tranquilidade; | 30/ Tranquilidade, harmonia; |
| 5/ Sensibilidade e alegria; | 31/ Tranquilidade e segurança; |
| 6/ Alegria; | 32/ Confiança. Pessoas com valores/ética e respeito pelas crianças; |
| 7/ Paz; | 33/ Segurança; |
| 8/ Segurança; | 34/ Confusão; |
| 9/ Tranquilidade; | 35/ Tranquilidade e segurança; |
| 10/ Segurança; | 36/ Confiança e segurança; |
| 11/ Confiança: | 37/ Confiança e tranquilidade; |
| 12/ Tempos em que era criança; | 38/ Harmonia e segurança; |
| 13/ Segurança e tranquilidade; | 39/ Segurança para a criança; |
| 14/ Alegria; | 40/ Confiança para a evolução dos mais pequenos; |
| 15/Segurança; | 41/ Bom ambiente; |
| 16/ Tranquilidade; | 42/ Desconheço; |
| 17/ Confiança; | 43/ Confiança e tranquilidade; |
| 18/ Conforto; | 44/ Confiança; |
| 19/ Calma; | 45/ Confiança; |
| 20/ Confiança; | 46/ Segurança; |
| 21/ Independência; | 47/ Segurança; |
| 22/ Segurança para a criança; | 48/ Segurança; |
| 23/ Confiança; | 49/ Tranquilidade; |
| 24/ Confiança e segurança; | 50/ Espaço suficiente para os meninos; |
| 25/ Confiança. A organização é um dos pilares de uma creche conceituada; | |
| 26/ Um espaço organizado; | |

- 51/ Confiança e tranquilidade;
- 52/ Confiança;
- 53/ Segurança;
- 54/ Tranquilidade;
- 55/ Segurança;
- 56/ Espaço suficiente para os meninos;
- 57/ Segurança;
- 58/ Tranquilidade e limpeza;
- 59/ Confiança e segurança;
- 60/ Confiança;
- 61/ Tranquilidade;
- 62/ Segurança;
- 63/ Segurança;
- 64/ Bom ambiente;
- 65/ Confiança;
- 66/ Confiança;
- 67/ Tranquilidade;
- 68/ Tranquilidade;
- 69/ Segurança;
- 70/ Organização;
- 71/ Segurança, harmonia, sossego;
- 72/ Tranquilidade;
- 73/ Segurança;
- 74/ Segurança;
- 75/ Serenidade, alegria e muita cor;
- 76/ Segurança;
- 77/ Segurança;
- 78/ Segurança;
- 79/ Segurança;
- 80/ Tranquilidade;
- 81/ Alegria, aconchego, tranquilidade;
- 82/ Segurança;
- 83/ Segurança;
- 84/ Sensação de escola;
- 85/ Segurança;
- 86/ Segurança;
- 87/ Segurança;
- 88/ Tranquilidade;
- 89/ Confiança, mas a organização necessita de investir.

C6. Se desejar, acrescente algo que lhe pareça importante e que não foi mencionado.

1/ Nada a acrescentar;

2/ Não há;

3/ Não consegui responder a C1, C2, C3, C4 e C5 por motivos de saúde pública (covid19) não conheço o espaço;

4/ Não posso responder ao resto das perguntas porque não visitei o espaço devido à covid;

5/ Só conheço o corredor, devido ao covid não foi possível visitar;

6/ É difícil responder quando não vamos aos locais onde eles passam o dia por causa da covid;

7/ Não posso responder às questões anteriores pois não conheço nenhum dos espaços da creche a não ser o parque exterior devido à situação da covid;

8/ Estou a responder a estas questões com base no que vi quando o meu filho entrou para o berçário, porque desde que começou a covid não é possível entrar nas instalações;

9/ Infelizmente devido à covid não foi possível visitar as instalações, só as conheço através de foto assim, não consigo responder às questões anteriores;

10/ As educadoras e auxiliares são acessíveis com as crianças e pais;

11/ Neste último ano bastante atípico, não me foi possível entrar na sala no qual o meu educando frequenta. Sinto-me impossibilitada de ver com os meus próprios olhos se houve mudanças (significativas ou não) no ambiente em que o meu filho se encontra a maior parte do tempo durante a semana;

12/ Pelo motivo da covid eu não conheço o espaço da creche fisicamente, só mesmo em fotografias que nos são facultadas, mas parece-me um espaço muito agradável, seguro e claramente limpo;

13/ Sinto que o ambiente na creche é bom, mas neste momento, apesar de ser o último ano a ser frequentado, deveria ser transmitida mais informação sobre o estado da criança durante o dia, no meu caso gostaria de saber um pouco mais principalmente sobre as horas de alimentação;

14/ O facto de o recreio ser num pátio interior, resguardado dos ventos, brisas, incidência solar mais forte, deixa os pais mais tranquilos no que respeita à saúde dos mais pequenos;

15/ Não conheço as instalações presencialmente devido à situação covid-19;

16/ Deveriam saber passar mais informação aos pais sobre o dia dos meninos;

- 17/ Devido aos planos de contingência implementados não sei qual o espaço que o meu filho usa, nem qual é a sala, nem como está tudo organizado. As crianças são deixadas à porta e não há acesso ao interior para poder responder às questões colocadas
- 18/ Em tempo de pandemia não podemos nos deslocar às instalações, o que vejo de fora parece-me agradável para as crianças;
- 19/ A equipa de auxiliares e educadoras são realmente o mais importante. Acho que fazem todos os dias um trabalho de excelência onde o amor e dedicação estão francamente presentes. Um muito obrigada a todas;
- 20/ Não respondi às perguntas anteriores porque devido à pandemia que vivemos não tive o prazer de conhecer ao pormenor as instalações, mas o meu filho gosta muito do espaço e das atividades realizadas;
- 21/ Não conheço o espaço pois com a covid não foi permitido conhecer as instalações, logo não posso responder às questões;
- 22/ Gosto muito dos projetos que desenvolvem com recursos à natureza e atividades ao ar livre;
- 23/ Não tenho opinião formada pois nunca fiz nenhuma visita à instalação;
- 24/ A chegada da pandemia impediu-me de conhecer o espaço físico onde atualmente desenvolvem as atividades;
- 25/ É um espaço limpo, asseado, a precisar de obras;
- 26/ Não excluindo ninguém, mas muito tenho que enaltecer a educadora Gorete e a auxiliar D^a Deolinda, pelo seu excelente trabalho com todos os meninos. Senhoras a seguir o seu exemplo de trabalho e profissionalismo trabalham com o coração;
- 27/ Acho muito importante os espaços exteriores, acho que na Santa Casa da Misericórdia é mal aproveitado os espaços ao ar livre;
- 28/ Muitas vezes não é o espaço que importa, mas sim as pessoas que cuidam dos nossos filhos. Carinho e atenção são a base para que tudo corra bem Respondendo às questões em cima, o espaço está devidamente organizado por fases de crescimento, e é apelativo às crianças;
- 29/ Instituição a precisar de obras, muito antiquada, com muitas cores e informação para uma criança assimilar;
- 30/ Devido à situação da pandemia de covid19 não conheço os espaços/ambiente em que o meu filho está nomeadamente sala, dormitório, recreio, etc.;
- 31/ A creche frequentada pela minha filha devia ter espaços ajardinados (relva, flores...) onde as crianças pudessem brincar;

32/ As minhas respostas baseiam-se no ano letivo anterior, uma vez que a partir do ano covid-19 nunca mais nos foi possível a entrada na creche. Com isto aproveito para dizer que nem tudo é mau. Faz falta para os pais entrarem na creche, ver o espaço, ver as crianças brincarem, termos uma ligação mais próxima com as educadoras. Mas depois da covid-19 certas regras que implementaram que deveriam continuar no futuro como:

- A troca de sapatos das crianças e educadoras;
- A desinfeção do espaço;

33/ Não conheci o espaço devido à situação de pandemia que atravessamos;

34/ Todo o pessoal que trata do meu bebé, é humanamente competente só tenho a agradecer;

35/ Não sei, porque nunca visitei (normas covid);

36/ Mais nada a acrescentar;

37/ Creche com ambiente bom, muitos brinquedos, tarefas variadas, equipamentos adequados;

38/ O meu filho iniciou a frequência da creche a 1 de Março, em fase de confinamento. Por isso não me foi possível conhecer presencialmente os espaços por ele frequentados. As respostas às questões anteriores baseiam-se na experiência previa com a minha filha, agora com 3 anos;

39/ Não respondi às questões anteriores devido ao facto de não conhecer as instalações na parte interior, só por foto;

40/ É difícil responder a estas questões, porque não conheço o espaço, ou seja, a parte interior;

41/ O meu filho entrou na época da covid19, não foi permitido conhecer as instalações;

42/ Respondendo às questões em cima, o espaço está devidamente organizado por fases de crescimento, e é apelativo às crianças.